

**FLÁVIA ORCI FERNANDES**

**SINTATICIZAÇÃO E SEMANTICIZAÇÃO DAS  
CONSTRUÇÕES ANDAR, CONTINUAR, FICAR, VIVER +  
GERÚNDIO NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS PAULISTA**

***SINTATICIZATION AND SEMANTICIZATION OF THE VERBAL  
PERIPHRAISIS ANDAR, CONTINUAR, FICAR, VIVER + GERUND  
IN THE HISTORY OF PAULISTA PORTUGUESE***

**CAMPINAS  
2012**





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

FLÁVIA ORCI FERNANDES

**SINTATICIZAÇÃO E SEMANTICIZAÇÃO DAS  
CONSTRUÇÕES ANDAR, CONTINUAR, FICAR, VIVER +  
GERÚNDIO NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS PAULISTA**

***SINTATICIZATION AND SEMANTICIZATION OF THE  
VERBAL PERIPHRASES ANDAR, CONTINUAR, FICAR,  
VIVER + GERUND IN THE HISTORY OF PAULISTA  
PORTUGUESE***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do Título de Mestre na área de Linguística.

*Masters dissertation presented to the Language Studies Institute of the University of Campinas to obtain the Masters grade in Linguistics.*

**Orientador: Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho**

***Advisor: Prof. Ph.D. Ataliba Teixeira de Castilho***

**CAMPINAS  
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

F391s Fernandes, Flávia Orci, 1986-  
Sintaticização e semanticização das construções  
andar, continuar, ficar, viver + gerúndio na história do  
português paulista / Flávia Orci Fernandes. -- Campinas,  
SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Ataliba Teixeira de Castilho.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Gramaticalização. 2. Língua  
portuguesa - Aspecto verbal. 3. Língua portuguesa - Estado  
de São Paulo (Estado). 4. Gramática comparada e geral -  
Auxiliares. 5. Mudanças linguísticas. I. Castilho, Ataliba T.  
de, 1937-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto  
de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Sintaticization and semanticization of the verbal periphrasis  
andar, continuar, ficar, viver + gerund in the history of Paulista Portuguese.

**Palavras-chave em inglês:**

Portuguese language - Grammaticalization  
Portuguese language – Verbal aspect  
Portuguese language – São Paulo (Estado)  
Comparative and general grammar - Assistant  
Linguistics change

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Mestre em Linguística.

**Banca examinadora:**

Ataliba Teixeira de Castilho [Orientador]  
Rodolfo Ilari

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

**Data da defesa:** 15-05-2012.

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

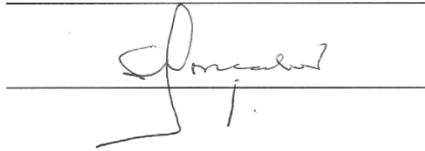
Ataliba Teixeira de Castilho



Rodolfo Ilari



Sebastião Carlos Leite Gonçalves



José da Silva Simões



Verena Kewitz



IEL/UNICAMP  
2012



## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, por receber-me como sua orientanda, o que para mim significa a grande oportunidade de poder desfrutar de sua experiência, de seu conhecimento linguístico e de seu amor à profissão docente; pelo seu modo de vida tão humilde, bem humorado, sensível e sincero, o que fez com que o meu percurso de mestrado fosse menos turbulento; e pelo incentivo constante, principalmente nos momentos mais desafiadores. Obrigada, Prof. Ataliba, por continuar me orientando. Agradeço também a sua esposa, Dra. Célia Maria Moraes de Castilho, que sempre me recebeu de braços abertos.

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, por acreditar em mim desde 2006, quando eu ainda buscava uma disciplina de interesse nos estudos linguísticos; pela sua paciência; pelas broncas; pelas horas ao meu lado, ouvindo minhas reclamações e corrigindo meus equívocos; pelo incentivo quando da minha escolha pela Unicamp; por ter aceitado participar da minha defesa; pelo exemplo de desprendimento; por sempre se lembrar de mim; e, além de tudo, por ter me ensinado a assumir minhas escolhas. Prof. Sebastião, obrigada por continuar torcendo por mim.

Ao Prof. Dr. Rodolfo Ilari, pela disponibilidade não só em participar do meu exame de qualificação e da banca de defesa, mas também por ouvir meus devaneios acadêmicos em algumas preciosas oportunidades; por me ensinar que mudar de ideia pode ser sempre uma boa ideia quando essa nova ideia parecer mais interessante, mesmo que não seja a mais correta à primeira vista. Prof. Ilari, obrigada por continuar lendo meus trabalhos.

Ao Prof. Dr. José Simões, pelas valiosas contribuições na ocasião do exame de qualificação e por ter aceitado o convite para ser membro suplente da minha defesa; pelo exemplo de pesquisador e pelo bom humor.

À Profa. Dra. Verena Kewitz, por aceitar o convite para participar da banca de defesa como membro suplente, pelo comprometimento com a pesquisa, pela generosidade e também pelos convites para participações em congressos.

Aos professores da UNESP de São José do Rio Preto, em especial à Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa, pela oportunidade de tê-la como inspiração; à Profa. Anna Flora

Brunelli, pelo incentivo; à Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran, por ter comemorado comigo minha ida para a Unicamp mesmo quando ainda não me conhecia; à Profa. Dra. Maria Antônia Granville, *in memoriam*. A todas vocês, agradeço principalmente pelas contribuições na minha formação básica e pelo exemplo de profissionais do ensino e da pesquisa. Agradeço também aos professores da Unicamp, pelo modo como me receberam nas disciplinas cursadas e pelo convívio harmonioso e encorajador.

Aos funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, em especial à Rose, ao Cláudio e ao Miguel. À Magda, do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) da Unicamp e à Profa. Dra. Kátia Stancato, da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, pelo carinho e pela oportunidade de tê-las encontrado em meu caminho.

Aos meus amigos, daqui, dali, de lá e de sempre, com quem compartilhei as angústias e as alegrias de meu percurso acadêmico: Mirane, Fran, Abner, Lilian, Renata, André, Fernando, Ana Maria, Robson. À Profa. Dra. Edilaine Buin Barbosa por ter me encorajado sempre. Aos colegas de trabalho da Unesp e da Unicamp, Tatiana, Michel, Cássio, Marcos, Fábio e Kelly.

À FAPESP (Proc. nº. 2010/03593-4) pela concessão da bolsa durante o desenvolvimento da pesquisa.

A todos os meus familiares, dos dois lados, pela acolhida, pela ajuda desmedida, pelo incentivo e pela compreensão nos momentos em que não pude partilhar de suas companhias. Em especial aos meus padrinhos e primos, aos meus tios, aos meus sogros, Rogeria e Julio Cesar, e aos meus cunhados.

Ao Julio Cesar, por ter me apoiado e me apoiar sempre e para sempre; pelas noites em claro; pelos capuccinos; pelas pizzas; pelos filmes e pelas séries; pelos livros; pela coragem; por ter mudado a minha vida; por ter lido meu trabalho de modo crítico; por rir do meu “dialeto”; por provocar os mais diversos sentimentos que fazem com que eu me sinta viva todos os dias; e por me fazer feliz.

Por fim, e mais importante, aos meus pais, Rubens e Maria Regina, por serem exemplo de honestidade, por terem me ensinado de modo muito eficiente a não desistir, por serem tão generosos, pelas broncas, enfim, por serem meus pais!

*And I don't know why I'm wrong*

*I've found my treasure*

*Has it found me?*

(“Treasures of the world” – Maestrick)



## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar o percurso diacrônico das construções com os verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio sob a perspectiva da Abordagem multissistêmica da língua. Com este trabalho, pretendemos contribuir para um melhor entendimento dos mecanismos envolvidos na mudança verbal, uma vez que a perspectiva aqui adotada procura analisar os sistemas do Léxico, da Semântica, da Sintaxe e do Discurso e seus processos de Lexicalização, Semanticização, Gramaticalização e Discursivização, de modo a constituir uma análise bastante completa. Focalizamos, neste trabalho, os processos de Sintaticização e Semanticização, aplicados em dados de escrita dos séculos XVIII, XIX e XX. Esperamos que as construções investigadas constituam perífrases verbais codificadoras de aspecto.

**Palavras-chave:** Gramaticalização; Aspecto verbal; Português paulista; Auxiliares; Mudança linguística.



## **ABSTRACT**

The aim of this dissertation is to investigate the diachronic change of the constructions with the verbs *andar* (to walk), *continuar* (to continue), *ficar* (to stay) and *viver* (to live) followed by gerund according to the multissystemic approach to language, which is located on the board of cognitive-functionalist theory. With this work, we intend to contribute to a better understanding of the mechanisms involved in verbal change, since the perspective adopted here is to analyze the systems of the Lexicon, Semantics, Syntax and Discourse and its processes Lexicalization, Semanticization, Grammaticalization and Discursivization in order to provide a rather complete analysis. Letters written by newspapers readers as well as personal letters from nineteenth and twentieth century's have been analyzed in order to identify sintaticization and semanticization of verbs as full verbs, functional verbs or auxiliary verbs, in the case of gerund constructions.

**Keywords:** Grammaticalization; Verbal aspect; Paulista Portuguese; Auxiliaries; Linguistic change.

## LISTAS

### Lista de figuras

Figura 1 - Tipologia aspectual proposta por Comrie (adaptada de COMRIE, 1976: 25)....	58
Figura 2 - Esquema de desenvolvimento do auxiliar <i>be going to</i> (HOPPER/TRAUGOTT, 1993: 61).....	83

### Lista de gráficos

Gráfico 1 - Total de ocorrências dos verbos <i>andar</i> , <i>continuar</i> , <i>ficar</i> e <i>viver</i> coletadas no <i>corpus</i> .....	91
Gráfico 2 - Total de ocorrências do verbo <i>andar</i> nos séculos XVIII, XIX e XX.....	94
Gráfico 3 - Total de ocorrências do verbo <i>continuar</i> nos séculos XVIII, XIX e XX.....	101
Gráfico 4 - Total de ocorrências do verbo <i>ficar</i> nos séculos XVIII, XIX e XX .....	113
Gráfico 5 - Total de ocorrências do verbo <i>viver</i> nos séculos XVIII, XIX e XX.....	126
Gráfico 6 - Total de ocorrências formadas por <i>andar</i> , <i>continuar</i> , <i>ficar</i> e <i>viver</i> seguidos de gerúndio em dados de fala do interior paulista – século XX (FERNANDES, 2010).....	144

### Lista de quadros

Quadro 1 - Critérios de auxiliaridade propostos por diversos autores (FERNANDES, 2010) .....	47
Quadro 2 - Tipologia aspectual proposta por Castilho (1968: 48) .....	52
Quadro 3 - Tipologia aspectual proposta por Castilho (2002) .....	53
Quadro 4 - Tipologia do aspecto (Castilho 2010: 420).....	54
Quadro 5 - Tipologia aspectual proposta por Travaglia (1981) .....	54
Quadro 6 - Cruzamento das noções aspectuais propostas por Ilari/Basso (2008).....	56
Quadro 7 - Classificação aspectual de perífrases com <i>andar</i> , <i>continuar</i> , <i>ficar</i> e <i>viver</i> , segundo Travaglia (1981) .....	57
Quadro 8 - Repetição e elipse de expressões - NURC D2 SP 360: 121 126 (CASTILHO, 2011: 3).....	61
Quadro 9 - Categorias lexicais vs. categorias gramaticais adaptado de Heine <i>et al.</i> , 1991) 79	
Quadro 10 - Relações entre categorias metafóricas e tipos de palavras e constituintes (adaptado de HEINE <i>et al.</i> , 1991: 53-54).....	80

Quadro 11 - Principais diferenças entre a atuação da metáfora e da metonímia (GONÇALVES <i>et al.</i> , 2007: 49).....	82
Quadro 12 - Relação de textos do século XVIII.....	85
Quadro 13 - Relação de textos do século XIX .....	86
Quadro 14 - Relação de textos do século XX.....	86
Quadro 15 - Critérios de auxiliaridade empregados nesta pesquisa .....	87
Quadro 16 - Tipologia aspectual empregada na análise (CASTILHO, 2010) .....	88

### Lista de tabelas

Tabela 1 - Total de ocorrências do verbo <i>andar</i> em dados dos séculos XVIII, XIX e XX do português paulista.....	95
Tabela 2 - Total de construções com o verbo <i>andar</i> seguido de gerúndio .....	98
Tabela 3 - Total de ocorrências do verbo <i>continuar</i> em dados dos séculos XVII, XIX e XX do português paulista.....	102
Tabela 4 - Total de construções com o verbo <i>continuar</i> seguido de gerúndio.....	104
Tabela 5 - Total de ocorrências do verbo <i>continuar</i> em dados dos séculos XVII, XIX e XX do português paulista.....	114
Tabela 6 - Total de construções com o verbo <i>ficar</i> seguido de gerúndio .....	116
Tabela 7 - Total de ocorrências do verbo <i>vivier</i> em dados dos séculos XVIII, XIX e XX do português paulista.....	126
Tabela 8 - Frequências <i>token</i> e <i>type</i> de <i>andar</i> + gerúndio .....	134
Tabela 9 - Frequências <i>token</i> e <i>type</i> de <i>continuar</i> + gerúndio.....	137
Tabela 10 - Frequências <i>token</i> e <i>type</i> de <i>ficar</i> +gerúndio .....	141
Tabela 11 - Frequências <i>token</i> e <i>type</i> de <i>viver</i> +gerúndio .....	143
Tabela 12 - Construções formadas pelos verbos <i>andar</i> , <i>continuar</i> , <i>ficar</i> e <i>viver</i> seguidos de gerúndio nos séculos XVIII, XIX e XX.....	144



## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

DSC	Dispositivo sociocognitivo
MR	Momento da referência
PB	Português Brasileiro
PPHPP	Projeto Para a História do Português Paulista
PP	Português Paulista
S.N.	Situação narrada
S.R.	Situação referencial
TD	Tradição Discursiva



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>1. Considerações iniciais.....</b>	<b>21</b>
<b>2. Objetivos e hipóteses.....</b>	<b>21</b>
<b>3. Estrutura da dissertação .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO I: RECORTE DO CAMPO .....</b>	<b>25</b>
<b>I.1. A Linguística Histórica .....</b>	<b>25</b>
I.1.1. Neogramáticos .....	30
I.1.2. Estruturalistas .....	31
I.1.3. Funcionalistas .....	31
<b>I.2. Linguística Histórica no Brasil .....</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO II: O PROBLEMA .....</b>	<b>37</b>
<b>II.1. A auxiliarização .....</b>	<b>37</b>
<b>II.2. Aspecto verbal .....</b>	<b>48</b>
II.2.1. Tipologia aspectual no português brasileiro .....	51
<b>CAPÍTULO III: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>61</b>
<b>III.1. Léxico e Lexicalização.....</b>	<b>67</b>
<b>III.2. Semântica e Semanticização .....</b>	<b>68</b>
<b>III.3. Discurso e Discursivização .....</b>	<b>68</b>
<b>III.4. Gramática e Gramaticalização .....</b>	<b>70</b>
III.4.1. Primeiros estudos sobre gramaticalização.....	71
III.4.2. Estudos recentes sobre gramaticalização.....	74
III.4.3. Princípio e mecanismos da gramaticalização .....	78
<b>CAPÍTULO IV: METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>85</b>

IV.1. Coleta de dados .....	85
IV.2. Investigação dos dados .....	87
IV.3. Considerações sobre a frequência dos itens no discurso .....	89
<b>CAPÍTULO V: SINTATICIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM OS VERBOS ANDAR, CONTINUAR, FICAR E VIVER SEGUIDOS DE GERÚNDIO .....</b>	<b>91</b>
<b>V.1. Construções com o verbo <i>andar</i> .....</b>	<b>94</b>
V.1.1. <i>Andar</i> + gerúndio .....	98
<b>V.2. Construções com o verbo <i>continuar</i> .....</b>	<b>101</b>
V.2.1. <i>Contiuar</i> + gerúndio .....	104
<b>V.3. Construções com o verbo <i>ficar</i> .....</b>	<b>113</b>
V.3.1. <i>Ficar</i> + gerúndio .....	116
<b>V.4. Construções com o verbo <i>viver</i> .....</b>	<b>125</b>
V.4.1. <i>Viver</i> + gerúndio .....	127
<b>CAPÍTULO VI: SEMANTICIZAÇÕES DAS CONSTRUÇÕES COM OS VERBOS ANDAR, CONTINUAR, FICAR E VIVER SEGUIDOS DE GERÚNDIO .....</b>	<b>131</b>
<b>VI.1. Construções com o verbo <i>andar</i> .....</b>	<b>131</b>
<b>VI.2. Construções com o verbo <i>continuar</i> .....</b>	<b>135</b>
<b>VI.3. Construções com o verbo <i>ficar</i> .....</b>	<b>138</b>
<b>VI.4. Construções com o verbo <i>viver</i> .....</b>	<b>142</b>
<b>VI.5. Discussão dos resultados gerais .....</b>	<b>143</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>147</b>

# INTRODUÇÃO

## 1. Considerações iniciais

Neste trabalho, investigamos o percurso diacrônico de construções com os verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio sob a perspectiva da Abordagem multissistêmica da língua. O interesse por esses tipos de construções deve-se ao fato de que, apesar de haver uma série de trabalhos que descrevem as perífrases aspectuais, o português brasileiro e, mais especificamente, o português paulista, carecem de estudos diacrônicos e, ainda, que busquem correlacionar seus diferentes empregos. Com este trabalho, pretendemos contribuir para um melhor entendimento dos mecanismos envolvidos na mudança verbal, uma vez que a perspectiva aqui adotada – a da Abordagem multissistêmica – procura analisar os sistemas do Léxico, da Semântica, da Sintaxe e do Discurso e seus processos de Lexicalização, Semanticização, Gramaticalização e Discursivização, de modo a constituir uma análise bastante completa.

Os estudos relativos à mudança verbal vêm sendo feitos a partir da abordagem clássica, a qual considera a gramaticalização um epifenômeno, englobando os demais sistemas, ou seja, os estudos clássicos sobre gramaticalização entendem que a mudança é regida a partir da hierarquia estabelecida entre a gramática e os demais sistemas da língua (léxico, semântica e discurso) e, além disso, analisa apenas os produtos oriundos da mudança, preterindo, por vezes, a análise dos processos. Na tentativa de fornecer uma explicação mais detalhada sobre a mudança verbal, focalizamos, neste trabalho, os processos de Sintaticização e Semanticização.

## 2. Objetivos e hipóteses

Pautando-nos na Abordagem multissistêmica da língua e na perspectiva das Tradições discursivas, pretendemos descrever e analisar as construções com os verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver*, focalizando as construções com gerúndio. Para tanto, foram

utilizados dados de escrita dos séculos XVIII, XIX e XX, coletados no *corpus* mínimo do Projeto Para a História do Português Paulista – Projeto Caipira (doravante PHPP) e em materiais reunidos por nós durante a execução do projeto de pesquisa. Mais especificamente, pretendemos responder a seguinte questão: como se comportam diacronicamente as construções formadas pelos verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio nos séculos XVIII, XIX e XX no português paulista? A expectativa é de que as referidas construções representem as categorias cognitivas de VISÃO e EVENTO e que sejam perífrases formadas por um verbo auxiliar. Além disso, espera-se que as perífrases formadas por esses verbos codifiquem aspecto imperfectivo cursivo independentemente de sua flexão modo-temporal.

Para que o objetivo geral fosse alcançado, alguns objetivos específicos foram contemplados:

- identificação, em dados dos séculos XVIII, XIX e XX, das construções com os verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver*, em todos os seus contextos, a fim de que fossem analisadas e classificadas as funções sintáticas codificadas pelas referidas construções;
- focalização das construções com gerúndio e análise quantitativo-qualitativa, considerando, principalmente, os processos de semanticização e sintaticização.

### **3. Estrutura da dissertação**

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos. No capítulo I, *Recorte do campo*, realizamos uma breve apresentação da Linguística Histórica, campo em que se situa esta pesquisa. Esta dissertação enquadra-se no Projeto de História do Português Paulista o qual, por sua vez, integra-se no Projeto para a História do Português Brasileiro. A agenda desse projeto compreende cinco áreas: (i) organização do *corpus* diacrônico, (ii) mudança gramatical, (iii) história social, (iv) diacronia dos processos constitutivos do texto e das tradições discursivas, (v) léxico histórico do PB. Este trabalho situa-se nas pesquisas sobre mudança gramatical, mais particularmente, na mudança sintática de recorte funcionalista.

No capítulo II, *O problema*, focalizamos as construções com verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* e as construções com gerúndio, elaborando questões tais como a

auxiliarização e a formação das perífrases. Num segundo momento, tratamos do aspecto verbal expresso pelas perífrases de gerúndio. Duas expectativas movimentam esse capítulo: (1) no que se refere especificamente às construções com gerúndio, espera-se que os diferentes tipos de V1 (*andar, continuar, ficar e viver*) funcionem como verbos auxiliares; (2) além disso, espera-se que as perífrases gerundiais codifiquem o aspecto imperfectivo e estejam representadas principalmente pelas subcategorias cognitivas de VISÃO e EVENTO.

No capítulo III, *Fundamentação teórica*, apresentamos a Abordagem multissistêmica e a teoria das Tradições discursivas, que forneceram o enfoque no qual situamos os dados a serem analisados. A Abordagem multissistêmica considera que a mudança linguística não ocorre de maneira linear, ou seja, segundo essa perspectiva a mudança não é unidirecional. Nesse sentido, buscamos a comprovação de que as diferentes construções com cada um dos verbos analisados são fenômenos que demonstram claramente esse fato. Para tanto, é de suma importância uma pesquisa em dados diacrônicos, a qual pretende confirmar a multilinearidade dos processos e produtos.

Com o Capítulo IV, *Metodologia da pesquisa*, objetivamos apresentar o *corpus* adotado e as decisões tomadas para o tratamento diacrônico do tema.

No Capítulo V, *Sintaticização das construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver*, analisamos o grau de gramaticalidade das construções e investigamos o processo de auxiliarização das perífrases objeto de estudo.

O Capítulo VI, *Semanticização das construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver*, é destinado à análise dos dados referente aos processos semânticos que estão envolvidos na formação de tais construções verbais.

Ao final do trabalho, apresentamos as conclusões da pesquisa e as referências bibliográficas.



# CAPÍTULO I: RECORTE DO CAMPO

## I.1. A Linguística Histórica

A noção de que a língua está em constante alteração parece ser uma verdade universal, tanto para o falante da língua, quanto para estudiosos de diferentes orientações teóricas, cada qual com suas devidas ressalvas. Basta repararmos, por exemplo, na constituição de textos antigos de uma mesma língua em comparação com os atuais ou nas falas de indivíduos de diferentes faixas etárias e regiões. Com base no pressuposto da mudança, pode-se perceber o surgimento da Linguística Histórica, a qual é definida exatamente a partir da ideia de que toda língua, em qualquer lugar, se modifica lenta e gradualmente. Nesse processo, parte do sistema linguístico é afetado. Linguística porque se refere às línguas, Histórica porque onde há mudança, infere-se haver, com certeza, história. (MAURER JR., 1967)

A Linguística Histórica, após ter sido afastada do foco dos estudos linguísticos acadêmicos, vem retomando seu espaço. Torna-se necessário, então, explicitar os motivos desse retorno ao cenário científico, por meio de um breve retrospecto dessa ciência. Como ressalta Sousa (2006), o interesse pelo estudo da história das línguas é muito anterior ao século XIX, mas é certo que a reflexão linguística desse período “representa um marco divisor na história das histórias do tempo e da linguagem, por inaugurar uma concepção inteiramente nova dos condicionantes dessa relação, e construir um novo plano para sua análise” (SOUSA, 2006: 14).

Segundo Faraco (2005),

As sociedades humanas que tiveram escrita e puderam assim preservar textos literários e religiosos (...) desenvolveram (...) estudos filológicos. São exemplos disso os trabalhos dos sábios hindus que (...) procuravam fixar seus textos religiosos; os estudos que os alexandrinos (...) fizeram dos textos dos poetas gregos antigos; o esforço dos comentadores árabes (...) para fixar o texto do Corão. (FARACO, 2005: 131)

Esse trecho ilustra o fato de que, antes do advento da Linguística Histórica, havia questões de história da linguagem sendo examinadas e estudadas. A existência de textos

antigos preservados, aliada aos estudos socioculturais feitos pelos filólogos, serão sempre fatores essenciais para um bom estudo histórico da língua.

No final do século XVIII e início do século XIX, alguns estudiosos, como o inglês William Jones (1746-1794) e Franz Bopp (1791-1867), lançaram gramáticas comparativas com o fim de se reconstituir uma protolíngua, que seria a língua mãe de todas aquelas que, comparadas, demonstrassem gênese parecida. A essa protolíngua chamaram indo-europeu. Pode-se considerar, a partir desse momento, que o método comparativo havia sido criado, mas os trabalhos ainda não tinham cunho histórico bem desenvolvido e definido, aos moldes do futuro método histórico-comparativo, mais aperfeiçoado. Franz Bopp, por exemplo, na obra *O sistema de conjugação do sânscrito comparado aos das línguas grega, latina, persa e germânica* (1816, *apud* ILARI, 2004), encontrou dados que comprovariam algum parentesco entre as citadas línguas, porém não os ordenou, inicialmente, de forma a distribuir historicamente todos os fatos analisados (ILARI, 2004).

A prática pormenorizada e mais aperfeiçoada do método comparativo apareceu com Jacob Grimm (1785-1863), em sua *Deutsche Grammatik* (1819, 1922), na qual analisou princípios flexionais. Além de abordar as mudanças nas formas verbais a partir de uma forma indo-europeia, o autor também discorreu sobre processos fonético-fonológicos que ocorrem em línguas germânicas (CÂMARA JR., 1975). A partir de então, a sucessão histórica dos fatos começou a ser uma preocupação dominante nos estudos de língua, tornando possível a percepção de certa regularidade na mudança das línguas. Como salienta Sousa (2006), os estudos históricos da língua ao longo do século XIX buscaram articular a esfera documental com a esfera experimental em um mesmo plano de análise, construindo assim a abordagem histórico-comparativa.

Seguindo essa tendência, criou-se a disciplina de Filologia Românica, que consiste no estudo de uma das subfamílias indo-europeias: a *românica*. Embasada no modelo dos indo-europeístas, a Filologia Românica foi responsável por uma grande contribuição aos estudos histórico-comparativos, pois, com ela, foi possível obter material suficiente para um progresso expressivo na metodologia dos estudos históricos. A partir dos trabalhos de Diez, como a *Gramática das línguas românicas*, de 1836, e o *Dicionário Etimológico das Línguas Românicas*, de 1853, iniciou-se um novo período para a Linguística Histórica, a

qual passou a ser tratada de modo reconhecidamente científico (ILARI, 2004). O fato de as línguas filhas do latim e o próprio latim possuírem extensos acervos de documentos escritos possibilitou o desenvolvimento contínuo de novas descobertas naquele campo de estudo. Dessa maneira, foi possível validar a reconstrução de palavras a partir dos documentos analisados.

É válido lembrar, da mesma forma, do influente comparativista Schleicher (1821-1868), que lançou nos estudos comparativos a ideia, hoje já ultrapassada, de que a língua se comportaria como um organismo vivo, desatrelada de seus falantes, relacionando a história da língua à história natural. Nesse sentido, baseado em uma concepção evolucionista da língua, Schleicher introduziu, em 1863, a noção de tipologia nos estudos históricos, que ainda hoje é usada em algumas pesquisas de Linguística Histórica, quando se quer relacionar línguas irmãs, filhas etc., por meio de representações em árvores.

Esse recorte tipológico recebeu fortes influências da teoria evolucionista de Darwin (1809-1882), a partir, principalmente, de 1859, com a obra *A origem das espécies*, bastante inovadora na época. Concebendo a língua também como um organismo, Schleicher a tratava como algo diretamente ligado à natureza, pertencente às leis de seleção natural. Àquela altura, os estudos linguísticos tratavam de textos escritos. Porém Schleicher lançou a obra *Handbuch der litauischen Sprache* (Manual da língua lituana), de 1856-1857, resultado de um estudo da língua com dados de fala, apresentando um importante e inovador recurso metodológico. (FARACO, 2005: 137-139)

Para Viaro (2011),

Deve-se a Schleicher o rigor de marcar as formas hipotéticas com asteriscos, prática que se segue até hoje, mas ainda não era totalmente difundida ainda na década de 70 do século XIX. Seu *Compendium* de 1861-1862 influenciará toda uma série de linguistas, que deram grande ênfase à regularidade das leis fonéticas. (VIARO, 2011: 81)

No período a que se refere Viaro (2011), constataram-se fundamentalmente duas maneiras de encarar as análises dos fatos linguísticos referentes às mudanças, mas tanto a tradição comparada quanto a histórico-comparada “procuravam recompor, a partir de um conjunto de fenômenos recortados no presente, um passado compreendido como sucessão

de etapas cronológicas linearmente agrupadas, unidirecionalmente orientadas – e, portanto, reversamente recuperáveis” (SOUSA, 2006: 17).

Concluimos que o início do que podemos chamar de Linguística Histórica foi marcado pela descrição e pela análise de fenômenos da linguagem do ponto de vista da evolução. A essa abordagem virá contrapor-se o recorte saussuriano.

Após a chegada do método precursor do estruturalismo, representado pela obra *Cours de linguistique générale* (1916), de Ferdinand de Saussure, admitiu-se que os cientistas que valorizassem a homogeneização e a autonomia da língua teriam mais êxito em seus estudos. Como consequência, a maioria dos cientistas seguiu a tendência de tratar a mudança por meio de elementos estritamente linguísticos. A partir dessa inclinação, criou-se, no âmbito acadêmico, uma propensão menor aos estudos que privilegiassem a Linguística Histórica, que necessita diretamente de recortes diacrônicos, dando maior ênfase aos estudos que descartassem esses recortes, e preocupando-se, predominantemente, com um estado contemporâneo da língua, ou seja, um estado sincrônico. Essa separação de recortes favoreceu diferentes preferências metodológicas e pontos de vista sobre a mudança (FARACO, 2005).

O fato de os estudos históricos terem sido relegados a segundo plano pode ser entendido como pertinente para os estudos da época, na medida em que havia a crença de que, para se fazer “ciência de qualidade”, havia a necessidade de se abstrair a língua como uma entidade destituída de historicidade. Por outro lado, podemos hoje considerar essa divisão de preferências um tanto quanto discutível, tendo em vista que os estudos de ciência linguística apontam para a necessidade da conjugação dos recortes sincrônico e diacrônico. Os métodos de cada orientação teórica serão sempre escolhidos de acordo com a maneira como a mudança é tratada.

Na Linguística Histórica, de maneira geral, são estudadas a história interna e a história externa da língua. Na primeira, há uma explicitação estrutural dos dados, responsável por extrair o máximo da história interna da língua, excetuando-se os motivadores externos que a segunda empenha em desvendar, ou seja, as relações sociais e culturais de determinados povos e regiões, criando, a partir deles, um modo mais abrangente de se estudar as alterações na língua. O mais recomendado em Linguística, para

os funcionalistas atuais, parece ser unificar história interna e história externa, ligando esses dois enfoques a resultados mais detalhados das mudanças linguísticas. Porém não é isso que sempre aconteceu ou acontece.

De um lado, temos a heterogeneidade linguística, propriedade reconhecida pelos sociolinguistas variacionistas, dialetólogos e alguns funcionalistas, e, de outro, temos a homogeneidade da língua, orientação dos estruturalistas em geral, dos antigos neogramáticos e dos atuais gerativistas.

Saussure foi o criador das dicotomias *sincronia x diacronia*, *língua x fala* e *individual x social*. Elas seriam completamente separáveis umas das outras para os estruturalistas, porém são completamente convergentes para os sociolinguistas. É bem verdade que ainda se faz confusão entre Linguística Sincrônica e Linguística Histórica. A primeira, no imaginário de muitos pesquisadores, se refere à descrição da língua, ao passo que a segunda se refere apenas ao estudo especificamente histórico das línguas. Isso não faria sentido, visto que as duas devem sempre se complementar com a história, por meio de descrições, comprovando as hipóteses sincrônicas e estas, por sua vez, comprovando haver variações em um determinado tempo. Por considerarmos que o estudo linguístico histórico é fundamentado pelo estudo de várias sincronias de uma língua, provamos que os âmbitos das pesquisas linguísticas se valem de diacronia e sincronia.

Para a maioria dos estruturalistas, considerar, em determinados momentos, que o sistema da língua não se altera, é considerar que nem a sociedade nem a própria mudança da língua podem intervir na constituição interna da estrutura linguística. Porém a heterogeneidade, para os não imanentistas, parece não se distanciar do sistema estrutural no momento da mudança das línguas em geral.

A prática de combinar as análises estruturais com as sociais está, de acordo com Faraco (2005), em vigência nos estudos variacionistas, além de trazer resultados empíricos precisos acerca das transformações da língua. Já os estudos mais imanentistas insistem em recriar a língua como um objeto ideal e autônomo, colocando de lado as mudanças, produzindo, assim, entre o indivíduo e sua língua, um imenso vazio.

### I.1.1. Neogramáticos

Uma das maiores contribuições aos estudos da mudança foi sem dúvida a dos neogramáticos. Eles foram responsáveis, no fim do século XIX, por uma reviravolta nos estudos da Linguística Histórica. A principal inovação é a de que, pela primeira vez, sentiu-se a necessidade de se teorizar a mudança linguística, ao mesmo tempo em que as metodologias usadas pelos histórico-comparativos eram questionadas seriamente.

A fim de se criar essa teorização da mudança, os neogramáticos priorizaram o estudo das transformações sonoras pressupondo uma regularidade absoluta dessas mudanças. Desenvolveram, então, as famosas “leis fonéticas”, responsáveis por organizar a desordem ainda existente quando o assunto era a direcionalidade das mudanças nos sons da língua. São os neogramáticos responsáveis pelo futuro engrandecimento do imanentismo nos estudos linguísticos, pois é por meio das mesmas leis fonéticas que a noção da estrutura autossuficiente se espalha pelo mundo acadêmico.

As leis fonéticas foram desenvolvidas a partir de algumas evidências e regularidades que os sons manifestavam na mudança das línguas. Essas leis davam conta de explicar muitos fenômenos de mudança em partes da língua. Porém, após anos de aplicação dessas leis, os neogramáticos começaram a tratá-las como obrigatórias, passando a explicar os fenômenos de mudança por elas. Quando a lei fonética não dava conta do fenômeno, os neogramáticos recorriam ao princípio da *analogia*. Tratava-se, para os neogramáticos, do processo em que formas fonéticas irregulares se estabeleciam na língua como regulares porque recebiam influência direta de outras formas gramaticais ou fônicas. Geralmente, a analogia era usada como um atalho para as exceções que as leis fonéticas às vezes proporcionavam.

A obra *Morphologische Untersuchungen* [Investigações morfológicas] (1878, *apud* FARACO, 2005), de Karl Brugmann e Hermann Osthoff (1878, *apud* FARACO, 2005), é considerada um manifesto do movimento. Os autores defendem que o estudo da língua não pode ser separado da fala. O também alemão Hermann Paul, com sua obra *Prinzipien der Sprachgeschichte* [Princípios fundamentais da história das línguas], de 1880, introduziu seus pontos de vista a respeito da mudança nas línguas. De acordo com Paul, a mudança se origina no processo de aquisição da língua e, por isso, deveria se estudar a linguística

juntamente com a psicologia e a fisiologia (FARACO, 2005: 140). Seria possível, dessa maneira, alcançar o entendimento da mudança aliando os fatores psíquicos e físicos do indivíduo para melhores explicações. Percebe-se, nesse caso, uma relativa tendência em caracterizar o falante como um responsável quase direto pela mudança da língua.

Por atribuírem um caráter “incontestável” às leis fonéticas, os neogramáticos introduziram um preconceito que impede o estudo preciso da mudança: excluir invariavelmente a realidade heterogênea da língua. Apesar de trazerem mais rigor científico aos estudos históricos da língua, os neogramáticos talharam ao entenderem a regularidade como absoluta.

### **I.1.2. Estruturalistas**

No início do século XX, um conjunto de teóricos, contrários às tendências vigentes estruturalistas, fundou uma nova maneira de se estudar a língua. Saussure, como referência principal desse grupo, no livro póstumo já mencionado, propôs recortes metodológicos baseados em dicotomias, a fim de se organizar os estudos de língua, tornando-a um objeto científico. Com a máxima de que a língua é um sistema completamente autônomo, os seguidores de Saussure levaram as dicotomias às últimas consequências, considerando a língua, na maioria das vezes, somente em sua própria estrutura, excluindo-a das influências sociais. Nesse sentido, ao priorizar a homogeneidade, em detrimento da heterogeneidade, os estudos imanentistas tomam conta do cenário científico linguístico até os dias de hoje. O estruturalismo abriu um campo enorme e novo para os estudos linguísticos, e a maioria dos estudiosos, então, investiu nesse campo. A partir de então, os estudos diacrônicos relacionados à mudança linguística são marginalizados, mas não eliminados do quadro científico.

### **I.1.3. Funcionalistas**

Definir o funcionalismo é tarefa árdua, tendo em vista que não se trata de uma disciplina autônoma, e sim de uma orientação teórica que leva a linguística a conversar com

outras disciplinas consideradas relevantes para o estudo da linguagem, como a Pedagogia, a Sociologia, a Antropologia, a Semiologia, a História, a Filosofia etc. Sendo assim, o funcionalismo remete a uma série de teorias auxiliares: (i) a língua como competência comunicativa; (ii) a língua como um conjunto de funções socialmente definidas; (iii) a língua como um conjunto de atos de fala; (iv) a língua como variação e mudança; (v) a língua como discurso. Esse seu caráter interdisciplinar é resultado da questão básica que permeia qualquer vertente funcionalista: o interesse pela verificação de como se obtém a comunicação através da língua natural, ou seja, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam de modo eficiente. (NEVES, 1997)

Muitos estudiosos contribuíram para o programa funcionalista, dentre eles Halliday (1994 [1985]). Para esse autor, a língua é interpretada como um sistema de significados, acompanhado de formas por meio das quais esse significado pode ser realizado. De acordo com Halliday, a gramática funcional é designada para explicar como a língua é usada. Nesse sentido, trata-se de uma gramática natural, já que tudo poderia ser explicado com referência ao uso linguístico.

Segundo Halliday (1994 [1985]), os elementos linguísticos são multifuncionais, e essa multifuncionalidade promove uma integração entre os componentes da sintaxe, da semântica e da pragmática, podendo ser utilizada para entender a natureza e, conseqüentemente, as funções da língua em seu uso efetivo. Outro ponto de destaque referente aos objetivos dos estudos linguísticos, de acordo com o autor, seria a investigação de como as línguas evoluem ao longo do tempo e de como ocorre a variação de uso de acordo com o usuário e de acordo com as funções empregadas.

Simon Dik é outro linguista que contribuiu para a difusão dessa abordagem teórica. Dik (1997) argumenta que, para a abordagem funcionalista, o objetivo da língua é estabelecer relações comunicativas entre interlocutores. Do ponto de vista do autor, um modelo de gramática funcionalista adequado deve considerar a capacidade interpretativa dos usuários da língua, e não apenas sua capacidade produtiva. Nesse sentido, a comunicação cumpriria seu papel como atividade dinâmica e interativa.

No que se refere ao interesse dos funcionalistas sobre o modo como as línguas evoluem ao longo do tempo, destacamos os estudos de gramaticalização, que se orientam basicamente pelas seguintes hipóteses:

1. A gramaticalização é o conjunto das alterações sofridas por um item lexical ao longo das quais ele passa por modificações em suas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. Esse trajeto se dá tanto no tempo real quanto no tempo aparente: Hopper/Traugott (1993, 2004).
2. A gramaticalização pode ser representada pelos seguintes estágios: *Discurso* > *Sintaxe* > *Morfologia* > *Morfofonêmica* > *Zero*: Lehmann (1982: 13).
3. A gramaticalização implica a perda de propriedades, fato que pode ser apreendido em diferentes domínios da língua.
4. Focalizando a atenção no domínio da Semântica, Traugott (1989), Traugott/König (1991) e Heine/Claudi/Hünemeyer (eds. 1991) discutiram questões tais como a mudança de um sentido concreto para um sentido abstrato, a base cognitiva dos conceitos mais suscetíveis de mudança, a metáfora, a metonímia etc.
5. Finalmente, Lehmann (1982) e Hopper (1991) identificaram diversos princípios que regeriam os estágios da gramaticalização, a saber, (i) a analogia, (ii) a continuidade e o gradualismo, (iii) a unidirecionalidade e o simultaneísmo, e (iv) a reanálise.

De tais proposições e segundo o ponto de vista funcionalista sobre a gramaticalização, podemos considerar o seguinte: (i) *a língua é um conjunto de sistemas que se dispõem linearmente, de tal forma que uns derivam dos outros*; (ii) *há uma determinação entre os sistemas lexical, discursivo, sintático e semântico, sendo o Discurso o ponto de partida da gramaticalização*; (iii) “[a gramaticalização é a] evolução em que unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e substância fonética” (Hopper/Traugott, 1994/2004: 87); (iv) *a gramaticalização é unidirecional*.

A partir dessas considerações e das observações de alguns fenômenos do português brasileiro, Castilho (2009, 2010a, 2010b) fornece elementos importantes concernentes aos trabalhos sobre gramaticalização de modo a demonstrar que esse processo está sendo tratado como um epifenômeno, derivado de diferentes mudanças que ocorrem por razões

distintas. O autor argumenta que a gramaticalização não pode ser entendida como um epifenômeno, pois os sistemas da língua (a Gramática, a Semântica, o Léxico e o Discurso) não são hierarquizáveis e, sim, são unidades que mudam interna e simultaneamente segundo motivações cognitivo-funcionais. Isso significa dizer que, ao considerarmos gramaticalização um processo de mudança não unidirecional, ou seja, não derivado da Semântica, do Léxico ou do Discurso, estamos admitindo que se trata de um processo de mudança referente à sintaxe, à fonologia e à morfologia, e não aos outros sistemas.

Voltaremos nos capítulos II e III a discutir a contribuição funcionalista aos estudos da gramaticalização e a apresentar a Abordagem multissistêmica, de modo a explicitar como esta pode explicar melhor o processo de mudança das línguas.

## **I.2. Linguística Histórica no Brasil**

As novas tendências em linguística, de maneira geral, sempre chegaram mais tarde ao Brasil se comparadas aos centros de vanguarda linguística em que se originaram. É o que aconteceu com a Linguística Histórica. Até a década de 1960, o Brasil conviveu com um modelo histórico de estudo linguístico, mais filológico, que passou de hegemônico para raro durante a mesma década. Separados esses dois grandes momentos, seguiremos um paralelo ao trabalho de Rosa Virgínia Mattos e Silva (1999) para explicitar cronologicamente a história dos estudos linguísticos em nosso país.

O início dos estudos linguísticos no Brasil se deu, principalmente, junto aos estudos descritivos em língua portuguesa de Portugal e às tendências saussurianas. Obras do autor Manuel Said Ali, como a *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico* (1923), e a obra de Amadeu Amaral, *Dialeto Caipira* (1920), são responsáveis por demarcar esse primeiro momento de estudos históricos na linguística brasileira, representando um misto de filologia e dialetologia. Esse primeiro momento só se tornou possível, vale lembrar, devido aos intensos estudos filológicos, que puderam ser unidos à Linguística Histórica. (MATTOS e SILVA, 1999)

Se for preciso uma autoridade em linguística para se ter uma referência às explicações dos estudos históricos de língua no Brasil, esse nome é Serafim da Silva Neto,

com a obra *História da Língua Portuguesa*, lançada em fascículos entre 1952 e 1957. Suas obras registram interessante preocupação com a influência dos fenômenos socioculturais sobre a linguagem. A exemplo de Serafim, temos os trabalhos de renomados professores, como é o caso de Theodoro Maurer Jr., que oferece em suas obras uma introdução confiável e influente no que diz respeito ao estudo do latim vulgar, variedade latina que deu origem às línguas românicas.

Como havia ocorrido em todo o mundo, porém mais tardiamente aqui, os estudos estruturalistas, mais descritivos, com ênfase no estudo sincrônico da língua, predominavam no Brasil, ganhando privilégio no meio acadêmico. Esse fenômeno de mudança de perspectiva ocorreu a partir da introdução da disciplina *Linguística* nos currículos das universidades brasileiras, em 1963, apesar de a Linguística chamada moderna ter tido seu marco inicial em 1916. A partir de 1968, com a reforma universitária, que trouxe à tona a obrigatoriedade da pesquisa nas universidades, a abertura de programas de pós-graduação e a institucionalização de dedicação exclusiva para os professores pesquisadores, o Brasil começou a desenvolver seus estudos linguísticos, que vinha como a promessa de ser a maneira mais produtiva de se estudar a língua. Desse modo, os estudos históricos se marginalizam e dão lugar aos estudos imanentistas e, com mais frequência no país, aos estudos gerativistas. (MATTOS e SILVA, 1999)

A regra, então, eram os estudos descritivos. Iniciou-se um ganho de rigor científico nos estudos de dialetologia, preocupados em descrever minuciosamente as características da língua em diversas regiões do país. É, também, nesse período, que podemos reconhecer o grande valor que teve Joaquim Mattoso Câmara Jr., o precursor das ideias mais modernizantes na linguística brasileira. Sua obra *História e estrutura da língua portuguesa* foi concebida entre 1962 e 1965, editada primeiramente em inglês pela Chicago University Press em 1972, foi traduzida e publicada no Brasil em 1975. Ambas as publicações são póstumas.

Devido à prioridade dada aos estudos descritivos, ficou evidente a predominância sincrônica nas pesquisas do Brasil. Desse modo pudemos ter projetos que se dedicaram a descrever, por exemplo, o português falado, mais bem descrito a partir dos resultados do

projeto NURC. Alguns Atlas linguísticos também foram elaborados. (MATTOS e SILVA, 1999; CASTILHO, 2010)

Os desafios históricos ficaram de lado, porém é impossível não reconhecer a importância que teve a vinda dos estudos descritivos ao Brasil no que diz respeito à evolução científica, a qual trouxe cada vez mais rigor aos estudos linguísticos. Com a evidente primazia da sincronia, até então, seria normal imaginarmos que a diacronia não estivesse presente nos trabalhos brasileiros. Porém essa não foi exatamente a realidade das pesquisas no Brasil. O próprio Câmara Jr. aplicou a abordagem diacrônica em sua obra *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (1975), claro que se guardando as devidas proporções.

As pesquisas variacionistas labovianas começaram a adentrar-se em território brasileiro, fazendo com que a diacronia voltasse com mais veemência aos estudos linguísticos no Brasil, como os trabalhos de Naro, aplicados nos campos da fonologia e da sintaxe portuguesa. Essas e outras tantas pesquisas da segunda metade do século XX voltaram a orientar os estudos para uma visão diacrônica da língua.

## CAPÍTULO II: O PROBLEMA

O problema tratado nesta dissertação é o da diacronia dos verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* como auxiliares seguidos de gerúndio, construções essas examinadas do ponto de vista da constituição dos auxiliares e de sua expressão do aspecto.

Neste capítulo, discutimos o fenômeno da auxiliarização, um dos processos sintáticos de mudança, e a codificação do aspecto verbal, expresso pelas perífrases com as quais trabalhamos.

### II.1. A auxiliarização

Trataremos no capítulo III do recorte teórico adotado nesta dissertação. Sendo a gramaticalização um dos processos de constituição linguística, historiaremos naquela altura as principais contribuições ao estudo desse fenômeno, que se tornou central nos debates do modelo funcionalista diacrônico.

Tomaremos dali os parâmetros de Lehmann (1995 [1982]), reportando-nos especificamente ao parâmetro da conexidade ou conexão sintagmática, o qual, de acordo com o autor:

é a intimidade com que ele [um signo] é conectado a outro signo, com o qual sustenta uma relação sintagmática. O grau de conexidade de um signo varia da justaposição até a fusão, em proporção com o seu grau de gramaticalidade. (LEHMANN, 1982: 147-148)

A partir dessas considerações, relações sintagmáticas mais frouxas entre *andar/continuar/ficar/viver+gerúndio* apontarão para um menor grau de gramaticalidade das perífrases, enquanto relações mais estreitas apontarão para um maior grau de gramaticalidade das perífrases. Desse modo, podemos identificar as mudanças sintáticas que ocorreram nas construções.

Segundo Lehmann (1995 [1982]), um critério sintático bastante viável para se testar a conexidade de um formativo gramatical é a possibilidade de inserção de material entre ele

e a palavra a qual tende a se juntar. Será maior a gramaticalização do conjunto que não permitir a inserção de material em seu interior. Esse critério sintático apontado pelo linguista é equivalente ao critério da *inseparabilidade* de Lobato (1975) e Longo/Campos (2002), ao da *incidência do circunstante temporal sobre o grupo* e ao da *incidência da negativização sobre o grupo*, de Lobato (1975) e de Longo (1990), conforme será visto mais adiante. Isso nos leva a hipotetizar que os critérios de auxiliaridade talvez sejam bons instrumentos para medir o grau de gramaticalidade de perífrases, já que podem indicar, mediante análise qualitativa da atualização de cada critério, quão coesa é uma perífrase verbal.

A partir do levantamento de estudos sobre auxiliaridade, pudemos perceber grande divergência acerca da definição de *verbo auxiliar*, dos critérios adequados para sua identificação e da determinação da gama de entidades que deveriam receber esse rótulo. A depender do posicionamento teórico do investigador e dos critérios por ele adotados, haverá um diferente conceito de auxiliaridade e diferentes elementos linguísticos que comporão essa classe, mas há um consenso entre os pesquisadores de que um auxiliar é um verbo que passou pelo processo de gramaticalização. Para um grande número de autores, dentre os quais Heine (1993), o uso do termo *auxiliaridade* é primariamente associado a uma gama limitada de domínios nocionais, a maioria deles relacionada aos domínios de *tempo*, *aspecto* e *modalidade*. Em alguns poucos trabalhos, entretanto, o termo é aplicado a uma gama muito maior de fenômenos gramaticais e/ou lexicais.

Algumas hipóteses foram formuladas a fim de definir o estatuto de auxiliar de alguns verbos, dentre as quais, apresentamos as listadas por Heine (1993):

- (i) *hipótese da autonomia*: auxiliares ou elementos sob esse rótulo constituem uma categoria distinta, diferente dos verbos e de outras categorias. Trata-se de uma categoria universal, porém com diferentes realizações em diferentes línguas (PUGLIELI, 1987, *apud* HEINE, 1993);
- (ii) *hipótese do verbo principal*: auxiliares e verbos plenos comporiam uma mesma categoria lexical (ROSS, 1969, *apud* HEINE, 1993) ou seriam um subconjunto especial da categoria verbo (PULLUM/WILSON, 1977, *apud* HEINE, 1993).

(iii) *hipótese da gradiência*: não há limites precisos separando auxiliares de verbos principais, os quais devem ser vistos na forma de um *continuum* ou gradiência. Essa posição está associada, por um lado, ao paradigma da gramaticalização e, por outro lado, à noção de *continuum* ou gradiência (GARCIA, 1967, BOLINGER, 1980, *apud* HEINE, 1993).

Essa última hipótese, defendida por Heine (1993), define auxiliar como um item linguístico localizado ao longo de uma cadeia de gramaticalização, que se estende desde verbo pleno até as flexões gramaticais de tempo, aspecto e modalidade. O comportamento dos auxiliares, de acordo com esse posicionamento, pode ser descrito com referência a sua relativa localização ao longo dessa cadeia, que é chamada pelo autor de *cadeia verbo para tempo-aspecto-modo (verb-to-TAM)*. Vale ressaltar que as hipóteses formuladas por Heine (1993) são, na verdade, maneiras, de certo modo rigorosas, de administrar a relação entre os auxiliares e os outros verbos.

É certo que uma das grandes estratégias para lidar com nosso ambiente é a de expressar ideias mais difíceis de se entender (+ abstratas) em termos de experiências mais acessíveis imediatamente (+ concretas). Conceitos gramaticais são bastante abstratos: não referem a objetos físicos; são definidos com referência a suas funções relativas no discurso. Estudos sobre a gênese de expressões gramaticais sugerem que tais expressões não emergem do nada, mas são fundamentalmente derivadas de conceitos concretos: a morfologia gramatical tende a se desenvolver de estruturas lexicais. Concretos porque, *grosso modo*, podem ser imediatamente captados pelos sentidos. Para Heine (1993), por expressarem conteúdos gramaticais tipicamente relacionados ao tempo, ao aspecto e ao modo, os auxiliares seriam derivados de expressões concretas que descrevem noções gerais como:

- (a) Locação (*be at, stay at, live at, etc*)
- (b) Movimento (*go, come, move, pass*)
- (c) Atividade (*do, take, continue, begin, etc*)
- (d) Desejo (*want, wish*)
- (e) Postura (*sit, stand, lie*)

(f) Relação (*be (like), be(part of), be accompanied by, be with, etc*)

(g) Posse (*get, own, have*)

Estes verbos (lexicais) são parte de conceitos mais complexos chamados *esquemas de evento*, e o comportamento dos auxiliares pode somente ser considerado com referência a estes esquemas. Quando falamos sobre auxiliares, referimo-nos a uma consequência particular de um processo cognitivo em que conteúdos esquemáticos são empregados para a expressão de conceitos gramaticais abstratos (FERNANDES, 2010). A consideração do que seria concreto e do que seria abstrato é bastante complexa e não é capaz de esclarecer exatamente pontos claramente definidores, fato esse apreendido pelas noções gerais apresentadas por Heine (1993), o qual elenca *relação* e *desejo* como expressões concretas. De todo modo, é evidente que há uma regularidade no que se refere às motivações para a formação de auxiliares.

Pelo fato de não haver um consenso sobre quais seriam os critérios adequados para identificar ou medir o grau de auxiliaridade das perífrases, apresentamos, em nosso trabalho, os apontados por alguns estudiosos da área (HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO, 1990; LONGO/CAMPOS, 2002) e selecionamos, para utilização em nossa análise, aqueles que caracterizam generalizações que englobam diferentes aspectos do que seria um auxiliar.<sup>1</sup> Sobre a utilização dos critérios de auxiliaridade como recurso metodológico para a identificação do grau de gramaticalidade de construções perifrásticas, concordamos com Castilho (2002) quando afirma que critérios de auxiliaridade poderão apenas indicar o grau de gramaticalidade de uma perífrase, já que somente uma investigação diacrônica poderia comprovar a hipótese da gramaticalização do auxiliar perifrástico. Nesse sentido, um estudo diacrônico se justifica neste trabalho.

Lembramos que esses critérios foram eleitos pelos autores a partir de generalizações feitas por meio de suas observações. Sendo assim, a aplicação de cada um nem sempre é imediata, podendo ser contestada a depender da língua e do fenômeno investigado. Portanto, esse tipo de metodologia deve sempre ser utilizado de modo a antever algumas consequências, pois, ao estarmos elegendo certo critério em detrimento de outro, estaremos

---

<sup>1</sup> Ver capítulo IV.

admitindo que seria mais importante atentarmos para um determinado aspecto da linguagem. É importante ressaltar, também, que o emprego dos critérios deve ser feito de modo a identificar sua possibilidade e não sua ocorrência efetiva.

A seguir, elencamos critérios de auxiliaridade e propriedades definitórias propostas por diferentes autores (FERNANDES, 2010; FONSECA, 2011):

- **Critérios e características de auxiliaridade propostos por Heine (1993)**
  - (i) *Auxiliares tendem a compor expressões que exprimem uma pequena gama de domínios conceituais, especialmente tempo, aspecto e modalidade.*
  - (ii) *Auxiliares formam um conjunto fechado de unidades linguísticas.*
  - (iii) *Eles não são nem unidades claramente lexicais nem claramente gramaticais. Também ocorrem como verbos principais.*
  - (iv) *Eles expressam funções gramaticais, mas exibem, ao menos em alguns contextos, uma morfossintaxe verbal. Em alguns trabalhos eles são definidos como um subconjunto dos verbos.*
  - (v) *Embora tenham propriedades verbais, eles mostram um comportamento verbal reduzido: integram “paradigmas altamente defectivos”; não podem ser apassivizados; não têm formas imperativas; não podem ser independentemente negados.*
  - (vi) *Eles não podem ser predicado principal (semântico) da oração.*
  - (vii) *Eles têm duas variantes livres, em que uma é a forma plena (como em I will go) e outra a forma reduzida (como em I’ll go), ou uma é um clítico e outra um afixo. No português, poderíamos tomar como exemplo o verbo estar: estou estudando/tô estudando.*
  - (viii) *Eles tendem a não ser enfatizados ou são incapazes de receber contraste enfático. Esse critério é facilmente colocado à prova pela própria língua inglesa, em que há construções do tipo did you go? Yes I did.*
  - (ix) *Eles tendem a ser cliticizáveis ou são necessariamente clíticos.*
  - (x) *Eles carregam toda a informação morfológica do predicador principal, como flexão de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade, negação, concordância.*

- (xi) *Enquanto auxiliares não formam orações não finitas ou imperativas.* Casos como *continue estudando enquanto vou ao mercado* parecem indícios de que esse critério não é válido para o português brasileiro.
- (xii) *Auxiliares não podem ser regidos por outros auxiliares.* Um exemplo do português brasileiro que contraria essa afirmação é o caso de construções do tipo *vou estar enviando o relatório pela manhã*, em que há dois verbos reconhecidamente auxiliares em relação de auxiliarização.
- (xiii) *Eles não têm significância própria ou não contribuem para o significado da sentença; são “sinsemânticos” e “sincategoramáticos” para o lexema ao qual se aplicam (tipicamente, o verbo principal).* Esse critério parece bastante contraditório com relação ao que o autor vem apresentando até então, uma vez que, se os auxiliares são sinsemânticos e sincategoramáticos, fazem uma contribuição própria ao sentido do enunciado.
- (xiv) *Eles tendem a ocorrer separadamente do verbo principal, podendo fazer limite com outros elementos.*
- (xv) *Distintamente dos verbos, eles não podem ser nominalizados ou ocorrerem em combinação.*
- (xvi) *Eles tendem a ocorrer em uma ordem fixa ou em uma posição fixa na oração. Línguas SVO/VSO tendem a apresentar a ordem Aux. + verbo principal e línguas SOV, a ordem Verbo principal + Aux.*
- (xvii) *Na presença do auxiliar, o verbo principal tende a aparecer numa forma não finita, frequentemente carregando em si algum elemento morfológico como uma nominalização, marca de infinitivo, gerúndio ou particípio. O verbo principal pode ainda estar associado com alguma morfologia locativa.*

Das propriedades dos auxiliares apresentadas por Heine, a partir das quais podemos abstrair diversos critérios para aferir o estatuto de um verbo auxiliar, percebemos que uma série delas não é aplicável ao português brasileiro, além de serem um tanto quanto controversas e apresentadas de maneira não muito clara. Em certa medida, compreendemos que o autor apresenta generalizações, mas alertamos para o fato de que essas propriedades

devem ser investigadas em diferentes línguas e em diferentes tipos de construções, uma vez que parecem não ser suficientes para definirem um auxiliar.

- **CrITÉRIOS de auxiliariDade apresentados por Lobato (1975)**

- (i) *Semântico: a todo auxiliar é atribuída uma perda sêmica, resultado do processo de gramaticalização do verbo; quanto maior a gramaticalização, mais completa será a perda do sentido concreto do verbo.*
- (ii) *Unidade significativa: o conjunto em auxílio forma uma unidade significativa em que o auxiliar intervém unicamente como elemento gramatical e o auxiliado como lexical.*
- (iii) *Identidade de sujeitos: se realmente se dá na língua o processo de auxílio, será verdade então que os dois verbos terão um só sujeito.*
- (iv) *Acepção egocêntrica: todo auxiliar não possui ligação semântica com seu sujeito gramatical, mas está relacionado com o locutor (sujeito gramatical ≠ sujeito lógico).*
- (v) *Restrição paradigmática: todo auxiliar é defectivo; não admitem participio passado e o imperativo. Assim como apresentado nos critérios de Heine, essa questão parece não válida para casos comuns do português, como vai falando e tem andado buscando.*
- (vi) *Separabilidade: uma construção em relação de auxiliarização seria indissociável, ou seja, o grupo verbal deve formar um único constituinte, um sintagma verbal.*
- (vii) *Impossibilidade de construções completivas a partir de grupos verbais formados por auxiliares.*
- (viii) *Prosódico: auxiliar + auxiliado formam um só grupo fonético, no qual o auxiliar é uma forma átona e proclítica.*
- (ix) *Frequência de ocorrência: só pode ser considerada auxiliar a unidade verbal muito frequentemente seguida de infinito, gerúndio ou participio.*

- (x) *Incidência do circunstante de tempo: será um sintagma verbal a perífrase que permitir a incidência do circunstante temporal sobre o grupo verbal e não independentemente.*
- (xi) *Apassivação: se há na língua uma classe de auxiliares, esses devem pertencer ao grupo de verbos suscetíveis de coocorrer com um verbo apassivável, havendo relação de paráfrase entre as formas ativa e passiva.*
- (xii) *Integração das sequências verbais: quanto maior a possibilidade de escolha, dentro de um mesmo paradigma, entre variantes do auxiliante, mais lexicalizada será a unidade. Categorias gramaticais são passagens obrigatórias que não deixam escolha ao locutor*
- (xiii) *Extensão do campo de aplicação de morfema: só seriam considerados auxiliares os verbos sem restrição quanto ao sujeito ou quanto ao auxiliado.*
- (xiv) *Negativização: uma sequência verbal em auxiliação não pode ser separada por uma negação, do mesmo modo que uma lexia não pode ser separada por uma adjetivação. Para que um grupo verbal seja uma perífrase, a negação tem de incidir sobre esse grupo verbal.*
- (xv) *Pronominalização: consiste em determinar se o auxiliado é ou não substituível por um pronome. Em caso afirmativo, os dois verbos seriam principais, sendo o infinitivo uma nominalização.*
- (xvi) *Oposição: todo grupo verbal com auxiliar prototípico contém sua contraparte na forma simples. A contraparte na forma simples de ando estudando muito seria algo como estudo muito (sempre).*

Os critérios apresentados por Lobato (1975) são, em certa medida, localizados no campo da sintaxe, pois são quase que exclusivamente estruturais. Em sua obra, a autora deixa claro que nem todos os critérios são claramente válidos, sendo necessário aplicar testes para identificar quais seriam mais adequados a cada verbo. Nesse sentido, a autora também elenca os critérios por grau de importância, segundo o qual o critério *oposição* seria o mais importante.

- **Crítérios de auxiliabilidade apresentados por Longo (1990)**

- (i) *Apassivização: o verbo é auxiliar quando a transformação de uma frase ativa em passiva o inclui na mudança estrutural, isto é, o argumento sujeito da passiva é sujeito do complexo verbal como um todo, mantendo-se a equivalência semântica entre as frases.*
- (ii) *Incidência da negação: deve incidir sobre o grupo verbal e não entre ele.*
- (iii) *Incidência de circunstante temporal: o circunstante deve incidir sobre o complexo unitário AUX + VERBO.*
- (iv) *Pronominalização: se pudermos substituir a forma nominal por um pronome como o ou isso, estamos diante de duas orações e não de um caso de auxiliabilidade.*
- (v) *Impossibilidade de desdobramento da oração: como os verbos auxiliares não constituem, por si só, núcleos de sintagmas verbais, formando com a base um grupo indissociável, não temos auxiliabilidade se for possível desmembrar o grupo em dois núcleos de orações.*
- (vi) *Impossibilidade de inserção de mais de um sujeito: a perífrase verbal deve comportar apenas um sujeito, seja ele simples ou composto.*
- (vii) *Detematização: o auxiliar é um verbo que se detematiza, isto é, perde a propriedade de atribuir funções semânticas aos elementos nominais com que se combina.*

Assim como Lobato (1975), Longo (1990) apresenta critérios estruturais para determinar o estatuto de um auxiliar. É importante ressaltar que a autora, apesar de considerar que há possibilidade de sobreposição de critérios, não relaciona o critério *detematização* aos outros mencionados, uma vez que, por exemplo, se há *detematização*, não há possibilidade de desdobramento da oração nem de incidência de negação ou de circunstante temporal sobre apenas um elemento da perífrase verbal formada por auxiliar.

- **Crítérios de auxiliaridade propostos por Longo/Campos (2002)**

- (i) *Inseparabilidade: perífrases mais ligadas e, conseqüentemente mais gramaticalizadas, não são separadas por nenhum tipo de material interveniente.*
- (ii) *Irreversibilidade: uma perífrase é sempre constituída de verbo auxiliar seguido de uma forma nominal, e não o inverso.* Este critério está relacionado ao que Heine indica em (xvi), quando diz que línguas SVO/VSO, como o português, tendem a apresentar a ordem *Aux. + verbo principal* e línguas SOV, a ordem *Verbo principal + Aux.*
- (iii) *Recursividade: diz respeito à possibilidade de coocorrência da mesma raiz verbal no verbo auxiliar e no verbo em auxiliação. Se a recursividade for positiva, a perífrase estará mais gramaticalizada do que as que não admitem a recursividade.* No que se refere às construções investigadas neste trabalho, parece estranha uma ocorrência do tipo *continuo continuando [meus estudos]*, mas não causa tanta estranheza uma formação do tipo *ando andando no parque aos domingos* ou *vivo vivendo [a vida]*. Caso esses tipos de construção fossem possíveis, os verbos *andar* e *viver* estariam mais gramaticalizados do que *continuar*. Uma construção bastante usual no português brasileiro em que ocorre a recursividade é *vou indo/vou ir*; nesse caso, *ir* teria alto grau de gramaticalidade.

- **Crítérios de auxiliaridade propostos por Ilari/Basso (2008)**

- (i) O auxiliar e a base verbal precisam ter o mesmo sujeito;
- (ii) O auxiliar e a base verbal não podem ser afetados independentemente pela negação;
- (iii) A ocorrência de elementos entre V1 e V2 é nula, ou fica limitada a palavras de um tipo muito particular (por exemplo, pronomes átonos e adjuntos adverbiais);

- (iv) O todo formado por V1 e V2 encaixa-se no quadro conjugacional emparelhando-se com a forma simples;
- (v) V1 sofreu esvaziamento semântico, ou seja, apenas V2 passa a atribuir papéis temáticos aos argumentos;
- (vi) V1 não se nominaliza de maneira independente;

Sintetizamos no quadro a seguir os critérios de auxiliaridade propostos por cada um dos autores mencionados acima, o que ao final totaliza 25 critérios diferentes. Essa diversidade de critérios, em que há apenas aparentemente um comum a todos os autores considerados, demonstra que, na verdade, há pouco consenso terminológico entre eles.

<b>Crítérios de Auxiliaridade</b>	<b>Lobato (1975)</b>	<b>Longo (1990)</b>	<b>Heine (1993)</b>	<b>Longo/Campos (2002)</b>	<b>Ilari/Basso (2008)</b>
1. Inseparabilidade na perífrase (prosódica, sintática e semântica)	√	√	√	√	√
2. Detematização (sem propriedade de predicação)	√	√	√		√
3. Incidência da negação sobre a perífrase	√	√	√		√
4. Restrição paradigmática (defectividade)	√		√		
5. Frequência alta (auxiliar + v. na forma nominal)	√		√		
6. Sujeito único	√	√			√
7. Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase	√	√			
8. Impossibilidade de desdobramento da oração	√	√			
9. Critério da apassivização	√	√			
10. Recursividade (coocorrência com a mesma raiz)			√	√	
11. Oposição a uma forma simples correspondente	√				√
12. Impossibilidade de substituição por pronome	√	√			√
13. Posição fixa na perífrase			√	√	√
14. Participação do complexo TAM			√		
15. Categoria fluida entre pleno e auxiliar			√		
16. Formas variantes (plena e reduzida foneticamente)			√		
17. Impossibilidade de receber contraste enfático			√		
18. Tendência a se tornar clítico/afixo			√		
19. Flexão em pessoa, número, concordância, TAM etc			√		
20. Não regência por outros auxiliares			√		
21. Sinsemânticos e sincategoremáticos			√		
22. Categoria separada do verbo principal			√		
23. Acepção egocêntrica	√				
24. Impossibilidade de ser complementado por oração	√				
25. Sem restrições semânticas sobre sujeito e auxiliado	√				

**Quadro 1 - Critérios de auxiliaridade propostos por diversos autores (FERNANDES, 2010)**

Esse quadro pode ser reagrupado de diversas formas. Primeiramente, esse reagrupamento pode ser feito a partir da eliminação de critérios com nomenclaturas diferentes mas com mesmo significado. Também podemos reagrupá-lo partindo da generalização de que um critério pode abranger outros.

A escolha dos critérios utilizados para a análise do fenômeno objeto de estudo está apresentada no capítulo IV (*Metodologia de pesquisa*), ocasião em que serão explicitados os motivos para essa escolha.

## II.2. Aspecto verbal

No que se refere às categorias verbais, de acordo com Castilho (1968),

A função dessas categorias é atualizar o processo virtualmente considerado, definindo-lhe a duração (aspecto), localizando-o numa data ou perspectiva (tempo), esclarecendo a interferência do sujeito falante (modo) ou o papel a ele atribuído (voz), bem como sua relação com o ouvinte e o assunto (pessoas, (...)) e quantidade dessas entidades (número). (CASTILHO, 1968: 14)

Castilho, em sua obra intitulada *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, de 1968, apresenta o histórico dos estudos das noções aspectuais. De acordo com o autor, os estoicos já analisavam os tempos a partir de valores não temporais, denominados aoristo e futuro. O primeiro era dividido entre o presente e o perfeito, em que aquele denotava desenvolvimento e duração e este, conclusão. Segundo Castilho (1968), Varrão, no século IX, e Georg Curtius, no século XVIII, também atentavam para noções não temporais em suas línguas, mas foi com base nos estudos das línguas eslavas que se pôde apreender de maneira mais clara os conceitos sobre a categoria aspecto. *Grosso modo*, a morfologia dos verbos eslavos apresenta duas possibilidades: a primeira se refere ao uso de verbos simples, que corresponde ao aspecto imperfectivo (não considera o término da ação) e a segunda se refere aos verbos com prevérbio, que corresponde ao aspecto perfectivo (considera o término da ação).<sup>2</sup>

Meillet retomou as ideias de Varrão ao considerar os *tempora infecta e perfecta*, formando a oposição *ação inacabada/ação acabada*. Desde então surgiram várias

---

<sup>2</sup> Sobre esse assunto, ver Godoi (1992).

polêmicas sobre o entendimento dessas noções, já que diferentes formas gramaticais podem indicá-las, além do que há a tendência de se relacionar *perfectivo* a tempo *Perfeito* e *imperfectivo* a *Imperfeito*. Esses problemas fazem com que haja uma série de trabalhos que divergem sobre o tratamento das noções aspectuais expressas, principalmente, por verbos.

De acordo com o Castilho (1968: 14), “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo”. Ou ainda:

O aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as fases que ele pode compreender. (CASTILHO, 2002: 83)

Ilari/Basso (2008) se reportam a essa mesma categoria semântica da seguinte forma:

Por definição, o aspecto não tem nada de dêitico, expressa ao contrário uma opção do falante no sentido de representar o estado de coisa expresso pelo verbo segundo uma perspectiva (na palavra *aspecto* está presente a raiz indo-européia *spek*, a mesma que encontramos em *perspectiva*) que permite considerá-lo em bloco, ou em parte, isto é, numa de suas fases. (ILARI/BASSO, 2008: 167)

É certo que o aspecto não possui morfologia própria na língua portuguesa e, portanto, resulta de uma combinação de diversos recursos linguísticos para ser codificado. A história da aspectologia demonstra como se deu o reconhecimento dos significados aspectuais a partir de diferentes conjuntos de opções e perspectivas, as quais mobilizam recursos morfossintáticos ou lexicais diferentes, e criam condicionamentos contextuais também diferentes:

- 1) Perspectiva léxico-semântica, em que os valores aspectuais ligam-se ao lexema verbal. Essa perspectiva de análise leva em conta o *Aktionsarten* (Modo da Ação ou Acionalidade). Em outras palavras, atribuem-se ao verbo noções aspectuais apreendidas em seu significado e abrange-se um grande número de possibilidades;
- 2) Perspectiva semântico-sintática, ou composicional, na qual se examina o aspecto como resultado da combinação do *Aktionsart* do verbo com a flexão e com verbos auxiliares, argumentos e adjuntos adverbiais. Sob essa perspectiva existem, no PB, os estudos de Castilho (1968), Comrie (1976) e Travaglia (1981).

3) Perspectiva discursiva, em que se analisam as condições discursivas que favorecem a emergência de diferentes tipos de aspectos.

Uma das primeiras discussões relacionadas à categoria *Aspecto* está na sua distinção da categoria *Tempo*. Embora as duas sejam propriedades da predicação, há uma nítida distinção entre elas. Segundo Castilho (2002: 85),

O tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. É assim que se podem representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade. O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro. Por outras palavras, o tempo pressupõe o aspecto, mas este não pressupõe aquele. (CASTILHO, 2002: 85)

O aspecto, por sua vez, não identifica o processo expresso num determinado momento e, ainda, de acordo com Castilho (2002: 85), “tem a autonomia que lhe é dada por sua propriedade simbólica”, não dêitica. Outras definições, como as de Comrie (1976), ajudam a elucidar as diferenças entre as duas categorias:

Since tense locates the time of a situation relative to the situation of the utterance, we may describe tense as deictic. (COMRIE, 1976: 2)

As the general definition of aspect, we may take the formulation that ‘aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation’. (COMRIE, 1976: 3)

É importante ressaltar que o *Aspecto* também se diferencia da categoria *Modo* porque não remete às atitudes subjetiva ou objetiva do falante diante do processo.

Outro ponto relevante nas discussões sobre a categoria é a distinção, mesmo que sutil, entre *Aspecto* e *Acionalidade* (do alemão *Aktionsart*, literalmente *Modo da Ação*). Essa segunda categoria, que aponta para uma grande classificação de predicados, é referida por Ilari/Basso (2008) da seguinte maneira:

É ainda próprio do verbo, enquanto unidade lexical, ou do sintagma verbal, incluindo o verbo e seus complementos, atribuir (ou não) às ações que descreve uma estrutura interna constituída de “momentos” qualitativamente diferentes (...). A principal diferença entre as ações, do ponto de vista da *Aktionsart*, é que algumas ações têm, como parte própria e previsível, uma conclusão de um certo tipo (...), ao passo que outras ações não têm um fim previsível (...); outra diferença de *Aktionsart*, é que alguns verbos exprimem uma ação

pontual ao passo que outros exprimem uma ação duradoura (...). (ILARI/BASSO, 2008: 166)

Por sua vez, Castilho (1968, 2002) não se reporta às duas categorias como distintas no que diz respeito à metodologia de trabalho que adota. Sobre a *Acionalidade* ou *Modo da ação*, o autor aponta:

o modo da ação representa uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto (CASTILHO, 1968: 40).

No tocante à noção de *Aspecto*, afirma: “aspecto, ao contrário, é o ponto de vista subjetivo (em relação ao modo da ação, bem entendido) do falante sobre o desenvolvimento da ação” (CASTILHO, 1968: 41). Por outro lado, o autor admite a possibilidade de *Aspecto* e *Modo da ação* se confundirem “nos casos em que a flexão temporal ou os adjuntos adverbiais provocam alterações no valor semântico do verbo”. (CASTILHO, 1968: 42)

Na mesma linha, Travaglia (1981) utiliza o termo *Aspecto* num sentido amplo e considera 14 noções aspectuais diferentes que podem ser tanto expressas pela morfologia quanto pela interação do verbo com outros elementos da oração. Nesse sentido a noção de *Aspecto* estaria relacionada à duração e às fases de realização, desenvolvimento e completamento da situação, resultando de um processo morfológico e léxico-semântico. Já Corôa (2005) utiliza o termo *Aspecto* num sentido mais estrito, considerando aspectuais as noções de *perfectividade* e *imperfectividade* expressas apenas pela morfologia verbal. A autora julga necessário distinguir *Aspecto* e *Acionalidade* e exclui dessa distinção qualquer noção baseada na ideia de “duração”. Sob essa mesma égide estão os estudos de Lopes-Rossi (1989).

### **II.2.1. Tipologia aspectual no português brasileiro**

Após a apresentação das noções iniciais relacionadas à classe aspectual, bem como de algumas definições, passamos a apresentar a tipologia aspectual adotada neste trabalho e uma breve discussão sobre a tipologia proposta por diversos autores.

Especificamente nos estudos do português brasileiro, pesquisadores como Travaglia (1981), Castilho (1968, 2002) e Ilari/Basso (2008) propõem tipologias aspectuais

diferentes, uma vez que consideram diferentes noções para o tratamento dessa categoria. Castilho (1968: 48) considera as noções de duração, completamento, repetição e negação da duração para apresentar sua tipologia, a qual está esquematizada no quadro a seguir.

<i>Valores</i>	<i>Aspectos</i>
1. Duração	<i>Imperfectivo</i> Inceptivo Cursivo Terminativo
2. Completamento	<i>Perfectivo</i> Pontual Resultativo Cessativo
3. Repetição	<i>Iterativo</i> Iterativo Imperfectivo Iterativo Perfectivo
4. Negação da duração e do completamento	<i>Indeterminado</i>

Quadro 2 - Tipologia aspectual proposta por Castilho (1968: 48)

Como se observa no quadro, o aspecto imperfectivo é apreendido a partir da noção de duração e tem três subtipos de acordo com o matiz de duração presente. São os seguintes:

- a) **Aspecto imperfectivo inceptivo:** marca a duração do início do processo. Este aspecto apresenta duas subdivisões: o **aspecto inceptivo propriamente dito** (começo da ação puro e simples) e o **aspecto inceptivo incoativo** que marca o começo da ação e conseqüente mudança de estado;
- b) **Aspecto imperfectivo cursivo:** marca a duração de que não se reconhece o princípio nem o fim, apresentando o processo em seu pleno desenvolvimento. Este aspecto tem duas variantes: **aspecto cursivo propriamente dito** e o **aspecto cursivo progressivo** que insiste num desenvolvimento gradual do processo;
- c) **Aspecto imperfectivo terminativo:** marca a duração e o término do processo.

O aspecto perfectivo está relacionado à noção de completamento e implica a indicação precisa do começo e do fim do processo, sem que se apreenda sua duração. Para

Castilho, então, o perfectivo é um aspecto decorrente da noção aspectual *acabado* e pode ser dividido em três subtipos:

- a) **Perfectivo pontual:** perfectivo por excelência, representado graficamente por um ponto.
- b) **Perfectivo resultativo:** indica o resultado consequente ao acabamento da ação.
- c) **Perfectivo cessativo:** se depreende acerca da ação expressa pelo verbo uma noção de ausência que se refere ao presente.

Segundo Castilho (1968), o **aspecto iterativo**, que surge da noção de ação repetida, é considerado verdadeiro coletivo de ações que podem ser durativas (o que resulta no aspecto iterativo imperfectivo) ou pontuais (o que dá o aspecto iterativo perfectivo). Para Castilho este aspecto é intermediário entre o perfectivo e o imperfectivo. O **aspecto indeterminado** se caracteriza por não ser nem perfectivo nem imperfectivo e é avesso não só à expressão de aspecto, mas também à de tempo. As noções de **incoação** (mudança de estado), de **progressão**, de **resultado** e de **cessamento** não são noções aspectuais, embora, de acordo com o autor, sirvam para caracterizar aspectos, uma vez que costumam se aderir a eles.<sup>3</sup>

Castilho (2002: 87) reorganiza as noções aspectuais em quantitativa e qualitativa, a fim de chegar a uma tipologia, pois, como argumenta, “cada ocorrência verbal assume simultaneamente mais de uma face”. Excluindo os predicados estativos, o autor propõe a seguinte tipologia do aspecto, retomando parte suas ideias de 1968:

Face qualitativa	Imperfectivo	Perfectivo
	Inceptivo, cursivo, terminativo	Pontual, resultativo
Face quantitativa	Semelfactivo, iterativo	

**Quadro 3 - Tipologia aspectual proposta por Castilho (2002)**

Como já indicado, o autor descreve tais aspectos a partir de análise composicional, na qual considera a interação entre a *Aktionsart* do verbo, enquanto item lexical, e a flexão

<sup>3</sup> Para um estudo mais aprofundado dessas questões, ver Corôa (2005) e Ilari/Basso (2008).

de tempo ou o auxiliar de uma perífrase. Segundo esse ponto de vista, o aspecto está relacionado à representação das categorias cognitivas de qualidade e de quantidade.

Castilho (2010) reinterpreta a tipologia aspectual proposta, como segue no quadro abaixo:

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

**Quadro 4 - Tipologia do aspecto (Castilho 2010: 420)**

Travaglia (1981: 53) considera o aspecto

uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (TRAVAGLIA, 1981: 53)

O autor concebe 14 tipos diferentes de aspecto, os quais estão apresentados no quadro abaixo.

NOÇÕES ASPECTUAIS		ASPECTOS		
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada b. Ilimitada	DURATIVO INDETERMINADO
		B. Descontínua	a. Limitada b. Ilimitada	ITERATIVO HABITUAL
	2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL
	II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar	
A'. Prestes a Começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)				
B. Não Acabado ou Começado				NÃO ACABADO OU COMEÇADO
2. Fases de Desenvolvimento		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		ACABADO
		C. Acabado		
		A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		INCEPTIVO
3. Completamento		B. Meio		CURSIVO
	C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		TERMINATIVO	
Ausência de noções aspectuais		A. Completo B. Incompleto		PERFECTIVO IMPERFECTIVO
				Aspecto não atualizado

**Quadro 5 - Tipologia aspectual proposta por Travaglia (1981)**

Desse quadro podemos apreender que o autor opõe “duração” a “fases”, mas não explica essa escolha, já que uma ação durativa admite fases no seu desenvolvimento. Por outro lado o autor considera a aplicação de mais de um tipo de aspecto para uma situação; nesse caso a noção de duração estaria combinada com a noção de fase. Ainda é interessante notar que, dentre várias opções aspectuais, Travaglia considera, entre as várias opções aspectuais, o *Aspecto indeterminado* e o *Aspecto não atualizado*, não elucidando, também, essas distinções. Parece inadequada também a utilização da nomenclatura “fases de realização”, já que o aspecto não começado ou prestes a começar, por exemplo, não se enquadram em nenhum tipo de realização, bem como nenhum dos aspectos identificados nessa fase. O autor não admite habitualidade e incoação como noções aspectuais, mas apenas noções ligadas a elas. Por fim, e ainda sobre o aspecto não começado, Travaglia (1981) se contradiz quando o inclui na lista de sua tipologia aspectual, já que não aceita como aspecto uma noção que ainda não começou a ter existência.

Ilari/Basso (2008) consideram pelo menos três oposições para analisar as noções aspectuais verbais, as quais seriam as seguintes:

- a) **global/parcial (ou perfectivo/imperfectivo; conclusivo/inconclusivo):** segundo a maioria dos autores essa é a oposição principal nos limites da aspectualidade. O perfectivo se refere à consideração do término de um processo e o imperfectivo considera suas fases e ignora seu término. De acordo com os autores, no português e em todas as outras línguas em que há essa oposição, não há aspecto neutro, ou seja, em qualquer exemplo o aspecto será, necessariamente, perfectivo ou imperfectivo, mesmo que essas noções sejam dificilmente captadas.
- b) **perfectivo acabado/perfectivo indeterminado:** segundo os autores, acabado e indeterminado é a principal subdivisão do perfectivo. “Chamamos de *acabado* ao perfectivo que mobiliza um MR; o *indeterminado* é aquele em que a referência ao MR é dispensada” (ILARI/BASSO, 2008: 290)
- c) **progressivo/não progressivo:** o progressivo nos permite inferir que há um “aumento” gradual no processo, enquanto que o não progressivo indica apenas a duração do processo.

Além dessas noções, Ilari/Basso (2008: 291) consideram o micro-evento e o macro-evento para a representação aspectual e, ainda, diferenciam as noções *iterativo*, *reiterativo*, *habitual* e *repetitivo*. O quadro seguinte, extraído dos autores, é uma tentativa de representar as combinações encontradas, cruzando-se todas as noções aspectuais logicamente possíveis. As casas sombreadas indicam os casos de não combinação e as com o círculo indicam incompatibilidade lógica. Ilari/Basso (2008: 296) avaliam essas combinações como correspondentes à divisão entre as faces qualitativa e quantitativa de Castilho (1968, 2002). As noções consideradas pelos linguistas não se distinguem completamente; algumas delas podem ser tratadas como formas alternantes, como é o caso, por exemplo, de *ter+particípio* e *estar+gerúndio*, como demonstra Mendes (2005). Para ele, alguns contextos permitem que as duas formas sejam tratadas sob o domínio da mesma codificação aspectual. Já para Ilari/Basso, a primeira expressa aspecto *perfectivo acabado não progressivo* e a segunda *imperfectivo progressivo*.

	Imperfectivo	perfectivo indeterminado	perfectivo acabado	Progressivo	não progressivo
imperfectivo		○	○	estava viajando	Viajava
perfectivo indeterminado	○		○	estive (andei) viajando (por anos a fio)	viajei por anos a fio
perfectivo acabado	○	○		tenho andado viajando	tenho viajado
progressivo	estava viajando	estive viajando	tinha estado viajando		○
não progressivo	Viajava	já viajei (muito)	tinha viajado	○	

Quadro 6 - Cruzamento das noções aspectuais propostas por Ilari/Basso (2008)

Outros autores também propuseram tipologias aspectuais (COSTA, 2002, SOARES, 1987, GODOI, 1992), mas nos limitamos aos aqui apresentados, tendo em vista que são os que se desenvolvem sob a perspectiva funcionalista, que considera o uso da língua fator fundamental para a identificação de categorias.

De acordo com Castilho (1968, 2002), as perífrases formadas pelos verbos auxiliares *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio codificam aspecto imperfectivo cursivo independentemente de sua flexão temporal. Chamamos atenção para o fato de que pretendemos testar essa hipótese em nosso trabalho. Se a hipótese não se confirmar, pretendemos verificar quais fatores influenciariam outro tipo de codificação aspectual ou mesmo a restrição de atualização aspectual numa dada sequência de V1+V2.

No quadro seguinte expomos a tipologia aspectual dada por Travaglia (1981), do qual destacam-se as possibilidades de construções com as perífrases em análise neste trabalho. Para o autor, tem-se cursividade quando a situação é apresentada em pleno desenvolvimento, isto é, concebida como tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos. Portanto, o autor considera que a flexão no Pretérito Perfeito do Indicativo altera o estatuto de *imperfectivo cursivo* para *perfectivo durativo*.

Perífrases	Aspectos	Possibilidades
Andar + gerúndio	Começado ou não acabado	Com qualquer flexão verbal, exceto os pretéritos perf. e mais-q.-perf. do ind.
	Iterativo	Com qualquer flexão verbal em que são possíveis.
	Perfectivo	Nos pretéritos perf. e mais-q.-perf. do ind.
	Imperfectivo	Com qualquer flexão verbal, exceto os pretéritos perf. e mais-q.-perf. do ind.
Continuar + gerúndio	Começado ou não-acabado	Para a situação expressa pelo verbo principal, quer seja S.N., quer seja S.R., com qualquer flexão verbal.
	Durativo	Para a situação expressa pelo verbo principal, quer seja S.N., quer seja S.R., com qualquer flexão verbal.
Ficar + gerúndio	Durativo	Com qualquer flexão verbal em que são possíveis.
	Iterativo	Ficar é auxiliar, marcando iteração.
Viver + gerúndio	Começado ou não-acabado	Com qualquer flexão verbal em que são possíveis.
	Habitual	Com qualquer flexão verbal em que são possíveis.
	Imperfectivo	Com qualquer flexão verbal em que são possíveis.

**Quadro 7 - Classificação aspectual de perífrases com *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver*, segundo Travaglia (1981)**

Da classificação estabelecida por Travaglia, chamamos atenção para o fato de o autor conceituar a oposição perfectivo/imperfectivo como dependentes das noções “acabado” ou “não acabado”. Esse ponto de vista é considerado equivocado por alguns autores, como Costa (2002). Segundo a autora, há uma confusão estabelecida entre *referência ao ponto terminal de um fato* e *referência ao fato enunciado como acabado*:

O *perfectivo*, termo geral da oposição, como todo não marcado, não admite subdivisões quanto à sua temporalidade interna. O *imperfectivo*, verdadeiro atualizador da categoria como recurso de expressividade no português, admite as seguintes subdivisões: pode referir o fato como em curso; pode referir uma das fases constitutivas da temporalidade interna do fato (inicial, intermediária ou final); ou referir o fato como um estado resultante de um processo anterior. (COSTA, 2002: 33)

Ainda para a autora, os verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* constituem perífrases de aspecto cursivo quando seguidos de gerúndio, em qualquer que seja o *Tempo* em que estão conjugados, posição também compartilhada por Castilho (1968).

Os diferentes posicionamentos dos autores indicam que a tipologia proposta para a classificação aspectual vai depender do que entendem por *Aspecto*, *Tempo* e *perífrase*. Por um lado, Castilho (1968, 2002) e Costa (2002) compartilham o posicionamento de que o Tempo não influencia por si só a função aspectual de perífrases. Por outro, Travaglia (1981) propõe uma série de combinações de noções aspectuais para chegar a uma tipologia, a qual depende do Tempo em que V1 está conjugado. Nesse sentido o autor admite a noção de duração em perífrases perfectivas (formadas por verbos no Pretérito Perfeito).

A partir dos comentários de Costa (2002) sobre a confusão estabelecida entre *referência ao ponto terminal de um fato* e *referência ao fato enunciado como acabado*, e a partir do nosso posicionamento de que não pode haver duração em eventos perfectivos, nossa expectativa é de que o Tempo não influencie a marcação de Aspecto.

No que se refere a autores que propõem a análise de noções aspectuais como concernentes a uma parte da teoria linguística geral, Comrie (1976) afirma que uma boa análise aspectual deve valer para todas as línguas. O autor propõe a classificação das oposições aspectuais como apresentado no esquema seguinte.

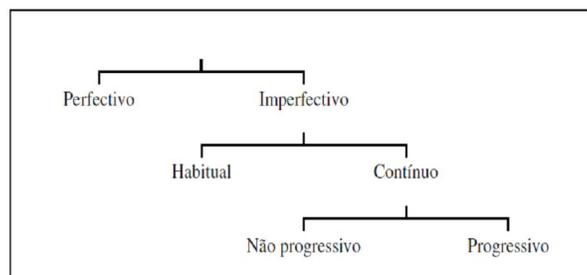


Figura 1 - Tipologia aspectual proposta por Comrie (adaptada de COMRIE, 1976: 25)

Segundo o autor, o Imperfectivo pode ser separado em Habitual e Contínuo. O habitual é entendido como uma situação estendida num período de tempo não determinado. Já o contínuo estaria no âmbito das situações delimitadas no tempo. Essa concepção está calcada na lógica e não na codificação linguística, já que, como o próprio autor argumenta, uma mesma situação pode ser descrita de diversas formas. O contínuo, como mostrado no esquema acima, pode ser dividido em não progressivo e progressivo. O progressivo pode ser apreendido a partir da noção de um aumento crescente, ao passo que o não progressivo não carrega essa noção. Semelhantemente à tipologia proposta por Comrie está a de Bybee (1985), a qual considera principalmente as oposições *perfectivo/imperfectivo* e *habitual/contínuo* para classificar o aspecto.

Squartini (1998) faz um interessante levantamento sobre o aspecto codificado por perífrases verbais nas línguas românicas. O autor segue basicamente a tipologia de Comrie (1976) para analisar o que ele chama de *aspecto progressivo*. O autor chama a atenção, a partir da observação de Barroso (1994), para o fato de que há basicamente duas formas para a formação desse tipo aspectual, (i) estar + a + infinitivo e (ii) estar + gerúndio.

The distinction between two is mainly geographical and stylistic, since *estar* + gerund is the standard form in Brazilian Portuguese and in some areas of Portugal, while *estar a* + infinitive prevails in Standard European Portuguese (...). (SQUARTINI, 1998)

Por fim, ressaltamos que a habitualidade é uma noção que causa muita controvérsia no campo da aspectualidade. No Brasil, autores como Ilari/Basso (2008) afirmam que há diferença entre as noções habitual, iterativo e repetitivo. Outros, como Castilho (1968, 2002), afirmam que, independentemente do tipo de repetição e de sua extensão, a iteração abrange o domínio dos processos em que ocorre a repetição propriamente dita.



### CAPÍTULO III: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho está fundamentado na abordagem multissistêmica, sugerida pelos estudos da Linguística Funcional. Sendo assim, apresentamos as motivações para o estudo da língua como um multissistema, focalizando os processos de sintaticização e semanticização, mas apresentando os processos de lexicalização e de discursivização.

A partir da década de 70, os linguistas brasileiros passaram a se empenhar na descrição do português culto falado no Brasil. No início das investigações, uma série de fenômenos deixou os pesquisadores inquietos. Ressalto o caso da repetição e elipse de expressões, como pode ser verificado no quadro abaixo:

M	<i>não é mais</i>	<i>aquela pessoa</i>	<i>assim admirável</i>	
R1		<i>aquelas pessoas</i>	<i>Calmas</i>	
R2		∅	<i>tranquilas</i>	
R3		∅	<i>que dificilmente perdem</i>	<i>a calma</i>
R4		∅	<i>∅perdem</i>	<i>o controle</i>
R5		∅	<i>∅falam</i>	
R6		∅	<i>∅ falam pausadamente</i>	

**Quadro 8 - Repetição e elipse de expressões - NURC D2 SP 360: 121 126 (CASTILHO, 2011: 3)**

Segundo o observado no exposto Quadro 8, surgiu o seguinte questionamento: a repetição de segmentos teria alguma regularidade na língua falada?

Sacks/Schegloff/Jefferson (1974, 2003 *apud* CASTILHO, 2010) ressaltaram a importância dos estudos da conversação, e apontaram para a necessidade de se desenvolver uma sorte de sintaxe interacional, como segue:

It seems productive to assume that, given conversation as a major, if not THE major, locus of a language's use, other aspects of language structure will be designed for conversation and use and, *pari passu*, for turn-taking contingencies. The interaction of syntactic and turn-taking structures, however, awaits serious investigation. (SACKS/SCHEGLOF/JEFFERSON, 1974/2003 *apud* CASTILHO, 2010)

No Brasil, os estudos da língua falada fizeram parte do *Projeto de gramática do português brasileiro falado culto* (Castilho org. 1990, 1993; Ilari org. 1992,

Castilho/Basilio orgs. 1996; Kato org. 1996; Koch org. 1996; Neves org. 1999; Abaurre/Rodrigues orgs. 2003), bem como de muitos outros. Fato é que os estudos sobre a língua falada tiveram, e ainda têm, consequências sobre as formulações teóricas em torno da linguagem. Nesse sentido, foi proposta uma epistemologia para a descrição e para a história da língua sob a perspectiva dos sistemas complexos: CASTILHO, 2011.

Segundo Castilho (2010: 68), “a Gramática Funcional procura correlacionar as classes, as relações e as funções com as situações sociais concretas em que elas foram geradas”.

De acordo com essa abordagem,

A língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações. A Pragmática é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar Semântica e Sintaxe (CASTILHO, 2010: 64)

Diante disso, podemos dizer que o Funcionalismo abarca diferentes pontos de vista e diferentes teorias auxiliares (i) a língua como competência comunicativa; (ii) a língua como um conjunto de funções socialmente definidas; (iii) a língua como um conjunto de atos de fala; (iv) a língua como variação e mudança; (v) a língua como discurso.

A teoria dos sistemas complexos, ou Teoria do Caos, é a teoria que pode explicar os sistemas dinâmicos, os quais possuem resultados instáveis. Um dos exemplos correntes que pode demonstrar em que consiste um sistema complexo é a formação de nuvens no céu, que é desencadeada por diversos fatores de diferentes níveis, como o calor, o frio, a evaporação da água, o clima, os ventos, os eventos da superfície terrestre, dentre outros. Vale ressaltar que, num sistema não linear, independentemente do número de fatores que influenciam um determinado resultado, este pode ser instável.

As ciências dos sistemas complexos podem ser caracterizadas como um domínio interessado nos seguintes objetos, segundo se depreende das pesquisas resenhadas por Gleick (1988), Waldrop (1993) e Cilliers (2000), *apud* Castilho (2010):

- (1) *Os componentes dos sistemas complexos exibem um tipo de ordem sem periodicidade, em fluxo contínuo, em mudança – como queria Heráclito.*

- (2) *Os sistemas não são lineares, são dinâmicos, exibem um comportamento irregular, imprevisível. Neles, “same material goes around and around in endless combinations”:* Waldrop (1993: 335).
- (3) *Os elementos dos sistemas complexos exibem relacionamentos simultâneos, não são construídos passo a passo, linearmente. Eles são adaptáveis e auto-organizados.*
- (4) *As anomalias identificadas pela abordagem clássica exemplificam fenômenos vitais para o entendimento do problema, e não deveriam ser descartadas como aberrantes.*
- (5) *Uma nova topologia do impreciso, do vago, do aproximativo, precisará ser proposta.*
- (6) *Os sistemas complexos são adaptáveis e auto-organizados, seus agentes ganham experiência e reveem constantemente sua atuação.*
- (7) *A competição nos sistemas é mais importante que sua consistência.*
- (8) *Finalmente, ao tratar de fenômenos complexos nenhum método revelará por si mesmo o objeto por inteiro: Cilliers (2000: viii-ix, 23).*

A partir dessas considerações, podemos afirmar que a língua pode ser vista como um sistema dinâmico e complexo se levarmos em conta as seguintes premissas:

- (1) *Do ângulo de sua produção, as línguas serão definíveis como um conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.*

Nesse sentido, estaríamos diante de processos simultâneos, dinâmicos e multilineares, e os trataríamos tendo em vista a articulação de quatro domínios: (1) lexicalização, (2), discursivização, (3) semanticização e (4) gramaticalização.

- (2) *Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.*

Desse modo, a língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas ao mesmo tempo em quatro subsistemas: (1) Léxico, (2) Discurso, (3) Semântica (4) Gramática.

Tais hipóteses, portanto, levam a representar a língua como um conjunto complexo e dinâmico de processos e produtos não lineares. Isso significa dizer que não podemos derivar as categorias lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais umas das outras, uma vez que elas ocorrem ao mesmo tempo, num mesmo ato de fala. De acordo com esse ponto de vista, nossa mente opera num modo simultâneo sobre o conjunto dos processos e dos produtos recolhidos nesses subsistemas (CASTILHO, 2007: 31-32). A vantagem de se analisar o funcionamento da língua sob o ponto de vista da análise multissistêmica deve-se pela possibilidade de ultrapassar o limite do discreto em que as abordagens clássicas – entre outras as de cunho funcionalista – se detêm.

Na linguística contemporânea atual, temos testemunhado o funcionamento de duas epistemologias: a clássica e a dos sistemas complexos, esta ainda incipiente. A ciência clássica admite a gramaticalização como um processo gradual e unidirecional, por meio do qual elementos lexicais [+ concretos] passam, ao longo do tempo, a desempenhar funções gramaticais [+ abstratas] ou então elementos gramaticais assumem funções ainda mais gramaticais, também [+ abstratas], numa trajetória única que não pode ser revertida. Hopper/Traugott (1993) agrupam os itens da língua em três categorias, a saber: **categoria maior**, à qual pertencem nomes e verbos plenos, **categoria mediana**, que agrupa adjetivos e advérbios, e **categoria menor**, à qual pertencem preposições, conjunções, auxiliares.

Tendo em vista os problemas advindos de não separar, nos estudos sobre gramaticalização, uma teoria sobre a língua que focaliza os processos e outra que focaliza os produtos, e segundo as observações do Projeto de Gramática do Português Culto falado no Brasil, Castilho (2007, 2009, 2010) propôs a formulação de uma abordagem sobre a língua entendida como um sistema complexo e dinâmico. O autor organizou um novo modo de encarar a mudança linguística ao focalizar os processos e produtos linguísticos em quatro blocos: (i) lexicalização e léxico, (ii) semanticização e semântica, (iii) discursivização e texto, (iv) gramaticalização e gramática. Diferentemente do que se admite na ciência clássica, em que trajetórias lineares e unidirecionais representam a passagem *léxico > gramática*, as ciências dos sistemas complexos consideram os quatro subsistemas da língua autônomos uns em relação aos outros, ou seja, “qualquer expressão linguística exhibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas, gramaticais”

(CASTILHO, 2007: 18). A articulação desses sistemas, de acordo com o autor, advém do que ele chama de “princípios sociocognitivos” de ativação, desativação e reativação de propriedades. Primeiramente, cognitivos porque se fundamentam em categorias e subcategorias cognitivas, como VISÃO (aspecto perfectivo/imperfectivo; fundo/figura; perspectiva estática/perspectiva dinâmica, etc) e EVENTO (telicidade/atelicidade; semelfactividade/iteratividade; causatividade/resultatividade; etc). Em segundo lugar, são sociais porque são baseados numa análise continuada dos turnos conversacionais. De acordo com Castilho (2007: 19),

Os princípios sociocognitivos gerenciam os subsistemas linguísticos, garantindo sua integração para os propósitos dos usos linguísticos, para a eficácia dos atos de fala. De acordo com esse dispositivo, o falante ativa, reativa e desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da criação de seus enunciados, constituindo as expressões que pretende “pôr no ar”. (CASTILHO, 2007: 19)

No princípio da ativação, ou da projeção pragmática, o falante tenta prever os movimentos verbais do interlocutor – se completou a intervenção, se está em curso, se o interlocutor pode antecipar sua entrada no curso da fala etc. Isso assegura a manutenção da conversação. Castilho (1998, 2004) acrescenta que o princípio da projeção pragmática é responsável pela ativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais.

No princípio da reativação, ou da correção, o falante muda o rumo da conversação, corrigindo suas próprias intervenções (autocorreção) ou as do interlocutor (heterocorreção) para eliminar os erros de planejamento. Esse princípio é assentado na estratégia de correção pragmática.

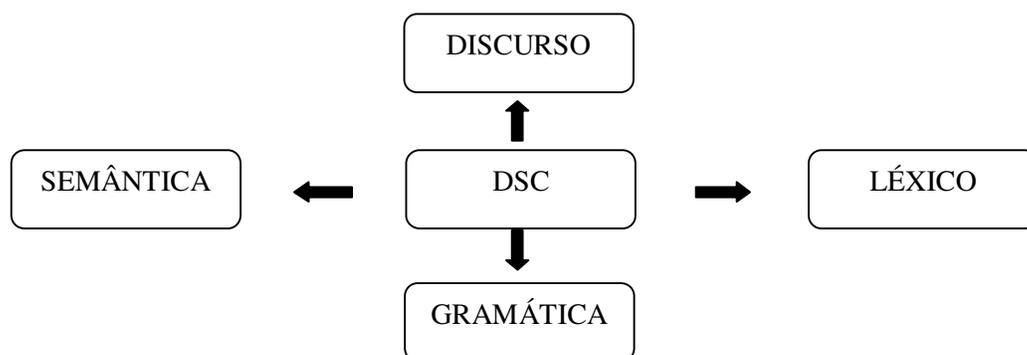
O princípio da desativação, ou da elipse, refere-se a movimentos de abandono ou desativação de estratégia e conseqüente reativação de outra. Esse princípio é assentado, segundo Castilho (2007), na estratégia da despreferência, ou seja, há uma verbalização do não esperado, violando-se temporariamente o princípio de projeção pragmática, o que cria um “vazio pragmático” (MARCUSCHI, 1986), como ocorre, por exemplo, em repostas quando se responde uma pergunta com outras perguntas, quando se recusa um convite, etc. Na desativação, há um movimento de abandono de propriedades em ativação, gerando silenciamento no planejamento verbal, seguido de novas ativações e reativações

(CASTILHO, 2007: 342). Lakoff (1987, *apud* Castilho, 2007) observou em 1987 que esses princípios operam ao mesmo tempo.

É importante enfatizar que esses princípios operam ao mesmo tempo, não sequencialmente, numa forma já prevista por Lakoff (1987). Assim, a desativação ocorre simultaneamente com a ativação, e esta com a reativação, o que compromete o princípio da unidirecionalidade se estivermos considerando os mecanismos de produção linguística. (CASTILHO, 2007: 21)

Em sentido estrito, segundo a abordagem clássica, a gramaticalização pressupõe um conjunto de alterações nos vários componentes da linguagem. Heine (2003) elabora esse conjunto de alterações em termos de quatro mecanismos que envolvem perdas e ganhos de propriedades: (i) dessemanticização: abstraticização do significado; (ii) extensão ou generalização contextual: uso em novos contextos; (iii) descategorização: mudança nas propriedades morfossintáticas; e, (iv) erosão: mudança na substância fonética. O autor argumenta que os quatro mecanismos são interdependentes, no sentido de que a mudança semântica precede e, em grande parte, determina as demais alterações. Na abordagem multissistêmica, constata-se que em (i) ocorre um processo semântico simultâneo; em (ii), um processo discursivo simultâneo e em (iii) e (iv) ocorre a gramaticalização, respectivamente, morfologização e fonologização. Importante ressaltar que, sendo uma abordagem que não pressupõe hierarquias, pode-se começar a análise por qualquer um dos sistemas linguísticos.

Diante do exposto, Castilho (2010: 69) representa num diagrama os sistemas da língua, como apresentado a seguir:



No diagrama, as flechas indicam que o *Dispositivo Sociocognitivo* (DSC) afeta todos os sistemas linguísticos. De acordo com Castilho (2010: 69):

Observa-se que não há linhas reunindo os sistemas do discurso, da semântica, do léxico e da gramática, conceituados aqui em sua independência uns em relação aos outros. Interfaces podem ocorrer, mas não regras de dependência, ou seja, o léxico não governa a gramática, esta não governa a semântica ou o discurso... bem, você mesmo poderá completar as combinações possíveis. (CASTILHO, 2010: 69)

A partir de agora, fazemos um resumo dos processos e apresentamos como se dá a aplicação dos dispositivos sociocognitivos em cada um deles. Realizamos uma apresentação mais aprofundada no que se refere ao estudo da Semântica/Semanticização e da Gramática/Gramaticalização tendo em vista os objetivos deste trabalho.

### **III.1. Léxico e Lexicalização**

A Lexicalização é, nos dizeres de Castilho (2007, p. 343), “um processo de criação de itens lexicais a partir de um conjunto de categorias e subcategorias cognitivas prévias à enunciação e misteriosamente reunidas nesses itens”. Essas categorias podem ser OBJETO, ESPAÇO, TEMPO, VISÃO, MOVIMENTO, EVENTO etc.

O Léxico é o conjunto de itens como resultado da Lexicalização. Sua formação pode se dar por (i) etimologia: lexicalização ocorrida já na língua-fonte; (ii) neologia: lexicalização ocorrida na língua-alvo; (iii) derivação: lexicalização ocorrida na língua-alvo, por meio de desdobramentos de itens pré-existentes; (iv) empréstimo: lexicalização por contato linguístico. Os itens lexicais integram as classes de palavras. Dispostos nas classes, os itens são a representação da lexicalização de uma determinada matriz de traços.

A administração da lexicalização se dá da seguinte forma: (i) ativação (lexicalização): escolha das categorias cognitivas e dos traços semânticos das palavras; (ii) reativação (relexicalização): renovação do Léxico por rearranjo das propriedades lexicais e das palavras representadas nas propriedades; (iii) desativação (deslexicalização): morte de palavras.

### **III.2. Semântica e Semanticização**

A semanticização é o processo de criação, alteração e categorização dos sentidos. Há, assim, (i) semanticização léxica, relacionada à categorização dos sentidos das palavras; (ii) semanticização composicional, relacionada aos processos metonímicos de troca de propriedades de itens dispostos em contiguidade sintagmática; e (iii) semanticização pragmática, relacionada às “significações geradas no espaço que medeia entre os locutores e os signos linguísticos, em que surgem significados não contidos nas palavras nem nas construções gramaticais” (CASTILHO, 2007: 346). Nesse sentido, a semântica é o produto resultante da semanticização.

A administração do processo de semanticização se dá da seguinte maneira: (i) a ativação semântica (semanticização) é a criação de significados; (ii) a reativação semântica (ressemanticização) é a alteração da adequação à representação dos OBJETOS e dos EVENTOS; e (iii) a desativação semântica (dessemanticização) é a alteração de sentido na qual há um silenciamento do sentido anterior e a ativação de um novo sentido.

No que se refere ao estudo dos verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver*, realizamos a identificação de como as categorias cognitivas atuam no processo de formação de perífrases constituídas por gerúndio. A hipótese é a de que tais perífrases codificam aspecto, ou seja, fazem parte da categoria de VISÃO e EVENTO. Essas questões foram brevemente tratadas no capítulo II, em que apresentamos as noções relativas ao aspecto verbal.

### **III.3. Discurso e discursivização**

Vejam agora em que consiste o processo da Discursivização. Castilho (2006, 2007) entende Discurso tanto como conversação quanto como texto. O processo de Discursivização é o de criação do texto, ou seja, trata-se, nos dizeres de Castilho (2007: 348), de

um conjunto de atividades de negociação conversacional em que se envolvem o locutor e o interlocutor (ou o autor e o leitor), através das quais (i) se instanciam as pessoas do discurso e se constroem suas imagens, (ii) se organiza a interação através da elaboração do tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro, informar ou exteriorizar sentimentos, (iii) se organiza essa interação através dos procedimentos de correção sociopragmática, (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros

tópicos discursivos, e (v) se estabelece a coesão textual por meio de expedientes vários. (CASTILHO, 2007: 348)

O produto da discursivização é o texto e seu enquadramento em gêneros discursivos. Para Castilho (2007), o texto é resultado de uma série de categorias processuais como (i) a organização das unidades discursivas na elaboração do quadro tópico; (ii) a reformulação do quadro tópico por meio de repetição, correção e parafraseamento; (iii) a descontinuação tópica por meio de hesitações, interrupções e parentetizações; e (iv) a conexão textual por meio de marcadores discursivos e conectivos textuais.

A administração do processo de discursivização ocorre da seguinte forma: (i) ativação do Discurso (discursivização), ou seja, a hierarquização dos tópicos, a construção das unidades discursivas e a conexão dessas unidades; (ii) reativação do Discurso (rediscursivização), relacionada à repetição, correção e parafraseamento dos enunciados, assegurando a coesão do texto; e (iii) a desativação do Discurso (desdiscursivização), quando ocorre no abandono da hierarquia tópica nos momentos em que os falantes desenvolvem estratégias de parênteses e digressões.

Igualmente importante para a análise de fenômenos de mudança linguística é a abordagem das Tradições Discursivas. O conceito de Tradição Discursiva (TD) foi desenvolvido, inicialmente, no âmbito da Linguística Românica sob influência dos trabalhos de Eugênio Coseriu, e posteriormente, desenvolvido e aprimorado por Johannes Kabatek e colaboradores. Segundo Kabatek (2006), o estatuto da mudança linguística deve prever as relações entre Tradição Discursiva e evolução das línguas, uma vez que as mudanças linguísticas não acontecem em todos os tipos de texto, mas em certas Tradições Discursivas, que são responsáveis por motivar o uso de meios linguísticos adequados. Segue abaixo o conceito de TD de acordo com Kabatek (2006: 7):

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto, é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de comunicação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos. (KABATEK, 2006: 7)

De acordo com esse ponto de vista, os estudos de mudança linguística devem seguir duas premissas: (a) nas investigações diacrônicas de itens da língua, além da sucessão de evolução no tempo, convém diferenciar a diversidade textual real, a base de uma interpretação acertada da evolução linguística; e, (b) para a visão de conjunto da história da língua, convém considerar um “corpus diacrônico multidimensional” que, a depender dos objetivos da investigação, pode consistir em uma amostra de textos de uma única TD ou em uma amostra que mistura textos de diferentes TDs.

A investigação de fenômeno tratado neste trabalho sob o viés das TDs requer que explicitemos os passos metodológicos que adotaremos na composição do nosso corpus de análise. Tal viés parece importante no sentido de que o comportamento de uma dada construção perifrástica pode ser dependente também da TD considerada na composição do *corpus* adotado.

#### **III.4. Gramática e gramaticalização**

O processo de gramaticalização se refere a alterações da estrutura fonológica das palavras (fonologização), alterações na estrutura da palavra, no radical ou afixos (morfologização) e alterações na estrutura da sentença, reanálise e arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização). O produto da Gramaticalização é a Gramática, entendida como um subsistema constituído pelas estruturas em processo de cristalização que aparecem em três subsistemas: Fonologia (estruturas fônicas), Morfologia (estrutura da palavra) e Sintaxe (estruturas sintagmáticas e funcionais da sentença).

O modo como se rege a gramaticalização corresponde à: (i) ativação da gramática (gramaticalização), ou seja, a construção dos sintagmas e das sentenças, a ordenação dos constituintes, entre outras questões; (ii) reativação da gramática (regramaticalização), que está relacionada à reanálise (mudança das fronteiras de constituintes); (iii) desativação da gramática (desgramaticalização), responsável pela categoria vazia, como a erosão fonética na Fonologia, a presença de morfema flexional zero na Morfologia e a elipse de constituintes sentenciais na Sintaxe.

A respeito do objeto de estudo desta pesquisa, podemos dizer que os auxiliares ilustram o problema da desativação e da simultânea ativação de propriedades. Nesse sentido, há a criação de um novo quadro morfológico conjugacional, dotado de perífrases. Os dados que atestam o funcionamento dessa abordagem estão expostos nos capítulos V e VI, referentes à análise.

#### **III.4.1. Primeiros estudos sobre gramaticalização**

Os primeiros estudiosos a reconhecerem o fenômeno que viria, posteriormente, a se chamar *gramaticalização*, foram os orientais. Os chineses, no século X, distinguiam os símbolos plenos e vazios semanticamente, e consideravam que todos os símbolos vazios um dia haviam sido plenos. Mais tarde, na França do século XVIII, os filósofos Condillac e Rousseau argumentaram que o vocabulário gramatical era historicamente derivado de lexemas concretos. Esses estudos influenciaram profundamente as pesquisas comparativistas dos indo-europeístas do século XIX, como, por exemplo, os trabalhos de J. Horne Tooke. Heine *et al.* (1991) observam que Tooke pode ser considerado o pai dos estudos sobre gramaticalização. Seus trabalhos, publicados em 1857, apoiavam-se na ideia de que nomes e verbos seriam classes essenciais, por isso chamadas “palavras necessárias”. As outras classes, como as de advérbios, de preposições e de conjunções seriam resultado de uma abreviação ou de uma “mutilação” das “palavras necessárias”.

Ainda no século XIX, estudos de gramaticalização formaram o tema de alguns trabalhos comparativistas de Franz Bopp (lançados em 1816 e 1833). A partir dos trabalhos de Tooke, Bopp apresentou vários exemplos do desenvolvimento de auxiliares, afixos e flexões, derivados de material lexical. Em 1818, August Wilhelm von Schlegel apresentou vários estudos que propunham a ideia de que as palavras eram desprovidas de sua semântica para poderem circular facilmente na linguagem. Mais influentes, contudo, foram os estudos de Humboldt, como *Sobre a gênese das formas gramaticais e sua influência na evolução das ideias* (*Über das Entstehen der grammatischen Formen und ihren Einflub auf die Ideenentwicklung*), de 1822, que defendia a tese de Tooke de que preposições e conjunções “têm sua origem em palavras que denotam objeto”. Vários trabalhos

fundamentais foram lançados por neogramáticos alemães, como os de Gabelentz (1891), profundo conhecedor das línguas indo-europeias. Uma das várias contribuições de Gabelentz foi a proposição de um espiral evolucionário para descrever o processo de recriação de categorias gramaticais. Seus trabalhos trouxeram a segurança de que “o que hoje são afixos eram, no passado, palavras independentes”, assim como permitiram um aprofundamento dessas noções nos estudos seguintes.

No século XX, damos primordial atenção à contribuição de Paul Antoine Meillet, sobretudo seu trabalho de 1912, *L'évolution des formes grammaticales*. Neste trabalho, Meillet distingue dois aspectos da dinâmica das línguas, já conhecidos e investigados até então. Ele separa dois procedimentos que seriam os grandes responsáveis pelo surgimento de formas gramaticais, a saber, a *inovação analógica* e a *gramaticalização*, termo por ele cunhado. O primeiro, em termos gerais, consiste na criação de uma forma nova a partir de um modelo já existente na língua, e o segundo é definido como “atribuição de caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma” (MEILLET, 1912, *apud* HOPPER/TRAUGOTT, 1993: 18). O autor mostra, então, que a gramaticalização é de suma importância, pois cria novas formas que substituem as antigas já desgastadas pelo uso e, também, introduz categorias para as quais não havia expressão linguística antes, podendo transformar o sistema como um todo.

Na concepção de Meillet, a gramaticalização é um processo de mudança linguística, diacrônico e gradual, por meio do qual palavras são condicionadas ao uso em determinados contextos, como elementos de sentido gramatical. A transição de palavras lexicais (*mots principaux*) a outros morfemas com função gramatical (*mots accessoires*), também referidas como “palavras vazias” (*mots vides*), é descrita por Meillet como um tipo de *continuum*. Por palavras essenciais, entendem-se as que indicam ideias concretas e pertencentes às classes de nomes, verbos e complementos circunstanciais; por palavra gramatical, entendem-se as que regulam a gramática da língua e que se realizam principalmente por preposições, conjunções e auxiliares. Meillet lembra que uma palavra pode ser essencial em uma frase e, em outra, gramatical.

A motivação para a gramaticalização encontra-se na necessidade que os falantes têm de buscar na linguagem maneiras de designar ideias já conhecidas. O uso frequente de um

item leva ao desgaste e à diminuição do seu valor expressivo; o falante tende a reagir contra essa automatização, recrutando formas linguísticas já existentes para desempenhar novas funções ou criando novas colocações. Essa perda de expressividade está acompanhada do suposto enfraquecimento da forma fonológica e do significado concreto. Meillet postulava que o processo de mudança semântica na gramaticalização consiste, sobretudo, em um enfraquecimento do sentido, mais recentemente designado por *bleaching* (desbotamento semântico). Essa concepção foi muito discutida e terminou modificada, já que a ideia de empobrecimento é imprópria, pois o que ocorre, na verdade, durante a gramaticalização, não é uma perda de sentido, mas sim uma modificação semântica.

Essencialmente, para Meillet, a gramaticalização envolve a passagem do *lexical* para o *gramatical*, com o lado *gramatical* contendo a sequência interna *sintático* > *morfológico*, resultando no *cline*<sup>4</sup> previsível *lexical* > *sintático* > *morfológico*. O curso previsível ao qual o autor se refere decorre da unidirecionalidade do processo: as palavras principais servem de fonte para a criação das palavras gramaticais, nunca o inverso. Esse processo ficou conhecido pelo slogan “o léxico alimenta a gramática”. Deve estar claro que, para Meillet, a gramaticalização é um processo sempre em andamento, pois a todo momento há a necessidade de renovação linguística e de se usar palavras que perderam seu valor expressivo e significação plena, e passaram a funcionar como formas gramaticais. Nesse sentido, o autor também entende a gramaticalização como processo sincrônico, em que os diferentes usos de um mesmo item convivem num mesmo espaço de tempo.

Seguindo os estudos de Meillet, o indo-europeísta Jerzy Kurylowicz (1965 *apud* CAMPBELL/JANDA, 2001) foi o primeiro a estender a explicação do processo da gramaticalização. Para ele, o processo não se restringe à simples passagem do *lexical* > *gramatical*, mas inclui também a passagem do *menos gramatical* > *mais gramatical*, ou generalizando: *qualquer morfema (lexical ou gramatical)* > *morfema mais gramatical ainda* (CAMPBELL/JANDA, 2001: 95), seguindo a ideia da unidirecionalidade e da diacronicidade do processo. Desde então, os trabalhos sobre gramaticalização foram, em grande parte, reestruturados e, por vezes, até modificados radicalmente, porém, como

---

<sup>4</sup> Arranjo gradual das formas em gramaticalização ao longo de uma linha imaginária (HOPPER/TRAUGOTT, 1993: 6).

acentuam Hopper/Traugott (1993: 24), a concepção moderna de gramaticalização está calcada, mesmo que implicitamente, nas noções de Meillet.

#### III.4.2. Estudos recentes sobre Gramaticalização

Prosseguimos aqui no tema da gramaticalização para acrescentar outros argumentos, de interesse para esta dissertação.

Com o advento dos estudos estruturalistas de inspiração saussuriana, os estudos sobre gramaticalização sofreram uma pausa, já que se dava pouca importância aos estudos diacrônicos. Nesse período, além dos estudos de Kurylowicz, Émile Benveniste lança o artigo *Mutations of linguistic categories* (1986, *apud* LEHMANN, 1995[1982]: 7), em que retoma as noções de “criação” e “renovação” de Meillet, mas evita o termo *gramaticalização*.

Hopper (1996) destaca que a gramaticalização voltou a fazer parte dos interesses linguísticos a partir da década de 70, por influência da pragmática e dos estudos sobre os universais da linguagem. Dentre os estudiosos que popularizaram a ideia de que a gramática era um produto constante de mudanças, motivadas por questões discursivas, está Talmy Givón (1979). Defende esse autor que as estruturas discursivo-pragmáticas, naturalmente mais flexíveis, transformariam-se em estruturas sintáticas gramaticalizadas, tipicamente estáveis. Semelhantemente a Meillet, Givón afirma que o processo de sintaticização é um processo diacrônico e cíclico. A diferença é que, para Givón, o ponto de partida é sempre um elemento do discurso que segue a direção: *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfofonêmica* > *zero*. A partir dessas noções, Givón formulou a hipótese de que “*a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem*”, reformulada posteriormente no *slogan*: “*a sintaxe de hoje é a pragmática discursiva de ontem*”.

Embora circule entre os estudiosos da gramaticalização desde 1982, é apenas em 1995 que é publicada a primeira edição de *Thoughts on Grammaticalization* (originalmente *Thoughts on Grammaticalization: a Pragmatic Sketch*), de Christian Lehmann, considerada por Hopper (1996) o primeiro estudo propriamente dito sobre gramaticalização nos tempos modernos. Nessa obra, o autor argumenta que a mudança linguística ocorre quando o

ouvinte faz uso com sentido mais gramatical de um item que inicialmente era usado como menos gramatical, assinalando que a mudança ocorre em contextos de polissemia.

Para o autor, o grau de gramaticalização é inversamente proporcional à autonomia de um signo, pois quanto mais gramaticalizado, menos autônomo é ele. Em busca de critérios que avaliem a gramaticalização sincronicamente, Lehmann propõe três aspectos com o propósito de medir o grau de autonomia de um signo: **peso** – para ser autônomo, um signo deve ter peso, o que o diferencia de outros signos, uma vez que é apresentado com certa proeminência no sintagma; **coesão** – a autonomia é menor quanto mais um signo contrai relações com outros signos; **variabilidade** – quanto maior sua mobilidade, maior será sua autonomia. Com base nessas características, Lehmann apresenta os primeiros aspectos da gramaticalização: diminuição no **peso** e **variabilidade** e aumento da **coesão**.

É importante ressaltar que, para Lehmann (1995 [1982]), os parâmetros (peso, coesão e variabilidade nos eixos sintagmático e paradigmático) não representam processos, mas propriedades de signos, ainda que sejam propriedades variáveis de acordo com cada estágio de gramaticalização em que um signo está. Isso significa que os parâmetros não identificam a gramaticalização e, sim, a autonomia ou o *grau de gramaticalidade* de um signo. Desse modo, pode-se entender que a gramaticalização é um processo que consiste na mudança relativa do valor que os itens recebem nos vários parâmetros.

Além da preocupação em fornecer critérios estruturais para a aferição da gramaticalização, outra preocupação de Lehmann relacionada aos estudos da mudança linguística refere-se à questão: “em que ponto a gramaticalização começa e onde termina?”. O autor postula que a gramaticalização tem início com palavras lexicais potencialmente não flexionadas no discurso, que passam por um processo de sintaticização, morfologização e desmorfemização. Ressalta ainda que raramente ocorre essa trajetória, ao passo que é possível um elemento entrar em qualquer etapa do processo e não necessariamente chegar até o final. Vale lembrar que, segundo a abordagem multissistêmica, essas mudanças acontecem simultaneamente.

Semelhantemente a Lehmann (1995 [1982]) e a Heine/Reh (1984), Paul Hopper (1991) apresenta princípios gerais segundo os quais as formas linguísticas usadas para falar sobre o mundo das ideias e para exprimir relações gramaticais emergem de palavras que

fazem referência a entidades mais claramente definidas. O autor, ao apresentar seus princípios, declara que sua intenção é complementar os parâmetros de Lehmann (1995 [1982]), os quais caracterizam os estágios mais avançados do processo. Desse modo, Hopper (1991: 22) focaliza os estágios mais iniciais e apresenta as seguintes tendências na emergência de itens gramaticais:

- I. Estratificação (*layering*):** num domínio funcional, novas camadas estão emergindo continuamente. Quando isso acontece, as novas camadas podem passar a coexistir com as camadas mais antigas.
- II. Divergência (*divergence*):** quando uma forma lexical se gramaticaliza, a forma original lexical pode permanecer no sistema como elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças de um item lexical comum.
- III. Especialização (*specialization*):** em um determinado estágio, num domínio funcional, pode haver uma variedade de formas com nuances semânticas diferentes. À medida que a gramaticalização ocorre, essa variância se estreita e um pequeno número de formas selecionadas assume significados semânticos gerais e mais gramaticalizados.
- IV. Persistência (*persistence*):** este princípio permite verificar a permanência de traços do significado original da forma fonte na nova forma gramatical, sendo que detalhes de sua história lexical podem refletir em sua distribuição gramatical.
- V. Descategorização (*de-categorialization*):** formas gramaticalizadas tendem a perder ou a neutralizar marcas morfológicas e propriedades sintáticas características de categorias plenas, como nomes e verbos, e a assumir características de categorias secundárias, como auxiliares, adjetivos ou preposições.

Outra contribuição de Hopper (1991) é a identificação de duas dimensões nas quais se baseiam os estudos da gramaticalização: a lexical (etimológica) e a discursiva (textual). Na primeira, recorre-se a aspectos semânticos e cognitivos para explicar o que é gramaticalizado; já na segunda, a preocupação está em analisar os contextos discursivos em que a gramaticalização ocorre. De acordo com o autor, uma dimensão complementa a outra,

no sentido de que a primeira explica o que é gramaticalizado e a outra demonstra como isso ocorre. A essa ideia relacionamos a abordagem das Tradições Discursivas, que está interessada primordialmente em identificar o comportamento da mudança segundo o discurso.

Também em 1991, motivados pelas pesquisas do projeto sobre gramaticalização de línguas africanas, os alemães Bernd Heine, Ulrike Claudi e Friederike Hunnemeyer trabalharam juntos na elaboração de uma das obras mais importantes e influentes nos estudos sobre a gramaticalização. “*Grammaticalization: a conceptual framework*” começa com uma resenha histórica sobre o que é a gramaticalização e com questões sobre como é iniciado o processo de mudança. Nesse sentido, os autores aderem à hipótese de que a gramaticalização é iniciada por forças que estão localizadas fora da estrutura da língua.

Heine e colaboradores sustentam que a gramaticalização ocorre a partir de processos cognitivos, como desbotamento semântico (*bleaching*), abstração (*abstraction*), reinterpretação e, ainda, mais especificamente, a partir de processos metafóricos e metonímicos.

Ao lado dessa obra, *Grammaticalization*, de Hopper/Traugott (1993) constitui também obra de referência sobre o assunto. Inicialmente, os autores relacionam importantes conceitos sobre a gramaticalização e seus processos. Chamam atenção para a importância do reconhecimento de formas gramaticais e lexicais, bem como suas particulares relações estreitas. Classificam as formas gramaticais em: palavras gramaticais com relativa independência fonológica e sintática, formas derivacionais e clíticos. Sobre a estrutura da língua e sua relação com a gramaticalização, levantam a questão de que a gramaticalização sugere consequências para a teoria linguística, pela dificuldade em dividir a língua em classe, e sobre suas perspectivas. Como contribuição mais relevante e clara do alcance da gramaticalização, os autores propõem a gramaticalização de orações a partir da proposta de Givón (1979).

### III.4.3. Princípio e mecanismos da gramaticalização

Hopper (1991), Lehmann (1995 [1982]) e outros pesquisadores da gramaticalização buscam explicar uma dada regularidade no fenômeno. Sendo assim, além de apresentarem os princípios e parâmetros já mencionados, discorrem acerca do princípio da unidirecionalidade e de outros mecanismos que podem explicar o modo como a gramaticalização ocorre efetivamente, segundo postula a teoria clássica. Nesta seção serão expostos o princípio da unidirecionalidade e alguns mecanismos, no sentido de elucidar como cada um deles atua no processo de gramaticalização.

#### A) Princípio da unidirecionalidade

O princípio da unidirecionalidade pode ser hipotetizado por meio da atuação de mecanismos, os quais motivariam a mudança linguística. São eles, por exemplo, *bleaching*, *reanálise categorial*, *analogia*, *redução fonética*, *gradualidade* do processo, *aumento da frequência de uso* etc.

Para a caracterização da direcionalidade da mudança, Heine *et al.* (1991) propõem a observação de um *continuum* ou *cline* de mudança irreversível. Isso significa dizer que o processo *gramática* → *léxico* não seria admitido como possível pela gramaticalização. Nesse sentido faz-se necessário entender o que seria componente lexical e o que seria componente gramatical. Heine *et al.* (1991) afirmam que os itens que pertencem ao primeiro grupo são autônomos, enquanto que os que pertencem ao segundo admitem significado apenas pela combinação com outros itens. Por esse motivo, o componente gramatical, além de ser mais abstrato do que o lexical, forma classes fechadas; em contrapartida, o componente lexical constitui uma classe aberta. O quadro abaixo aponta o fato de que há elementos que são mais lexicais e elementos que são mais gramaticais, sendo que as categorias intermediárias estariam reservadas para os itens não prototípicos. Segundo essa linha, os verbos auxiliares seriam exemplos de que os itens lexicais e os itens gramaticais não fazem parte de categorias discretas.

<b>Categorias lexicais</b>	<b>Categorias gramaticais</b>
+ conteúdo referencial	- conteúdo referencial
Possuem conteúdo semântico isoladamente	Não possuem conteúdo semântico isoladamente
São representadas por palavras mais autônomas (palavras livres)	São representadas por palavras ligadas ao contexto ou a outra forma (palavras presas)
Permitem modificadores de diferentes classes	Não permitem modificadores
São de uso menos frequente	São de uso mais frequente
Possuem maior conteúdo fonológico	Possuem menor conteúdo fonológico
Estabelecem relações referenciais (extralinguísticas)	Estabelecem relações gramaticais (linguístico-contextuais)
Compõem uma classe aberta	Compõem uma classe fechada

**Quadro 9 - Categorias lexicais vs. categorias gramaticais adaptado de Heine *et al.*, 1991)**

Retomando a questão da unidirecionalidade, Hopper/Traugott (1993) ressaltam que a passagem de um item lexical a um item gramatical não é direta e que os contextos propiciadores dessa passagem são específicos. Desse modo a gradualidade do processo deve ser representada no *continuum* ou *cline* de mudança [item lexical usado em contextos específicos] > [sintaxe] > [morfologia]. De acordo com essa *linha*, os “itens lexicais que se tornam gramaticalizados cumprem, primeiramente, funções necessariamente discursivas, tornando-se em seguida sintaticamente fixos e, posteriormente, vindo a construir um morfema” (GONÇALVES, 2003: 31). Ainda de acordo com Hopper/Traugott (1993), há alguns contraexemplos da hipótese da unidirecionalidade, mas sua baixa frequência corroboraria a noção direcional prototípica da gramaticalização.

Como já apresentado anteriormente, entendemos a língua como um sistema complexo, ou seja, a língua não é linear, pelo contrário, é um sistema dinâmico, que exhibe um comportamento irregular, imprevisível. Nesse sentido, entendemos que a unidirecionalidade não é uma das condições da mudança linguística.

## **B) Metáfora**

Em gramaticalização, a metáfora envolve, grosso modo, a abstratização de significados. Isso significa dizer que itens que expressavam conceitos concretos passam a expressar conceitos mais abstratos. Com base na cognição humana, Heine *et al.* (1991) construíram a seguinte escala unidirecional:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

(HEINE *et al.*, 1991: 48)

Esse *cline* representa a hipótese dos autores de que a “gramaticalização é o resultado de uma estratégia de solução de problemas, segundo a qual conceitos que são imediatamente acessíveis à experiência humana são empregados para a expressão de conceitos menos acessíveis e mais abstratos”. (HEINE *et al.*, 1991: 158) De acordo com essa ideia, então, o arranjo das categorias é unidirecional e pode ser explicado como um tipo de “abstração metafórica, em que uma dada categoria é mais abstrata do que uma categoria à sua esquerda. Essas categorias podem ser relacionadas aos tipos de classes de palavras e a tipos de constituintes, como representado no quadro seguinte.

<b>Categoria</b>	<b>Tipo de palavra</b>	<b>Tipo de constituinte</b>
PESSOA	Nome humano	Sintagma nominal
OBJETO	Nome concreto	Sintagma nominal
ATIVIDADE	Verbo dinâmico	Sintagma verbal
ESPAÇO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
TEMPO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
QUALIDADE	Adjetivo, verbo de estado, advérbio	Modificador

**Quadro 10 - Relações entre categorias metafóricas e tipos de palavras e constituintes (adaptado de HEINE *et al.*, 1991: 53-54)**

Heine *et al.* (1991) salientam que a transferência de significados entre categorias não implica necessariamente na substituição do primeiro pelo outro, mas presume-se que, em algum momento, os dois coexistam, tendo como resultado a sobreposição de sentidos. Nesse sentido a cadeia é vista como um *continuum*, cujas fronteiras não são claras. É difícil conciliar esta posição com a nossa se entendermos a língua como um sistema complexo, em que as propriedades convivem, não derivam umas de outras. Na verdade, a ideia de que há sobreposição de sentidos e categorias não discretas auxiliam na argumentação de que o que ocorre são processos simultâneos.

### C) Metonímia

Segundo Heine *et al.* (1991: 64), enquanto a metáfora é caracterizada por um processo livre de restrições discursivo-pragmáticas, a metonímia depende fortemente do contexto linguístico e extralinguístico. Nesse sentido, a metonímia é um mecanismo que pode desencadear uma reanálise estrutural a partir de substituições que o falante faz para exemplificar algo característico, como a “parte pelo todo”, “o produtor pelo produto”, “o objeto usado pelo usuário”, etc.

De acordo com os linguistas, a *reinterpretação induzida pelo contexto*, ou seja, a manipulação discursivo-pragmática dos conceitos que estão sujeitos a fatores contextuais na interpretação enunciativa, envolve os seguintes estágios:

- **Estágio I**: em adição ao sentido focal e central de A, uma dada forma linguística F adquire um sentido adicional B quando ocorre em um contexto específico C. Isso pode resultar em ambiguidade semântica, desde que os sentidos A e B estejam implicados no contexto C.
- **Estágio II**: a existência do sentido B torna possível o uso da forma em novos contextos que são compatíveis com B, mas descartam o sentido A.
- **Estágio III**: B é convencionalizado e forma um foco secundário caracterizado pelas propriedades contidas em elementos não presentes em A, com o efeito que F agora tem duas polissemias, A e B, que podem desenvolver-se eventualmente em formas homófonas.

Desse modo, baseando-se na transição entre os estágios, os pesquisadores afirmam que, no processo de gramaticalização, há, na passagem de A a B, um estágio intermediário, e, que as duas entidades estão presentes, estando presentes os componentes metafórico e metonímico, como ilustrado abaixo:

$$A \rightarrow A, B \rightarrow B$$

No quadro a seguir, adaptado de Gonçalves *et al.* (2007), estão apresentadas as principais diferenças entre a atuação da metáfora e da metonímia:

<b>METÁFORA</b>	<b>METONÍMIA</b>
Opera na inter-relação de domínios conceptuais – representa membros de um domínio semântico em termos de outro.	Opera na inter-relação sintática dos constituintes – indicia, aponta significados que estão implícitos.
Opera no eixo paradigmático – especifica um significado, usualmente mais complexo, em termos de outro, não presente no contexto.	Opera no eixo sintagmático – especifica um significado em termos de outro que está presente no contexto, ainda que de forma não explícita.
Opera por analogia.	Opera por reanálise.
Envolve implicaturas convencionais.	Envolve implicaturas conversacionais.

**Quadro 11 - Principais diferenças entre a atuação da metáfora e da metonímia (GONÇALVES *et al.*, 2007: 49)**

É importante ressaltar que a metáfora e a metonímia serão interpretadas a partir do sistema da semântica e do processo de semanticização. Sendo assim, a metáfora e a metonímia são identificadas como mecanismos que podem exemplificar a ativação, a reativação ou a desativação de propriedades semânticas de uma construção. A análise referente ao processo de semanticização está no capítulo VI deste trabalho.

#### **D) Reanálise e analogia**

Além dos mecanismos de metáfora e metonímia, há ainda dois outros que afetam a estrutura das línguas: a *reanálise* e a *analogia*. Esses mecanismos são subjacentes à metáfora e à metonímia, respectivamente, e são considerados significativos principalmente para mudanças morfossintáticas.

De acordo com Hopper/Traugott (1993), um dos tipos mais frequentes de reanálise na gramaticalização é a perda das fronteiras morfológicas de duas ou mais formas e sua consequente fusão. Nesse caso, os elementos constituintes são redelimitados para diferentes categorias semântico-sintáticas, mas não se fundem em uma só palavra. Segundo Castilho (1997), essa mudança na percepção dos elementos deve-se a um tipo de raciocínio conhecido como abdução ou inferência, por meio do qual apagamos os limites entre determinados elementos, estabelecendo novos “cortes”, sem alterar a manifestação superficial da unidade.

A analogia refere-se à relação de formas pré-existentes com outras construções também já existentes no sistema. Isso quer dizer que o falante estende um uso mais geral para substituir usos menos gerais. Desse modo, de acordo com Castilho (1997), a analogia

não promove o surgimento de novas formas e, sim, estende regras a itens ainda não atingidos, “uniformizando” as formas da língua. Nas palavras de Ilari, a analogia seria a relação forma-sentido entre as unidades da língua.

Hopper/Traugott (1993) argumentam que a reanálise e a analogia possuem diferentes efeitos, uma vez que envolvem inovações ao longo de eixos distintos. A reanálise atua no eixo sintagmático; já a analogia atua no eixo paradigmático.

Extraído dos autores Hopper/Traugott (1993: 61), o exemplo dado na figura abaixo ilustra a atuação da reanálise e da analogia na gramaticalização do auxiliar *be going to*, do inglês, que se reduz a *gonna*.

				Eixo sintagmático
Estágio I	be PROGRESSIVO	going v. direcional	[to visit Bill] [oração de finalidade]	
Estágio II	[be going to] TEMPO (por reanálise)	visit v. de ação	Bill	
Estágio III	[be going to] TEMPO (por analogia)	like v.	Bill	
Estágio IV	[gonna] like/visit Bill (por reanálise)			
				Eixo paradigmático Mecanismo: analogia

Figura 2 - Esquema de desenvolvimento do auxiliar *be going to* (HOPPER/TRAUGOTT, 1993: 61)

Foi possível perceber, a partir das considerações acima, que a abordagem clássica pressupõe que a gramaticalização é um processo geral que envolve a alteração dos quatro subsistemas da língua, o léxico, a semântica, a sintaxe e o discurso, sendo que tais alterações ocorrem de modo linear e unidirecional. Ressalto que, portanto, o que foi apresentado aqui referente aos processos lexicais, semânticos e discursivos será entendido sob a perspectiva da abordagem multissistêmica, a qual considera que cada um dos subsistemas funciona de forma não hierarquizada e, portanto, interdependente.



## CAPÍTULO IV: METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo é destinado a tratar da metodologia de pesquisa empregada no tratamento do objeto de estudo. Para tanto, faz-se necessário descrever o material de pesquisa, bem como discorrer sobre alguns dos principais pontos acerca dos gêneros escolhidos para a coleta de dados. Nesse sentido, essas considerações elucidam a escolha dos critérios de investigação dos dados, apresentados ao final deste capítulo.

### IV.1. Coleta de dados

Por se tratar de construções pouco produtivas na escrita com relação a outros tipos de fenômeno nos três séculos estudados, a saber, XVIII, XIX e XX, optamos por investigar todo o material disponível nos três séculos. Os documentos constituintes dos *corpora* de análise seguem os critérios adotados pelos pesquisadores do PHPB.<sup>5</sup> Além disso, foram utilizados outros documentos coletados por nós para complementação do século XX. Ressaltamos que foram coletados dados referentes unicamente ao Estado de São Paulo. Os documentos que serviram de base para a coleta dos dados estão relacionados abaixo, organizados por século, seguidos de uma breve descrição.

Século XVIII		
Tipo de texto/Título	Referência	Descrição
<i>Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela</i> – 1721-1819 (Fundo C0255 – AHESP).	Seb	Cartas oficiais enquadradas na categoria informal de interlocução autor/leitor. Apresentam um alto grau de fixidez de formas, apesar de serem informais na medida em que não possuíam circulação pública. Possuem como principais temas solicitações oficiais aos militares e informações sobre as regiões controladas por eles.
<i>Militares Comandantes – Capitão Mór de Bragança, Atibaia e Nazaré</i> – 1723-1822 (Fundo C00262 - AHESP).	BAN	
<i>Militares – General Arouche – Vale do Paraíba</i> – 1816-1821 (Fundo C00265 - AHESP)	Gen	
<i>Cartas de Aldeamentos de Índios</i> <sup>6</sup>	AI	São cartas da Administração Privada produzidas em sua maioria por religiosos de várias ordens, os quais administravam as aldeias de índios do entorno da vila de São Paulo. Possuem como principais temas informações sobre o cotidiano das aldeias e listas de índios.

Quadro 12 - Relação de textos do século XVIII

<sup>5</sup> Disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>.

<sup>6</sup> Coletadas e editadas por Simões/Kewitz (2006) e Simões (2006) no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo (AHESP).

Século XIX <sup>7</sup>		
Tipo de texto/Título	Referência	Descrição
Cartas de leitores e redatores de jornais e revistas	CLR-A	São cartas de leitores e redatores publicadas em jornais e em revistas, tratando de assuntos diversos, como reclamações, críticas e opiniões sobre o cotidiano da época. Os redatores e o público leitor constituem o grupo de interlocutores das cartas. <sup>8</sup>
Anúncios de jornais e revistas	AN-A	Há grande variedade de formas e registros, uma vez que constituem diversos tipos de anúncios, como venda de produtos, fuga de escravos, peças teatrais etc. <sup>9</sup>
Correspondência passiva de Washington Luiz <sup>10</sup>	CPWL-A	Cartas escritas por familiares de Washington Luiz com conteúdo variado e que abrangem o período em que ele era estudante de Direito até 1900.

**Quadro 13 - Relação de textos do século XIX**

Século XX		
Tipo de texto/Título	Referência	Descrição
Cartas de leitores e redatores de jornais e revistas	CLR-B	São cartas de leitores e redatores publicadas em jornais e revistas, tratando de assuntos diversos apresentados, principalmente, em números anteriores. Há grande intervenção dos editores no caso das cartas de leitores. <sup>11</sup>
Anúncios de jornais e revistas	AN-B	Com o crescimento da imprensa, os anúncios passam a ser mais curtos e se referem, na maioria das vezes, à venda de produtos. <sup>12</sup>
Correspondência passiva de Washington Luiz	CPWL-B	Cartas escritas por familiares e amigos de Washington Luiz. O conteúdo é mais formal e trata, basicamente, de pedidos, reclamações e troca de informações sobre os envolvidos.
Correspondência Passiva Particular <sup>13</sup>	CPP	Cartas recebidas por Verena Kewitz entre 1989 e 1993, escritas por remetentes que não se conhecem pessoalmente, de 16 e 21 anos de idade, cursando o ensino médio/cursinho. O conteúdo é baseado na troca de informações sobre um grupo musical, escola e família.

**Quadro 14 - Relação de textos do século XX**

<sup>7</sup> Todos os documentos do século XIX fazem parte dos corpora do PHPP.

<sup>8</sup> Organizado por Barbosa/Lopes (2004).

<sup>9</sup> Editado em Guedes/Berlinck (2000).

<sup>10</sup> Editado em Simões/Kewitz (2006).

<sup>11</sup> Documentos coletados na Folha de S. Paulo (disponível em [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br)), na Revista Veja (disponível em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>), Córpus do Português Diacrônico ([www.cdp.ibilce.unesp.br](http://www.cdp.ibilce.unesp.br)), jornais e revistas paulistas do Arquivo Público do Estado de São Paulo (<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>).

<sup>12</sup> Também coletados nos documentos descritos em 4.

<sup>13</sup> Kewitz (2007).

## IV.2. Investigação dos dados

Constituem objeto de estudo ocorrências dos verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio. Partimos da hipótese de que são construções que constituem perífrases verbais marcadoras do *aspecto imperfectivo cursivo*. A escolha desses quatro verbos foi motivada pela noção de que, apesar de, inicialmente, codificarem o mesmo tipo aspectual – o imperfectivo cursivo, caracterizado pela noção de duração –, diferenciam-se no que se refere às noções semânticas intrínsecas de cada um deles. Em *andar*, a duração está pressuposta pelo deslocamento no espaço e, conseqüentemente, no tempo; em *continuar*, há a duração de um estado-de-coisas supostamente já iniciado; em *ficar*, a duração é aferida pela permansividade do estado-de-coisas; e, em *viver*, a duração é dada pela existência de um ser. Nesse sentido, buscamos responder quais combinações de cada um desses verbos com o gerúndio possibilitam a codificação de um mesmo tipo aspectual.

É importante ressaltar que tanto os critérios semânticos quanto os critérios sintáticos foram analisados nas perífrases com gerúndio. Os outros tipos de construções com cada verbo foram analisados de modo a elucidar o seu funcionamento para auxiliar na identificação dos processos de mudança.

No que se refere à identificação dos processos sintáticos relacionados à constituição das perífrases, empregamos critérios de auxiliaridade para aferir o seu grau de gramaticalidade e, conseqüentemente, o grau de auxiliaridade de V1. Nesse sentido, realizamos testes a fim de identificar a possibilidade de ocorrência de cada um dos critérios.<sup>14</sup> Estabelecemos, com base na literatura e no levantamento prévio dos dados, o seguinte conjunto de critérios de análise dos dados:

<b>Crítérios de Auxiliaridade</b>
1. Detematização
2. Incidência da negação
3. Sujeito único
4. Paradigmatização

**Quadro 15 - Critérios de auxiliaridade empregados nesta pesquisa**

---

<sup>14</sup> Destacamos que a segmentação de critérios entre os sistemas da sintaxe e da semântica é complexa e, por vezes, o mesmo tipo de critério pode fazer parte das duas. Como escolha metodológica, optamos por relacionar os critérios de auxiliarização às mudanças no nível sintático.

- 1) **Detematização:** o verbo auxiliar não atribui funções a um dado sintagma nominal com o qual se combina.
- 2) **Incidência de negação sobre a perífrase:** uma sequência em auxiliação não pode ser separada por um negativizador, pois a negação incide sobre o grupo verbal.
- 3) **Sujeito único:** a perífrase com auxiliar comporta apenas um sujeito, cujos traços e papel temático são determinados pelo verbo principal (auxiliado).
- 4) **Paradigmatização:** o verbo auxiliar forma um paradigma completo de conjugação.

Consideramos que esses critérios englobam outros apresentados no capítulo II deste trabalho e, portanto, seriam adequados para aferir o grau de gramaticalidade de V1. Além da checagem inicial dos critérios de auxiliaridade para cada tipo de V1/perífrase, todas as ocorrências levantadas foram submetidas a parâmetros (fatores) linguísticos a fim de que fosse realizada a apuração da multifuncionalidade das construções, contabilizando-se, assim, a quantidade de ocorrências de cada *type* e identificando-se os fatores linguísticos que influenciam o predomínio de uma determinada função. Tais fatores referem-se, especificamente, à análise da presença e especificação de material inserido entre V1 e V2 e da forma verbal de V1 (tempo e modo de conjugação).

Para analisar o processo de semanticização e as características semânticas das perífrases, recorreremos à identificação das subcategorias semânticas que subjazem a cada construção e do aspecto codificado em cada uma delas. A tipologia aspectual empregada é baseada em Castilho (2010), aqui repetida:

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

Quadro 16 - Tipologia aspectual empregada na análise (CASTILHO, 2010)

A identificação da face qualitativa do aspecto está condicionada às seguintes propriedades (Castilho, 2010: 420):

- Aspecto imperfectivo: (i) apresenta uma predicação dinâmica de sujeito /específico/; (ii) compreende uma fase inicial (imperfectivo inceptivo), uma fase em pleno curso (imperfectivo cursivo); ou (iii) uma fase final do estado-de-coisas (imperfectivo terminativo).

Quanto à face quantitativa, o aspecto semelfactivo é identificado a partir da visão global de um estado-de-coisas (acontecimento único do imperfectivo ou do perfectivo). Já o aspecto iterativo tem as seguintes propriedades: (i) representa a quantificação do imperfectivo e do imperfectivo; (ii) apresenta a noção de repetição.

A identificação dos tipos de V2 está condicionada aos seguintes fatores (CASTILHO, 2011):

- 1) Verbos estativos: não descrevem um acontecimento, e sim “alguma coisa que subsiste”: Chierchia (2003: 493). Eles expressam estados de coisa globais, não fracionáveis, não necessitando atingir um ponto de culminação: *ser, estar, permanecer, ficar, tornar-se, parecer* etc.
- 2) Verbos de evento télico: expressam estados-de-coisas que retratam uma entidade singular, que atingiu um desfecho, como *chegar, cair, despertar, atravessar [uma rua]* etc.
- 3) Verbos de processo atélico: expressam acontecimentos, ou seja, estados-de-coisas que não dependem de um desfecho para existir, como *correr, saber, amar, perceber* etc.

### **IV.3. Considerações sobre a frequência dos itens no discurso**

Segundo Bybee (2003), a frequência de uso dos itens é um dos aspectos que favorece a mudança linguística. Trata-se de uma força ativa no desencadeamento das mudanças que ocorrem na gramaticalização, tanto fonológicas como morfológicas e semânticas. Nessa perspectiva, a autora reconhece dois modos de apurar a frequência, que são relevantes para os estudos linguísticos: um método gera a frequência *token* e outro, a frequência *type*. Com base nessas considerações, procurou-se estabelecer, para os dados

levantados, os dois tipos de frequência: *type* e *token*. A frequência *token* foi obtida pela contagem geral das ocorrências de cada perífrase, independentemente de sua função. Para a definição de frequência *type*, considerou-se a codificação aspectual específica de cada ocorrência. A expectativa com essa metodologia é a de que a frequência de uso esteja fortemente correlacionada com a gramaticalização das perífrases.

## CAPÍTULO V: SINTATICIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM OS VERBOS *ANDAR*, *CONTINUAR*, *FICAR* E *VIVER* SEGUIDOS DE GERÚNDIO

Neste capítulo, apresentamos os resultados da análise dos processos sintáticos que envolvem os verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio, ou seja, analisamos a criação e as alterações da estrutura da sentença, em seus arranjos sintagmáticos e funcionais. Remetemo-nos a resultados de todos os contextos de uso dos referidos verbos, passando pelos verbos plenos e pelos verbos funcionais, percurso esse que pode auxiliar na identificação de gatilhos da mudança.

No gráfico a seguir observa-se o total geral das ocorrências coletadas no *corpus*. É importante ressaltar que esse gráfico apresenta apenas os resultados gerais, e não indica uma comparação direta entre as construções analisadas, isto é, não significa que a alta frequência de uma determinada construção seja decorrente da baixa frequência de outra.

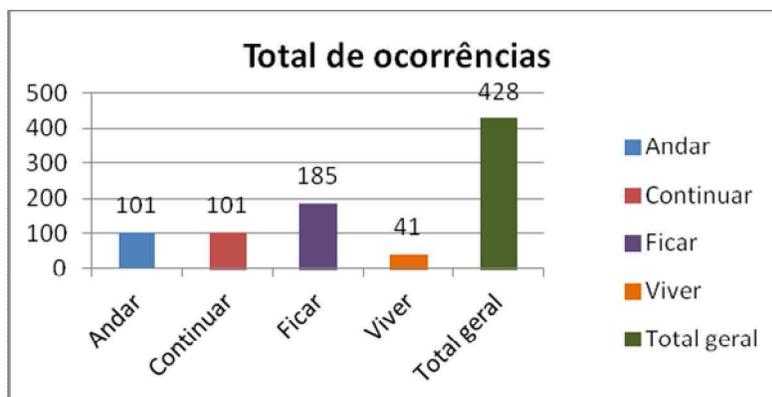


Gráfico 1 - Total de ocorrências dos verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* coletadas no *corpus*

Depreende-se do gráfico 1 que foram encontradas, no total, 428 ocorrências. Observamos que as construções com o verbo *ficar*, com 43% (185 dados), são as mais frequentes, seguidas pelas construções com os verbos *continuar* e *andar*, com 23,5% (101) cada, e, por fim, as construções com o verbo *viver* ocorreram em apenas 10% dos casos (41).

Nas seções a seguir, analisamos individualmente cada tipo de construção a fim de identificar seu comportamento sintático. Esperamos que as construções com os verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* (V1) seguidos de gerúndio sejam perífrases formadas por um verbo auxiliar. Para que essa análise prossiga, damos agora especial atenção ao processo de auxiliarização.

Geralmente, verbos auxiliares não atribuem papel temático a seus argumentos, não expressam ações, fatos, fenômenos ou estados. Nesses casos, então, o verbo passa a funcionar como marcador de categorias verbais, e deixa de desempenhar papel de verbo pleno. Esse fenômeno pode ser explicado pelo processo de gramaticalização, no qual ocorrem alterações nas palavras, as quais mudam de estatuto, ou seja, passam de um uso mais lexical a um uso mais gramatical. Postula-se que no fenômeno de gramaticalização de verbos ocorre uma transposição de verbo pleno para verbo funcional e, posteriormente, para verbo auxiliar, representada pela seguinte escala:

(01) verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar

É importante ressaltar que a escala reproduzida em (01) não designa uma sequência obrigatória de um percurso, mas apenas indica pontos possíveis pelos quais pode passar um verbo em processo de gramaticalização. A seguir, passamos a apresentar as características de cada tipo verbal, enfatizando principalmente suas características sintáticas.

De acordo com Castilho (2010: 397), “*verbos plenos* são os que funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papel temático”. Um bom exemplo de verbo pleno está apresentado em (02)<sup>15</sup>:

(02) No caminho apanhei uma chuva que nem o diabo; | mas não foi nada, estou na terra. || Agora porém, é que são ellas. || Desde que cheguei tenho **andado** mais do que o diabo | nunca **andou** na sua vida, e quem diz que eu encontre | tais ruínas! Tenho gyrado pr’a baixo e pr’a riba, de | roda, atravessado, mas qual historia todas as ruas são a | mesma! || (CLR-A 472)

Na mudança de verbo pleno a funcional, ocorre, então, a inserção de outros tipos de estruturas no lugar do que seria um complemento verbal. O ponto seguinte aos verbos

---

<sup>15</sup> Os exemplos dessa seção foram retirados do próprio *corpus* de análise.

plenos, segundo Castilho (2010: 397), é ocupado na escala de gramaticalização pelos verbos funcionais:

*Verbos funcionais* são os que transferem esse papel aos constituintes à sua direita, geralmente sintagmas nominais, sintagmas adjetivais, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais, reduzindo-se a portadores de marcas morfológicas e especializando-se na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas (...). (CASTILHO, 2010: 397)

O autor se refere, nesse trecho, ao uso de um verbo seguido de uma minissentença, como pode ser visto no exemplo (03) abaixo:

- (03) LIVRARIA São BENTO|Está em final liquidação esta livraria; portanto, quem quiser possuir pelo custo bons romances nacionaes e estrangeiros é **andar depressa**.|Tambem pelo custo, papel enveloppes, tinta, cadernetas etc.|As vendas pelo custo são só à dinheiro.|Rua 2, casa número 46. A *Notícia*, dezembro de 1898 (AN-A)

Hipotetiza-se que as estruturas formadas por verbos auxiliares seguidas de verbo pleno em forma nominal emergem a partir de estruturas formadas por verbo funcional seguido de sintagma nominal, sintagma adjetival ou sintagma adverbial, resultando em verbo auxiliar seguido de infinitivo, particípio ou gerúndio, este último foco de nosso trabalho.

Para Castilho (2010: 397),

*Verbos auxiliares* são os que desempenham papel assemelhado ao dos verbos funcionais, com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em forma nominal, aos quais os auxiliares atribuem categorias de pessoa e número, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo. (CASTILHO, 2010: 397)

- (04) Eu não vou aos peis de *Vossa Excelencia*  
Como Já otenho feito duas veZes, nem fuy estes dias  
que eSse hera omeu DeZejo por estar em fermo que  
**ando tomando SalSsa**, mas Remeto aomeo procu  
rador *para que* ofereSsa a *Vossa Excelencia* osmeus decumentes  
[C 18 1 Seb 17]

As estruturas perifrásticas formadas por verbos auxiliares são caracterizadas principalmente pela impossibilidade de desdobramento da oração em duas diferentes, uma vez que o verbo auxiliar (V1) deixa de ser o núcleo do predicado e, conseqüentemente, deixa de atribuir caso e papel temático, formando com V2 (forma nominal do verbo pleno) um conjunto coeso. Isso faz com que circunstâncias de tempo e de negação, por exemplo, tenham escopo sobre todo o conjunto verbal. Por vezes podem aparecer casos ambíguos,

em que V1 ainda não está totalmente gramaticalizado. Nesse caso provavelmente há algum tipo de material interveniente entre V1 e V2, como advérbios de tempo ou espaço, que possibilitam identificar V1 como pleno. Esses e outros critérios serão analisados de modo a identificar o grau de gramaticalidade de cada tipo de perífrase, segundo apresentado no capítulo IV. Veremos agora qual o comportamento dos verbos *andar*, *continuar*, *ficar*, *viver*, focalizando as construções com o gerúndio.

### V.1. Construções com o verbo *andar*

Podemos depreender do gráfico 2 abaixo que, do total de 101 ocorrências com o verbo *andar*, há 74 (73,2%) no século XIX, 18 (17,8%) no século XVIII e apenas 9 (8%) no século XX.

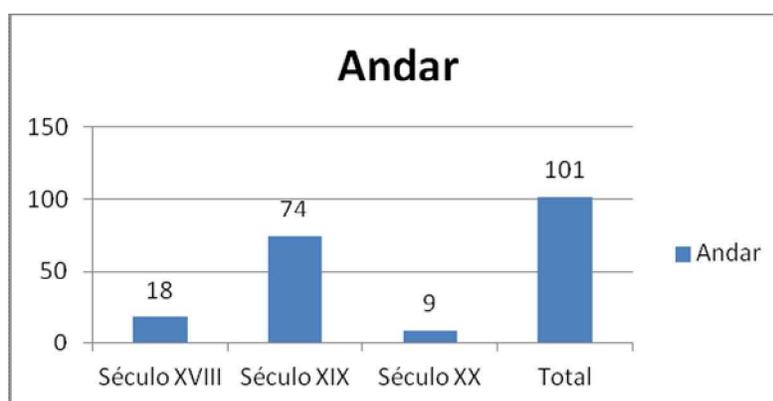


Gráfico 2 - Total de ocorrências do verbo *andar* nos séculos XVIII, XIX e XX

Os resultados apresentados na tabela 1 a seguir mostram que o verbo *andar* ocorre em maior quantidade como funcional em todos os séculos e tipos de textos analisados. No que se refere aos verbos plenos, das 11 ocorrências totais, 6 (54,5%) estão concentradas nos anúncios do século XIX e 5 (45,5%) nas cartas do século XVIII. Não há ocorrências com *andar* pleno no século XX. Do total de 101 dados coletados, há apenas 4 (4%) ocorrências constituídas por *andar* auxiliar, 3 das quais do século XVIII. Veremos qual o comportamento do verbo *andar* nas três configurações sintáticas (verbo pleno, verbo funcional e verbo auxiliar) para identificar a razão desse resultado.

		Século XVIII		Século XIX		Século XX		Total
Cartas de Administração	v. pleno	5 (27,7%)	18 (100%)	-	-	-	-	18 (17,8%)
	v. funcional	10 (55,5%)				-		
	v. auxiliar	3 (83,2%)				-		
Cartas de Leitores e Redatores	v. pleno	-	-	2 (4,8%)	41 (55,5%)	0	4 (44,5%)	45 (44,5%)
	v. funcional	-		38 (92,5%)		4 (100%)		
	v. auxiliar	-		1 (2,7%)		0		
Cartas particulares	v. pleno	-	-	1 (25%)	4 (5,5%)	0	4 (44,5%)	8 (8%)
	v. funcional	-		3 (75%)		4 (100%)		
	v. auxiliar	-		0		0		
Anúncios	v. pleno	-	-	3 (10,4%)	29 (39%)	0	1 (11%)	30 (29,7%)
	v. funcional	-		26 (89,6%)		1 (100%)		
	v. auxiliar	-		0		0		
Total geral		18 (17,8%)		74 (73,2%)		9 (9%)		101 (100%)

Tabela 1 - Total de ocorrências do verbo *andar* em dados dos séculos XVIII, XIX e XX do português paulista

Enquanto núcleo do predicado, *andar* é verbo pleno, que se constitui com um sintagma nominal único. Esse tipo de construção apresenta uma interpretação semântica de movimento físico e, conseqüentemente, temporal (= “X [dá passos]” ou “X [caminha]”). Há casos em que ocorrem termos à direita, como adjuntos, o que não altera o estatuto do verbo. Seguem alguns exemplos:

- (05) De casa de Francisco Antonio| de Paiva, morador na rua da Pedreira da Can|dellaria Número 63, e com Pedreiras no mesmo sitio| fugirão seduzidos por outros escravos, os Escravos| abaixo mencionados, Officiaes de Canteiro, os quae| se deixarão vender a Ladrões, que hoje se achão| prezos, e os passarão para o Morro Queimado.| Offerece-se á quem os aprehender e entregar a| seu Senhor não vindo elles com lezão nenhuma, a quan|tia de 200\$000 réis por cada hum.|| 1.º Cyprianno, de Nação Quilimane, de boa| estatura, bem parecido, cabelludo nos peitos, sig|nal de um caustico no peito direito, barba serrada,| e quando anda abre os pés para os lados, idade| 22 a 23 annos.|| 2.º Fellipe, de Nação Benguella, estatura re|gular, com as pernas mais negras do que o corpo,| e aveludadas por causa de muitas sarnas que te|ve, olhos grandes e espertos, quando **anda metel huma perna para dentro mais do que outra**, teria| de idade 22 a 23 annos.|| 3.º José, de Nação Cabinda, estatura regu|lar, beçudo, e zanago de hum olho pouca coiza,| coxeia de huma côxa, e muito poéta no fallar. Es|tes 3 faltarão a 16 de Outubro de 1828.|| 4.º Izidoro Crioulo, de 18 annos de idade,| fula, nariz chato, viciozo na falla, signaes de be|xigas no nariz, falta de carnes, e as sobrance|llhas grossas. Dezappareceo em 16 de Fevereiro de| 1829. *O Farol Paulistano*, 20 de abril de 1830 (AN-A)
- (06) Réis 100 \$ de Gratificação|Dá-se a gratificação acima de 100\$ réis.|a quem prender o escravo Alexandre, que|esteve alugado por alguns annos na boti|ca do Senhor Leandro na rua de São Bento.|Seus signaes são os seguintes: pardo es|curo, ou da côr vulgarmente denominda|-cabra;- tem 22 annos de idade, come|ço de buço, rosto alegre, dentes pequenos|e claros; corpo regular, e um pouco alto;|quando **anda vira um pouco os pés para|fora**. Consta que elle se diz forro para|não ser agarrado.|Roga-se ás autoridades policiaes, que|faça prender, toda a pessoa suspeita, que|tiver os signaes acima, e participem ao|Doutor Antonio Joaquim Ribas que se res|ponsabilisa pela

gratificação ao apprehen|sor. *O Constitucional*, 03 de fevereiro de 1854 (AN-A)

- (07) No caminho apanhei uma chuva que nem o diabo; | mas não foi nada, estou na terra. || Agora porém, é que são ellas. || Desde que cheguei **tenho andado** mais do que o diabo | nunca **andou** na sua vida, e quem diz que eu encontre | tais ruínas! Tenho gyrado pr'a baixo e pr'a riba, de | roda, atravessado, mas qual historia todas as ruas são a | mesma! || (CLR-A)

Nos dados exemplificados em (05), (06) e (07), o verbo *andar* seleciona um argumento externo, um sujeito /humano, animado/. Importante ressaltar também o traço /controle/. Nos três casos, o verbo *andar* está inserido numa oração subordinada adverbial temporal, fato recorrente nos dados encontrados.

É interessante notar que, a partir de certo momento, o verbo *andar* pleno foi reanalisado como *verbo funcional* estativo, deixando de operar como núcleo do predicado, função que se deslocou para o termo adjacente à sua direita. A depender do tipo de termo adjacente, ocorrem estruturas locativas, modais ou atributivas, organizadas por esse verbo, como exemplificado nas ocorrências em (08), (09) e (10), abaixo.

- (08) No show só  
dava eu berrando. Nestes shows  
eu vou sozinha, álias, eu só  
**ando** sozinha... (CPP, XX)
- (09) **Andamos** tão ocupados ultimamente com a propaganda dos nossos clientes, que esquecemos da nossa. Nem tivemos tempo de inscrever peças no “melhores de 69”. Colábor S.A. (Veja An/2/XX)
- (10) O Senhor Constitucional de Pariz, ou não **anda** em dia, ou faz que não anda, com o Direito Publico, que é hoje universalmente seguido, visto que só concede a um Estado novo o direito de adoptar a forma de Governo que lhe parecer. Nós, porem, sem julgarmos conveniente que um Estado velho ou novo ande ás cambalhotas com fórmãs de Governo, não sabemos todavia, como é que se-lhes-possa negar esse direito. || O Redactor. (CLR-A432)

Essa associação a termos adjacentes culminou na combinação com infinitivo preposicionado ou gerúndio, essa última combinação como resultado de uma expansão das estruturas modais, como postula Moraes de Castilho (2005a). Esse comportamento pode ser identificado no século XIX, exemplificado em (11), em que há bastante proximidade entre os dois tipos de estrutura modal (minissenteça e gerúndio [oração reduzida]), corroborando Mattos e Silva (1989: 450) quando afirma que “as passagens em que ocorre [esse tipo de estrutura] parecem indicar dois atos simultâneos”. No que se refere à análise multissistêmica, podemos considerar que o verbo *andar*, no caso a seguir, ativa as

propriedades de verbo funcional e antevê a possível ativação de verbo auxiliar. Apesar de se tratar de uma oração reduzida de gerúndio, o trecho “pedindo de porta em porta...” pode ser aproximado de *andar* sem que o seu sentido global seja afetado, como hipotetizado em (11’).

- (11) Será um momento de christãos que lembrará no | futuro que nasceu do evangelho, perante o qual os na- | cionalidades se apagão; e os bravos soldados que vol- | tarem das batalhas cobertos de gloria mas mutilados | pelo ferro inimigo, encontrando sua gu[a]rida onde | abriguem seus ultimos dias, não terão de **andar cober- | tos de vergonha, pedindo de porta em porta uma esmo- | la** para quem não tremeu nunca diante do inimigo, | nem mesmo quando vio sangue jorrar de suas feridas, | cujas cicatrizes são as condecorações mais gloriosas que | possuem. || (CLR-A476)
- (11’) Será um momento de christãos que lembrará no | futuro que nasceu do evangelho, perante o qual os na- | cionalidades se apagão; e os bravos soldados que vol- | tarem das batalhas cobertos de gloria mas mutilados | pelo ferro inimigo, encontrando sua gu[a]rida onde | abriguem seus ultimos dias, não terão de **andar pedindo de porta em porta uma esmo- | La, cober- | tos de vergonha,** para quem não tremeu nunca diante do inimigo, | nem mesmo quando vio sangue jorrar de suas feridas, | cujas cicatrizes são as condecorações mais gloriosas que | possuem. ||

Castilho (2010: 400) demonstra algo semelhante com o verbo *estar*, em que nos documentos mais antigos da língua, o gerúndio, como forma ablativa, modaliza o verbo anterior, fato esse exemplificado em (12) e (12’). Há, portanto, uma relação entre estruturas modais formadas por advérbios e pelo gerúndio.

- (12) *h a pastor siia cantando con outras tres pastores* (= *siia* é forma arcaica, derivada de *sedebat*, tendo sido substituída por *era*, que deriva de *esse*; observe que *pastor* não flexionava em gênero) (*Crestomatia Arcaica* 320: 21).
- (12’) *hũa pastor estava sentada, cantando con outras tres pastores.*

Também à semelhança do que ocorre com o verbo *estar*, como demonstrado em Moraes de Castilho (2005a) e Castilho (2010), nos dados analisados esse verbo ocorre como verbo funcional seguido de sintagma preposicional, como em (13a). Essa estrutura, precedida da preposição *a*, abriu caminho à auxiliarização de *andar*, na organização da perífrase *andar a* + infinitivo. Assim, o *a* de (13a) – construção com verbo funcional – aparece na perífrase (13b):

- (13a) Ao barão d’Atibaia fugiu o pardo Ladisláu, de 18 annos de idade, em Agosto do anno passado e com os signaes seguintes: altura ordinaria, côr de mulato, cabellos de negro meio pardo, feições – bem parecido e inclinado a servir de pagem, tem

uma das canellas até o tornozello mais grossa do que a outra, com officio de sapateiro, e passará em qualquer parte por forro. É creoulo da Bahia ou Pernambuco. veste-se muito bem e serve perfeitamente. Gosta de **andar a cavallo**, fala á bahiana, não tem barba. | Quem o prender e entregar nesta cidade receberá a gratificação de duzentos mil réis. | Campinas 13 de Dezembro de 1871. *Gazeta de Campinas*, 10 de março de 1872 (AN-A)

- (13b) Quanto aos meritos do escriptor, Fifi recommenda-se sufficientemente aos nossos intelligentes leitores, pois Cunha Mendes é um dos mais distinctos membros da moderna geração litteraria e tem como medalhas de merito ao seu nome os triumphos obtidos nos concursos da *Gazeta de Noticias*, os livros *Poemas de Carne e Lyries*, a *Revista do Brasil*, da qual é director, e essas joias de estylo e correcção que por ahi **andam a fulgurar** em todas as folhas nacionaes. || (CLR-A551)

### V.1.1. Andar + gerúndio

Das 4 construções com V1 *andar* auxiliar, 3 são constituídas por V2 gerundial e estão concentradas nas cartas do século XVIII. Esses dados estão distribuídos na tabela a seguir:

		séc. XVIII	séc. XIX	séc. XX	total
Andar	Cartas de administração	3 (100%)	-	-	3 (100%)
	Cartas de leitores e redatores	-	0	0	0
	Cartas Particulares	-	0	0	0
	Anúncios	-	0	0	0
<b>Total geral</b>		<b>3 (100%)</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>3 (100%)</b>

Tabela 2 - Total de construções com o verbo *andar* seguido de gerúndio

As referidas construções com gerúndio estão expostas em (14), (15) e (16). Sobre elas, aplicamos os critérios de auxiliaridade apresentados no capítulo IV.

- (14) Eu não vou aos peis de *Vossa Excelencia*  
 Como Já otenho feito duas veZes, nem fuy estes dias  
 que eSse hera omeu DeZejo por estar em fermo que  
**ando tomando** SalSsa, mas Remeto aomeo procu  
 rador *para que* ofereSsa a *Vossa Excelencia* osmeus documentos  
 [C 18 1 Seb 17]
- (15) *Illustrissimo eExcelentissimo Senhor*

Sendome preSizo Saber donde adeder adeviZaõ  
domei destrito, Com oCapitam Mor deSaõ Sebastiaõ, faSo=  
espedir por proprio esta avossa *Excelencia* para que me faSa merce =  
destinar destrito para eumesaberaver neste laburiozo  
trabalho emque **ando Rompendo** esteSertaõ Com aes=  
trada naforma que vossa *Excelencia* madetreminou;  
[C 18 2 Seb 22]

- (16) Meu *Senhor* Remeto aVossa*Excelencia* a Lista dos Indios que memandou fizeSse, o que não fiz Com mais brevidade porque **andei proCurando** notiCias por fora, pois os Indios da Aldea não Sabem de todos; vam as idades de Cada hum, eotempo que faltam da Aldea pouCo mais, ou menos, pois não pude saberisto Com Certeza; tambem digo na Lista que hum mulato por nome SimpliCio que Levou o *Padre Antonio* Lopes esta em Santos porem agora me diSseram que fora para a Ilha de Saõ Sebastiaõ  
(AI-1)

### (i) Detematização

A partir da noção de que o verbo auxiliar não atribui funções a um dado sintagma nominal com o qual se combina, temos que em (14a), (15a) e (16a) os verbos *tomar*, *romper* e *procurar* são os que atribuem funções aos argumentos interno e externo. Sendo assim, V1 *andar* passa a funcionar como auxiliar desse V2 (pleno), tomando pra si o papel coadjuvante na oração, agora fazendo parte do complexo tempo-aspectual.

- (14a) (...) [eu] **ando tomando** SalSsa, mas Remeto aomeo procurador para que ofereSsa aVossa *Excelencia* osmeus documentos (...)
- (15a) [eu] **ando Rompendo** esteSertaõ Com aes=trada naforma que vossa *Excelencia* madetreminou (...)
- (16a) [eu] **andei proCurando** notiCias por fora, pois os Indios da Aldea não Sabem de todos (...)

### (ii) Incidência da negação sobre a perífrase

Segundo esse critério, uma sequência em auxiliação não pode ser separada por um negativizador, pois a negação incide sobre o grupo verbal. Nos testes realizados abaixo, em (14b,c,d), (15b,c,d) e (16b,c,d), verificamos que independentemente da posição do negativizador, a ideia de unidade entre V1 e V2 se mantém.

- (14b) (...) [eu] **NÃO ando tomando** SalSsa, mas Remeto aomeo procurador para que ofereSsa aVossa *Excelencia* osmeus documentos (...)

- (15c) (...) [eu] **ando NÃO tomando** SalSsa, mas Remeto aomeo procurador *para que* ofereSsa aVossa *Excelencia* osmeus documentos (...)
- (16d) (...) [eu] **NÃO ando NÃO tomando** SalSsa, mas Remeto aomeo procurador *para que* ofereSsa aVossa *Excelencia* osmeus documentos (...)
- (12b) [eu] **NÃO ando Rompendo** esteSertoã Com aes=trada naforma que *vossa Excelencia* madetreminou (...)
- (12c) [eu] **ando NÃO Rompendo** esteSertoã Com aes=trada naforma que *vossa Excelencia* madetreminou (...)
- (12d) [eu] **NÃO ando NÃO Rompendo** esteSertoã Com aes=trada naforma que *vossa Excelencia* madetreminou (...)
- (13b) [eu] **NÃO andei proCurando** notiCias por fora, pois os Indios da Aldea não Sabem de todos (...)
- (13c) [eu] **andei NÃO proCurando** notiCias por fora, pois os Indios da Aldea não Sabem de todos (...)
- (13d) [eu] **NÃO andei NÃO proCurando** notiCias por fora, pois os Indios da Aldea não Sabem de todos (...)

### (iii) Sujeito único

Para que V1 possa ser identificado como auxiliar, podemos dizer que a perífrase formada por ele comporta apenas um sujeito, cujos traços e papel temático são determinados pelo verbo principal (auxiliado). Esse comportamento é atestado nas ocorrências exemplificadas em (14e), (15e) e (16e) abaixo:

- (14e) (...) [eu] **ando tomando** SalSsa, mas Remeto aomeo procurador *para que* ofereSsa aVossa *Excelencia* osmeus documentos (...)
- (15e) [eu] **ando Rompendo** esteSertoã Com aes=trada naforma que *vossa Excelencia* madetreminou (...)
- (16e) [eu] **andei proCurando** notiCias por fora, pois os Indios da Aldea não Sabem de todos (...)

### (iv) Paradigmatização

Um verbo considerado auxiliar deve comportar um paradigma completo de conjugação. Sendo assim, realizamos testes segundo a aplicação de uma forma simples correspondente à construção em auxiliação, como pode ser verificado a seguir:

- (14f) (...) **ando tomando** SalSsa, mas Remeto aomeo procurador *para que* ofereSsa aVossa *Excelencia* osmeus documentos (...)
- (14f') (...) **tomo** SalSsa, mas Remeto aomeo procurador *para que* ofereSsa aVossa *Excelencia* osmeus documentos (...)
- (15f) [eu] **ando Rompendo** esteSertoã Com aes=trada naforma que *vossa Excelencia* madetreminou (...)
- (15f') [eu] **rompo** esteSertoã Com aes=trada naforma que *vossa Excelencia* madetreminou (...)
- (16f) [eu] **andei proCurando** notiCias por fora, pois os Indios da Aldea

naõ Sabem de todos (...)  
(16f) [eu] **procu**ro notiCias por fora, pois os Indios da Aldea  
naõ Sabem de todos (...)

Parece não haver exata correspondência entre *ando tomando* e *tomo*, *ando rompendo* e *rompo* e *ando procurando* e *procu*ro. Isso indica que o auxiliar não está totalmente gramaticalizado e, conseqüentemente, as perífrases não possuem alto grau de gramaticalização.

Dos critérios investigados, consideramos que o verbo *andar* atende a (i), (ii) e (iii). Quando ao critério (iv), parece que a metodologia empregada para aferir a possibilidade de ocorrência num paradigma conjugacional completo não foi suficiente, na medida em que uma série de tipos de V2 diferentes poderiam motivar a possibilidade de formação de um determinado paradigma. De fato, nos casos investigados, parece haver diferenças entre a forma simples e a formação perifrástica, diferenças essas sutis, mas que indicam que V1 ainda não está totalmente gramaticalizado.

## V.2. Construções com o verbo *continuar*

Como pode ser verificado no gráfico 3 abaixo, do total de 101 ocorrências com o verbo *continuar*, há 57 (56,5%) no século XIX, 37 (36,5%) no século XX e apenas 7 (7%) no século XVIII.

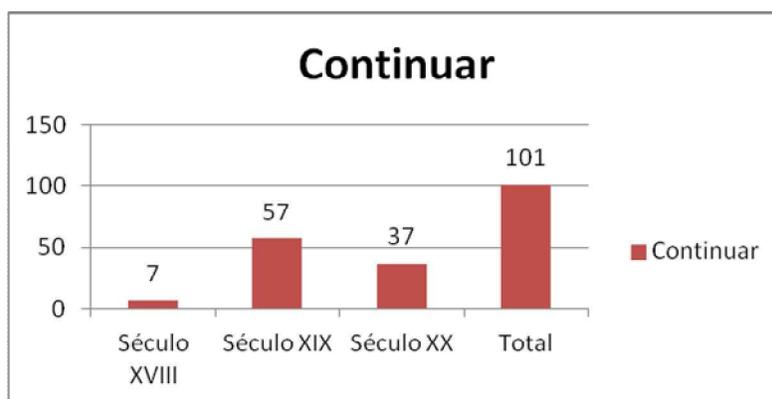


Gráfico 3 - Total de ocorrências do verbo *continuar* nos séculos XVIII, XIX e XX

Os resultados apresentados na tabela 3 a seguir mostram que o verbo *continuar* ocorre em maior quantidade como funcional em todos os séculos e tipos de textos analisados.

		Século XVIII		Século XIX		Século XX		Total
Cartas de Administração	v. pleno	2 (28,5%)	7 (100%)	-	-	-	-	-
	v. funcional	2 (28,5%)		-		-		
	v. auxiliar	3 (43%)		-		-		
Cartas de Leitores e Redatores	v. pleno	-	-	6 (37,5%)	16 (28%)	5 (17,8%)	28 (75,5%)	44 (43,5%)
	v. funcional	-		6 (37,5%)		5 (17,8%)		
	v. auxiliar	-		4 (25%)		18 (64,2%)		
Cartas particulares	v. pleno	-	-	1 (12,5%)	8 (14,2%)	1 (12,5%)	8 (21,6%)	16 (22,9%)
	v. funcional	-		6 (75%)		4 (50%)		
	v. auxiliar	-		1 (12,5%)		3 (37,5%)		
Anúncios	v. pleno	-	-	1 (3,3%)	33 (57,8%)	0	1 (2,9%)	34 (33,6%)
	v. funcional	-		6 (18%)		1 (100%)		
	v. auxiliar	-		26 (78,7%)		0		
Total geral		7 (7%)		57 (56,4%)		37 (36,6%)		101 (100%)

Tabela 3 - Total de ocorrências do verbo *continuar* em dados dos séculos XVII, XIX e XX do português paulista

No tocante ao estágio de sua gramaticalização, há 16 ocorrências constituídas por *continuar* enquanto verbo pleno, das quais 8 estão concentradas no século XIX. É interessante notar que o verbo *continuar* não foi encontrado como pleno nos anúncios do século XX, ocorrendo, sim, nas cartas de leitores e redatores. Nesse caso, enquanto núcleo do predicado, *continuar* é verbo pleno, que se constitui com um sintagma nominal único, como se vê em (17-19):

- (17) E com effeito, já não està em poder de ninguem sobre a terra o restituir á vida a victima innocente, o homem pacifico, que soubera apprender virtudes, nascendo em uma estação, onde raras vezes apparecem mestres que as ensinem: já não está em poder de ninguem o arrancar do peito de seo assassino, quem quer que elle seja, os remorsos que o ralão: a redacção do Farol não s'interrompeo, antes **continuará**, em quanto nos durar o alento, e mesmo depois não faltará quem se incumba d'ella, porque ha hi centenares d'homens, que possuem a verdadeira coragem. (CLR-A406)
- (18) AINDA? || O Estado quer continuar, porque **quer continuar**. || Faz mal. || Começa declarando aceitar nosso convite para o terreno da causa publica, mas, como as fora licito o desfatio, pela segunda vez, varia de objectivo, continua a apurar nugas e, o que é peor, está a nos attrahir para um terreno, que cuidadosamente temos evitado. || (CLR-A533)
- (19) Na primeira pauta da revista afirmávamos que não tínhamos certezas, só dúvidas. Algumas dúvidas **continuam** – por isso Escrita é uma revista aberta à discussão – mas certeza já existe pelo menos uma: de havermos colaborado para que a literatura brasileira se tenha tornado assunto. (AE CLR-A/2)

Do total de 101 ocorrências, 30 se referem a construções com verbo *continuar* funcional, das quais 18 são do século XIX, 10 do século XX e 2 do século XVIII. Ressaltamos que as construções com esse tipo de verbo estão mais centradas nas cartas de leitores e redatores. Apesar disso, um tipo de estrutura bastante recorrente está exemplificado nos dados (20), (21) e (22) abaixo, todos provenientes de cartas particulares do século XIX.

- (20) Há dias recebi tua prezada carta, e muito es=  
timo que **continúes com**  
**saúde**, assim como So=  
phia.- (CPWL-A-1)
- (21) Sempre tenho noticias  
[p.2] suas de Sophia pelas cartas á Prima  
Mariquinha e com prazer sei que  
**continuam com saude**.  
(CPWL-A-11)
- (22) Espero que Sophia e você  
**continuem bons**. Queira aceitar  
junctamente com Sophia muitas  
saudades minhas e de Tuda  
(CPWL-A-8)

Nos casos exemplificados acima, o verbo *continuar* deixou de operar como núcleo do predicado, função que se deslocou para o termo adjacente à sua direita. Em (20) e (21), ocorrem sintagmas preposicionais com função atributiva: “com saúde”. Vale salientar que o remetente das cartas utiliza o mesmo tipo de estrutura, uso esse induzido pelo contexto (preocupação com a saúde do destinatário). Isso corrobora a hipótese de que o contexto situacional e de produção textual influencia de modo determinante a escolha das formas utilizadas. O uso prototípico do verbo *continuar* no papel de verbo funcional está exemplificado em (22), caso em que a minissentença é representada por um sintagma adjetival.

O número de ocorrências de *continuar* enquanto verbo auxiliar totaliza 55 casos de 101, e é mais evidente no século XIX, em que há 26 (% do total) ocorrências, estas localizadas nos anúncios. Como já era de se esperar, a maioria dessas ocorrências

perifrásticas é formada por infinitivo preposicionado, e não por gerúndio. Esse resultado pode indicar que, no caso dos anúncios, parece haver uma proximidade com o português europeu. Corrobora essa hipótese o fato de que pesquisadores do PHPB têm mostrado que durante o século XIX o português brasileiro culto acompanhava o padrão europeu: Oliveira (2009). Como demonstrado anteriormente, as perífrases gerundiais desenvolveram-se a partir da inserção da forma no gerúndio no lugar de sintagmas adverbiais.

### V.2.1. *Continuar* + gerúndio

Das 55 construções com V1 auxiliar, 17 são constituídas por V2 gerundial, essas distribuídas na tabela 4 abaixo:

		séc. XVIII	séc. XIX	séc. XX	total
Continuar	Cartas de administração	1 (100%)	-	-	1 (5,9%)
	Cartas de leitores e redatores	-	1 (50%)	14 (100%)	15 (88,2%)
	Cartas Particulares	-	1 (50%)	0	1 (5,9%)
	Anúncios	-	0	0	0
<b>Total geral</b>		<b>1 (6%)</b>	<b>2 (11,7%)</b>	<b>14 (82,3%)</b>	<b>17 (100%)</b>

Tabela 4 - Total de construções com o verbo *continuar* seguido de gerúndio

Essas construções estão apresentadas nos exemplos (23-39):

- (23) Anno donacimento denoção *Senho* JezuCristo, demil SeteCentos evinte SinCo, nesta Vila de *Sam Sebastiam Capitania* da Sidade de Saõ Paullo, partes do Brazil [*&a = etc ?*] porquanto Ignácio preto, Joaõ Thome, e Jozeph Alvarez actuados no dia de Sesta feira *que* SeContaraõ, vinte eSeis de outubro, pellas tres horas datarde, Sejuntaraõ em Camara, Sem [*Licenca ?*] ounoticia delle Actuante, ouceo parCero prezidentes, emandaraõ xamar aelle Juis Actuante, foçe aCamara, eindo, por em tender, podia aver or dem de Sua *Magestade*, ounegoçio pertencente aopublico *que* tivece neccidade deSer feito logo, eseperdeçe, naõ osendo, eentran do elle Juis Actuante; perguntando *que* negocio havia lhe Res ponderaõ *que* era Requerimento doprezo Manoel Joam, presente eu esCrivaõ *quedou* [rasurado – f\_?h\_] pacar oReferido naverdade eLoguo **Continuaraõ Lendo** huã petissão do dito prezo, *que* injuriava aelle Juis Actuante chamando lhe injusto *que* naõ fazia justiça elhe denegava *Despachos* Sem Rezaão, eoutras mais, eque em nada fazia aSua obrigaçãõ;  
[C 18 1 Seb 14]

- (24) **Continúa sendo** procuradíssima a nossa folha, cujas edições apesar de terem sido sempre aumentadas se exgotam diariamente. || Não fazemos reclame que, sem elle, se tem feito a nossa folha. (CLR-A562)
- (25) Nenhuma novidade agita  
esta pacata cidade. A não  
ser a alta ou baixa do café  
[p.3] ou as oscillações do cambio, assumpto  
que pouco nos interessa, não  
sei o que lhe escrever. Só si  
fôr sobre o assassinato do rei  
Humberto, ou sobre a morte de  
Eça de Queiroz ! Fica isso para  
outro dia, e fecho aqui esta  
esperando que Sophia e você  
**continuem gozando** perfeita saude  
e apromptando-se para logo virem  
para cá.  
(CPWL-A-9)
- (26) O BNDES é instituição exemplar na transparência de critérios e procedimentos, bem como no processo colegiado de decisões. Cumpriu e **continuará cumprindo** papéis essenciais no financiamento do desenvolvimento econômico brasileiro (...) (Veja CLR-B/2)
- (27) Todos em casas de “saúde” sustentadas mas não fiscalizadas pelo governo, que, sem apresentar um programa de controle para as parcas verbas existentes, ainda quer o imposto do cheque, para **continuar fornecendo** munição para assassinatos em massa. (Veja CLR-B/2)
- (28) **Esperamos continuar contando** com a participação dos leitores em 1993. Sua opinião é levada em consideração e nos ajuda a melhorar o padrão de qualidade de Veja. (Veja CLR-B/2)
- (29) A reportagem “O ditador tolerado”, de VEJA nº 946, revelou a face cruel e medíocre do senhor Bouterse. Nenhum tipo de candidatura é tolerável. Temos a obrigação de tornar públicas tais atrocidades, especialmente quando praticadas contra o povo de um país tão pobre como o Suriname. Que o Brasil **continue ajudando** esse país, sobretudo para a sua democratização (Veja CLR-B/2)
- (30) Acreditamos ter atingido nosso objetivo principal, que é a divulgação do trabalho de dezenas de jovens poetas e cronistas. Escrita teve e **continuará tendo o papel** desbravador de revelar uma vasta produção guardada na gaveta, convencida de que na quantidade sairá a qualidade. (AE CLR-B/2)
- (31) A obra que nos deixa é a mesma em dignidade e valor que a de um Lima Barreto ou de um Érico Veríssimo. A única homenagem que podemos lhe prestar é continuar sua luta contra a mentira, a covardia e a vergonha. O lema de Hemilio foi e **continua sendo**: “Viva a Vida!” (AE CLR-B/2)
- (32) Com todo o respeito que tenho pelo colunista do “Jornal do Brasil” (muito ponderado, aliás) e pelo sr. Ivan Lessa de “O Pasquim” (em relação a quem tomo emprestado e inverto o verso de Júlio César Figueira – v. *Escrita* nº 5 – para dizer “olho para trás e sou o seu fã”), **continuo sentindo-me desobrigado** de conhecer todos os bons escritores dos EUA e de qualquer outro país. (AE CLR-B/2)
- (33) Os incautos leitores que me criticaram devem, antes de mais nada, abandonar o reacionarismo. Raciocinar é preciso. Afinal a dialética já foi à lua e Gardel **continua cantando** em vitrolas metálicas. (AE CLR-B/2)
- (34) Quem não tem sorte já nasce calado, já nasce medroso, já nasce acorrentado... e, para ser terceiro-mundista, basta ter coragem. O cinema reside na Europa, Gláuber Rocha, involuntariamente, claro. As

- cabeças **continuam sendo** cortadas. (AE CLR-B/2)
- (35) Parabéns pela revista. Existia um vazio dentro de nossa literatura, agora preenchido por *Escrita*. Apesar de que o vazio **continuará existindo** na alma de todo “brasileiro”, até que novos rumos sejam tomados. (AE CLR-B/2)
- (36) O depoimento do Ignácio de Loyola eu considero um depoimento patético, de louvável importância para verificar o comportamento de nossos editores, e um guia prático para escritores inéditos. Creio que ele poderia inclusive partir desse trabalho inserido em *Escrita 3* para um trabalho de mais fôlego, um ensaio talvez. A única válvula de escape para escritores novos **continuam sendo** os concursos literários. (AE CLR-B/2)
- (37) Boa turma de *Escrita*, pau na máquina que a nossa revista está ótima. Espero que vocês **continuem prestigiando** os novos. A raça merece e está entusiasmada. (AE CLR-B/2)
- (38) Mais uma vez, parabéns. Que *Escrita* **continue existindo**. (AE CLR-B/2)
- (39) Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e **continuou morando** conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo. (Célula, CLR-B/1)

### (i) Detematização

- (23a) [eles] **Continuarão Lendo** huã petissão do dito prezo
- (24a) **Continúa sendo** procuradissima a nossa folha
- (25a) [que vocês] **continuem gozando** perfeita saude e apomptando-se para logo virem
- (26a) [ele] Cumpriu e **continuará cumprindo** papéis essenciais no financiamento do desenvolvimento econômico brasileiro
- (27a) [ele] ainda quer o imposto do cheque, para **continuar fornecendo** munição para assassinos em massa
- (28a) [nós] **Esperamos continuar contando** com a participação dos leitores em 1993
- (29a) Que o Brasil **continue ajudando** esse país, sobretudo para a sua democratização
- (30a) *Escrita* teve e **continuará tendo o papel** desbravador (...)
- (31a) O lema de Hemilio foi e **continua sendo**: “Viva a Vida!”
- (32a) [eu] **continuo sentindo-me desobrigado** de conhecer todos os bons escritores dos EUA e de q’ualquer outro país
- (33a) (...) Gardel **continua cantando** em vitrolas metálicas
- (34a) (...) As cabeças **continuam sendo** cortadas
- (35a) (...) Apesar de que o vazio **continuará existindo** na alma de todo “brasileiro”
- (36a) (...) A única válvula de escape para escritores novos **continuam sendo** os concursos literários
- (37a) (...) Espero que vocês **continuem prestigiando** os novos
- (38a) (...) Que *Escrita* **continue existindo**
- (39a) Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e **continuou morando** conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo.

O verbo *continuar*, nos casos exemplificados acima, não é núcleo da predicação, papel esse agora cumprido por V2.

## (ii) Incidência da negação sobre a perífrase

Segundo esse critério, uma sequência em auxiliação não pode ser separada por um negativizador, pois a negação incide sobre o grupo verbal. Do que podemos observar dos testes realizados em (23b,c,d – 39b,c,d), parece haver casos em que é possível a incidência do negativizador tanto sobre a perífrase quanto sobre apenas um dos verbos (V1 ou V2). Vejamos o comportamento de cada uma das ocorrências com gerúndio quanto ao teste de incidência da negação:

- (23b) [eles] **NÃO Continuarão Lendo** huã petissão do dito prezo
- (23c) [eles] **NÃO Continuarão NÃO Lendo** huã petissão do dito prezo
- (23d) [eles] **Continuarão NÃO Lendo** huã petissão do dito prezo
- (24b) **NÃO Continúa sendo** procuradissima a nossa folha
- (24c) **NÃO Continúa NÃO sendo** procuradissima a nossa folha
- (24d) **Continúa NÃO sendo** procuradissima a nossa folha
- (25b) [que vocês] **NÃO continuem gozando** perfeita saude e apomptando-se para logo virem
- (25c) [que vocês] **NÃO continuem NÃO gozando** perfeita saude e apomptando-se para logo virem
- (25d) [que vocês] **continuem NÃO gozando** perfeita saude e apomptando-se para logo virem
- (26b) [ele] NÃO Cumpriu e NÃO **continuará cumprindo** papéis essenciais no financiamento do desenvolvimento econômico brasileiro
- (26c) [ele] Cumpriu e NÃO **continuará NÃO cumprindo** papéis essenciais no financiamento do desenvolvimento econômico brasileiro
- (26d) [ele] NÃO Cumpriu e **continuará NÃO cumprindo** papéis essenciais no financiamento do desenvolvimento econômico brasileiro
- (27b) [ele] ainda quer o imposto do cheque, para NÃO **continuar fornecendo** munição para assassinatos em massa

- (27c) [ele] ainda quer o imposto do cheque, para NÃO **continuar NÃO fornecendo** munição para assassinatos em massa
- (27d) [ele] ainda quer o imposto do cheque, para **continuar NÃO fornecendo** munição para assassinatos em massa
- (28b) [nós] **Esperamos NÃO continuar contando** com a participação dos leitores em 1993
- (28c) [nós] **Esperamos NÃO continuar NÃO contando** com a participação dos leitores em 1993
- (28d) [nós] **Esperamos continuar NÃO contando** com a participação dos leitores em 1993
- (29b) Que o Brasil NÃO **continue ajudando** esse país, sobretudo para a sua democratização
- (29c) Que o Brasil NÃO **continue NÃO ajudando** esse país, sobretudo para a sua democratização
- (29d) Que o Brasil **continue NÃO ajudando** esse país, sobretudo para a sua democratização
- (30b) Escrita NÃO teve e NÃO **continuará tendo** o papel desbravador (...)
- (30c) Escrita teve e NÃO **continuará NÃO tendo** o papel desbravador (...)
- (30d) Escrita teve e **continuará NÃO tendo** o papel desbravador (...)
- (31b) O lema de Hemilio NÃO foi e NÃO **continua sendo**: “Viva a Vida!”
- (31c) O lema de Hemilio foi e NÃO **continua NÃO sendo**: “Viva a Vida!”
- (31d) O lema de Hemilio NÃO foi e **continua NÃO sendo**: “Viva a Vida!”
- (32b) [eu] NÃO **continuo sentindo-me** desobrigado de conhecer todos os bons escritores dos EUA e de qualquer outro país
- (32c) [eu] NÃO **continuo NÃO sentindo-me** desobrigado de conhecer todos os bons escritores dos EUA e de qualquer outro país
- (32d) [eu] **continuo NÃO sentindo-me** desobrigado de conhecer todos os bons escritores dos EUA e de qualquer outro país
- (33b) (...) Gardel NÃO **continua cantando** em vitrolas metálicas
- (33c) (...) Gardel NÃO **continua NÃO cantando** em vitrolas metálicas
- (33d) (...) Gardel **continua NÃO cantando** em vitrolas metálicas
- (34b) (...) As cabeças NÃO **continuam sendo** cortadas
- (34c) (...) As cabeças NÃO **continuam NÃO sendo** cortadas
- (34d) (...) As cabeças **continuam NÃO sendo** cortadas
- (35b) (...) Apesar de que o vazio NÃO **continuará existindo** na alma de todo “brasileiro”

- (35c) (...) Apesar de que o vazio NÃO continuará NÃO existindo na alma de todo “brasileiro”
- (35d) (...) Apesar de que o vazio continuará NÃO existindo na alma de todo “brasileiro”
- (36b) (...) A única válvula de escape para escritores novos NÃO continuam sendo os concursos literários
- (36c) (...) A única válvula de escape para escritores novos NÃO continuam NÃO sendo os concursos literários
- (36d) (...) A única válvula de escape para escritores novos continuam NÃO sendo os concursos literários
- (37b) (...) Espero que vocês NÃO continuem prestigiando os novos
- (37c) (...) Espero que vocês NÃO continuem NÃO prestigiando os novos
- (37d) (...) Espero que vocês continuem NÃO prestigiando os novos
- (38b) (...) Que *Escrita* NÃO continue existindo
- (38c) (...) Que *Escrita* NÃO continue NÃO existindo
- (38d) (...) Que *Escrita* continue NÃO existindo
- (39b) Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e NÃO continuou morando conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo.
- (39c) Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e NÃO continuou NÃO morando conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo.
- (39d) Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e continuou NÃO morando conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo.

Os casos exemplificados em (35b,c,d) e (39b,c,d) são, em certa medida, ambíguos, e representariam casos em que o escopo do negativizador poderia ser V1+V2 ou apenas V1. Isso significa dizer que, caso interpretemos a possibilidade da segunda opção, se houvesse a supressão de V2, não haveria perda significativa na oração. Observemos em (39’):

- (39’) Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e continuou conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo.

Nesse caso, o verbo *continuar* seria núcleo do predicado e, portanto, constituiria verbo pleno. O verbo *morar* teria sido escolhido em (39) como uma espécie de

caracterizador de *continuar*. De fato, se aceitarmos essa hipótese, estaríamos indicando que *continuar* aproxima-se das perífrases que ainda estão em processo de gramaticalização e, portanto, seria um verbo em processo de auxiliarização (baixo grau de gramaticalidade).

Outro fato relevante identificado nos testes (i) e (ii) refere-se à presença de um outro verbo escopando a construção *continuar+\_NDO*. Trata-se do verbo *esperar*, em (28a,b,c,d) e (37a,b,c,d). Por se tratar de uma construção complexa, em que o conjunto *continuar+\_NDO* estaria encaixado no modal *esperar*, a tarefa de determinar a fronteira de constituintes e o escopo da negação torna-se mais árdua. Por esse motivo, podemos considerar também que *continuar* não está em processo avançado de auxiliarização.

### (iii) Sujeito único

Para que V1 possa ser identificado como auxiliar, podemos dizer que a perífrase formada por ele comporta apenas um sujeito, cujos traços e papel temático são determinados pelo verbo principal (auxiliado). Passamos a verificar o comportamento das construções com relação ao sujeito:

- (23e) [eles] Continuarão Lendo huã petissão do dito prezo
- (24e) Continúa sendo procuradissima a nossa folha
- (25e) [que vocês] continuem gozando perfeita saude e apomptando-se para logo virem
- (26e) [ele] Cumpriu e continuará cumprindo papéis essenciais no financiamento do desenvolvimento econômico brasileiro
- (27e) [ele] ainda quer o imposto do cheque, para continuar fornecendo munição para assassinatos em massa
- (28e) [nós] Esperamos continuar contando com a participação dos leitores em 1993
- (29e) Que o Brasil continue ajudando esse país, sobretudo para a sua democratização
- (30e) Escrita teve e continuará tendo o papel desbravador (...)
- (31e) O lema de Hemilio foi e continua sendo: “Viva a Vida!”
- (32e) [eu] continuo sentindo-me desobrigado de conhecer todos os bons escritores dos EUA e de q’ualquer outro país

- (33e) (...) Gardel **continua cantando** em vitrolas metálicas
- (34e) (...) As cabeças **continuam sendo** cortadas
- (35e) (...) Apesar de que o vazio **continuará existindo** na alma de todo “brasileiro”
- (36e) (...) A única válvula de escape para escritores novos **continuam sendo** os concursos literários
- (37e) (...) Espero que vocês **continuem prestigiando** os novos
- (38e) (...) Que *Escrita* **continue existindo**
- (39e) Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e **continuou morando** conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo.

#### (iv)Paradigmatização

Um verbo considerado auxiliar deve comportar um paradigma completo de conjugação. Sendo assim, verificamos como se apresentam os correspondentes simples das perífrases abaixo de (23f-23f<sup>o</sup>) a (39f-39f<sup>o</sup>):

- (23f) [eles] **Continuarão Lendo** huã petissão do dito prezo
- (23f<sup>o</sup>) [eles] **lerão** huã petissão do dito prezo
- (24f) **Continúa sendo** procuradissima a nossa folha
- (24f<sup>o</sup>) **é** procuradissima a nossa folha
- (25f) [que vocês] **continuem gozando** perfeita saude e apomptando-se para logo virem
- (25f<sup>o</sup>) [que vocês] **gozem** perfeita saude e apomptando-se para logo virem
- (26f) [ele] Cumpriu e **continuará cumprindo** papéis essenciais no financiamento do desenvolvimento econômico brasileiro
- (26f<sup>o</sup>) [ele] Cumpriu e **cumprirá** papéis essenciais no financiamento do desenvolvimento econômico brasileiro
- (27f) [ele] ainda quer o imposto do cheque, para **continuar fornecendo** munição para assassinatos em massa
- (27f<sup>o</sup>) [ele] ainda quer o imposto do cheque, para **fornecer** munição para assassinatos em massa

- (28f) [nós] Esperamos **continuar contando** com a participação dos leitores em 1993
- (28f') [nós] Esperamos **contar** com a participação dos leitores em 1993
- (29f) Que o Brasil **continue ajudando** esse país, sobretudo para a sua democratização
- (29f') Que o Brasil **ajude** esse país, sobretudo para a sua democratização
- (30f) Escrita teve e **continuará tendo** o papel desbravador (...)
- (30f') Escrita teve e **tem** o papel desbravador (...)
- (31f) O lema de Hemilio foi e **continua sendo**: “Viva a Vida!”
- (31f') O lema de Hemilio foi e **é**: “Viva a Vida!”
- (32f) [eu] **continuo sentindo-me** desobrigado de conhecer todos os bons escritores dos EUA e de q'ualquer outro país
- (32f') [eu] **sinto-me** desobrigado de conhecer todos os bons escritores dos EUA e de q'ualquer outro país
- (33f) (...) Gardel **continua cantando** em vitrolas metálicas
- (33f') (...) Gardel **canta** em vitrolas metálicas
- (34f) (...) As cabeças **continuam sendo** cortadas
- (34f') (...) As cabeças **são** cortadas
- (35f) (...) Apesar de que o vazio **continuará existindo** na alma de todo “brasileiro”
- (35f') (...) Apesar de que o vazio **existirá** na alma de todo “brasileiro”
- (36f) (...) A única válvula de escape para escritores novos **continuam sendo** os concursos literários
- (36f') (...) A única válvula de escape para escritores novos **são** os concursos literários
- (37f) (...) Espero que vocês **continuem prestigiando** os novos
- (37f') (...) Espero que vocês **prestigiem** os novos
- (38f) (...) Que *Escrita* **continue existindo**
- (38f') (...) Que *Escrita* **exista**
- (39f) Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e **continuou morando** conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo.
- (39f') Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e **mora** conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo.

Principalmente no que se refere aos casos em que *continuar* retoma algo para enfatizar um elogio, por exemplo, nos casos em (26f), (28f), (29f) e (38f), é evidente que não há correlação entre a forma simples e a forma composta. Sendo assim, vemos que a noção de continuidade/duração interna, esta pressuposta já pelo contexto, é carregada principalmente por V1 *continuar*; as formas simples não possuem essa ideia e, portanto, podemos dizer que, nos casos investigados, *continuar* não está totalmente gramaticalizado e, assim, constituem perífrases em processo de gramaticalização.

Dos critérios investigados, consideramos que o verbo *continuar* atende a (i) e (iii). No tocante ao critério (ii), parece haver persistência dos traços do funcionamento original de *continuar* nas novas configurações gramaticais e, nesse sentido, *continuar* estaria em processo de auxiliarização. O mesmo podemos dizer sobre o critério (iv), em que as construções perifrásticas não correspondem às formas simples.

### V.3. Construções com o verbo *ficar*

Do gráfico 4 abaixo, apreendemos que, do total de 185 ocorrências com o verbo *ficar*, há 95 (51%) no século XIX, 51 (27,5%) no século XX e 40 (21,5%) no século XVIII.

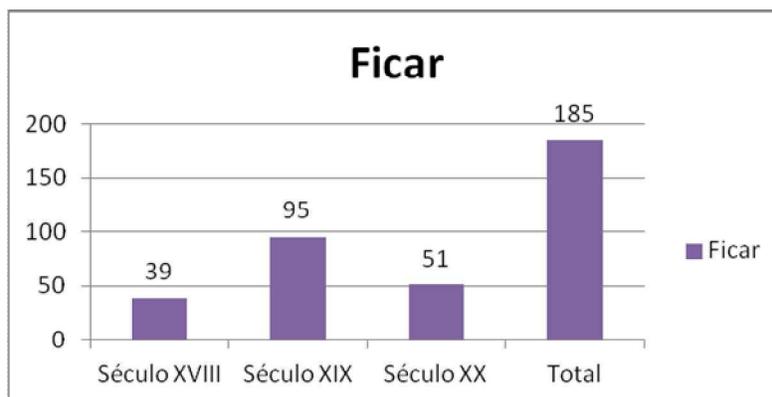


Gráfico 4 - Total de ocorrências do verbo *ficar* nos séculos XVIII, XIX e XX

Os resultados apresentados na tabela 5 abaixo demonstram que nos três séculos e nos tipos de textos analisados, o estágio verbal que mais sobressai é o funcional.

		Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total
Cartas de Administração	v. pleno	3 (7,8%)	-	-	39 (21%)
	v. funcional	31 (79,4%)	-	-	
	v. auxiliar	5 (12,8%)	-	-	
Cartas de Leitores e Redatores	v. pleno	-	4 (7,6%)	2 (8,7%)	76 (40,8%)
	v. funcional	-	42 (79,2%)	17 (74%)	
	v. auxiliar	-	7 (13,2%)	4 (17,3%)	
Cartas particulares	v. pleno	-	4 (30,8%)	8 (31%)	39 (21%)
	v. funcional	-	9 (69,2%)	18 (69%)	
	v. auxiliar	-	0	0	
Anúncios	v. pleno	-	0	0	31 (17,2%)
	v. funcional	-	29 (100%)	2 (100%)	
	v. auxiliar	-	0	0	
Total geral		39 (21,6%)	95 (51%)	51 (27,4%)	186 (100%)

Tabela 5 - Total de ocorrências do verbo *continuar* em dados dos séculos XVII, XIX e XX do português paulista

As ocorrências exemplificadas em (40-43) representam casos em que *ficar* tem a função de verbo pleno:

- (40) A 'Final' é a que tem + novidades, só que é + caro umas 500 vezes que as outras lojas. Eu conheço o pessoal todo que vai lá e **eu sempre fico na "Bizarre"** onde o pessoal é + amigo e legal. (CPP-B-16)
- (41) **Por hoje aqui fico.** [espaço] Sigo amanhã para Santa Clara; Nhanhã fica para o casamento da Elisa Tobias, vae com Mamã a 16.  
Adeus. Escreva-me  
Saudades a Sophia . (CPWL-B15)
- (42) **Bem, fico por aqui** e te agradeço de ♥ por toda paciência e "dedication", ok? (CPP-B19)
- (43) **Bem, eu fico por aqui** e conto com a sua participação e <, > o seu apoio e a sua amizade que é super importante, ok? (CPP-B8)

Nos exemplos (40) a (43) pode-se observar a seleção de argumento externo realizado como sujeito [humano, animado]. Esses são dados prototípicos do funcionamento desse tipo de verbo pleno. Nos casos exemplificados, os locativos ("na Bizarre" e "aqui") têm escopo sobre o verbo *ficar*, que os selecionou, corroborando a noção de permanência. Destacamos que nos dados (41), (42) e (43) a noção de *ficar* é menos concreta do que em (40), tendo em vista que, naqueles casos, trata-se de um locativo que se refere à carta em questão, e não necessariamente ao local em que o locutor se encontra. Esse tipo de

ocorrência é comum em cartas pessoais, cujas características resumem-se à informalidade, a qual depende do grau de intimidade entre remetente e destinatário. No caso das cartas analisadas, são pessoas com grau elevado de intimidade. Isso significa dizer que há uma tradição discursiva no uso de *ficar* na despedida/desfecho de cartas pessoais, principalmente no que se refere ao século XX.

Passamos à observação dos casos exemplificados abaixo:

- (44) *Senhor* Redactor. – O anno proximo passado | tive a honra de lhe dirigir uma cartinha, | na qual perguntava como é que a Nação | dava cento e cincoenta mil reis, a um | *Senhor* Proffessor para ensinar Grammatica | Latina aos meninos do Côro, quando es- | te não dava Aula: julguei que minha tão | justa quão razoavel advertencia produzi- | ria todo o effeito desejado; porém hoje | soube que continuava no mesmo deslei- | xo, dando Aula de 15, em 15 dias; outras | vezes concedendo ainda maiores ferias, de | maneira que o pequeno estudo (que ao | meu ver, não é nem-um) dos meninos | com umas tão longas, e continuadas ferias, | ficão no mesmo estado como que nunca es- | tudassem, e no entanto a soffredora Na- | ção concorrendo com os 150:000 réis annuaes | sem que d’elles provenha-lhe o menor bem. | (CLR-A393)
- (45) *Senhor* redactor. – Passei, hoje, por casa do *senhor* Miguel, | para comprar um pouco de vinagre para pôr devinha- | dalho uns bagres, agora para a vespera de Santo Anto- | nio, e vi um grande deposito de fogos. Fiquei admi- | rado, porque não sei quem me disse que isso era pro- | hibido por uma postura da nossa caimbra, salvo aonde | ella marcasse; mas depois me disseram que isso cahiu | em exercicios findos. || **Fiquei meio ressabiada**, e vou perguntar ao *senhor* Tho- | mas; já que elle agora anda meio ingrato, e com seus | amores novos despresou os velhos. | Sua veneradora || MIQUELINA DO AMOR DIVINO. (CLR-A455)

*Ficar* como verbo funcional, nas ocorrências exemplificadas em (44) e (45), organiza uma estrutura atributiva codificada pela sequência de um sintagma adjetival. Nota-se que, no primeiro caso, a minissentença é codificada por um sintagma preposicionado (SP), o qual não é constituído por um locativo, e sim um qualificador. Esse tipo de estrutura foi identificado quase que exclusivamente em cartas de leitores e redatores, principalmente do século XIX. Em (42), a minissentença é um sintagma adjetival, também qualificador. Sendo assim, houve inserção de outro tipo de estrutura no lugar do que seria um complemento verbal. Nesse caso, *ficar* passa a funcionar como um atributivo. Ressaltamos que não há grande diversidade entre as formas que constituem as construções como verbo funcional.

### V.3.1. *Ficar* + gerúndio

		séc. XVIII	séc. XIX	séc. XX	Total
<b>Ficar</b>	<b>Cartas de administração</b>	5 (100%)	-	-	5 (35,8%)
	<b>Cartas de leitores e redatores</b>	-	6 (100%)	3 (100%)	9 (64,2%)
	<b>Cartas Particulares</b>	-	0	0	0
	<b>Anúncios</b>	-	0	0	0
<b>Total geral</b>		<b>5 (35,7%)</b>	<b>6 (42,8%)</b>	<b>3 (21,5%)</b>	<b>14 (100%)</b>

Tabela 6 - Total de construções com o verbo *ficar* seguido de gerúndio

As construções perifrásticas constituídas pelo verbo *ficar* seguido de gerúndio, que totalizam 14 ocorrências, estão concentradas nas cartas de leitores e redatores do século XIX e nas cartas de administração do século XVIII, contabilizando 6 (43%) e 5 (36%) ocorrências, respectivamente. No século XX, há 3 (21%) ocorrências, todas nas cartas de leitores e redatores. Esses dados estão exemplificados em (46-59) a seguir:

- (46) Com Cuatro Capittaios da orde  
nansa pera adefensa desta vila  
ede preZente inda estou servindo  
por Comfirmasam do emselentisi  
mo Senhor [P]ires saldanha [\_\_?]  
[qualquer] e Como me parese não terem  
ja ni [\_\_?] or ospatententes [sic] que o dito Se  
nhor foi servido pasar, aviZo a vosa  
emselensia pera dispor oque for ser  
vido, eu **fiCo sem pre esperando**  
**oCaziois** que semeoferesa dos servi  
sos de vosa emselensia pera em tu  
do o [\_\_?] de ser Como devo. enosoSe  
nhor lheporpe[re] avida por largos a-  
nos pera lhe fazer muitos servisos  
eamifabores.  
[C 18 1 Seb 1]
- (47) Cheguei a esta Vila aos vinte etres de Dezembro  
com bastantes molestias das muitas agoas  
mais deSsaude Seja Deus Louvado bem on  
de **fico esperando muitas oCazioiãs** doa  
grado denoSsa [ei]celencia para aellas não fal  
tar como devo echegado *que* fui achei na Vila ao[Capitam?]  
Salvador afonço elogo mandei chamar *aminha*  
preZença exZecutei aordem devoSsa emSe  
lencia noparticular daspeSsas *que* emSeu po

der estaõ não por duvida algũa naobedien  
 çia etomando eu emtregue das *ditas* peSsas [↑axe] huã  
 negra  *muito* mal disposta dehua doenSsa  *que* não  
 Sei Sees Capava Como ela tivalguã melho  
 ria euchar em bar Ca Caõ  *para* aVila deSsanctos os  
 Remeterei como voSsa em Se len Cia metem or  
 denado.  
 [C 18 1 Seb 8 ]

- (48) Ecomo *VossaExcelencia* nesta terra  
 não tem dado castigo algũ ainda  
 onão temem *avossaExcelencia que* yuiZes cama  
 ristas etodos osmais faZem bem pouco  
 CaZo  *que* os*que* teme *avossaExcelencia* Sam conta  
 [d?]os eos  *que* não [teme] Sam Sem Conto,  
 PeSso a*VossaExcelencia* obrara emtudo como  
 for Servido [e]eu **fico esperando muitas oCa**  
**zioiãs** doServiSso devossaExcelencia Como umil  
 de baSsalo, emenor Servo devossa Excelencia  
 a[\_?] Deos *Guarde* por felisSes annos ilha de  
 Sam *Sebastiam* 30 deMarSSo de1723 annos  
 [C 18 1 Seb 11]
- (49) Dezejo mais  *que* tudo avigoroza Saude de*Vossa Excelencia*, pela  
 qual **fico rogando aDeos** o*queira* felicitar por longos annos,  
 cuja peSsoa, omesmo *Senhor* *guarde* felis mente.  
 [C 18 2 Seb 23]
- (50) mas oReligioZo  
 *que* lá aCiste diZia denem hua Sorte ashavia  
 deixar vir por *quanto* em taõs não fiCaria *quem* lhes  
 trabalhaÇe, atemorizandos Com promeSSas  
 deCastigos. esta he aResposta  *que* memandou  
 esta india. **fiCando Sempre esperando muitas**  
**aCazioiãs** deSeus. mayores Gostos. aCuja ex  
 ÇelSsa peSsoa *Deos* *Guarde* Como deZeja Ba  
 rueri 12 de Abril de 1722 annos  
 (AI-4)
- (51) Por este meio novo e desu-| sado dou uma alta idea de minha jerar- | chia, e esta gente **fica pensando**,  
 que as | despedidas d'um Presidente são materia | de interesse publico, e que a ninguem mais | compete  
 esta prerogativa. Mas o peor foi | que os Paulistas com toda a sua rusticidade | já forão honrados com  
 uma Proclamação de | despedida geral da Propria Pessôa de *Sua Majestade* | o IMPERADOR, e por  
 isso talvez os *poucos* | *eleitos* não fizessem todo o aprêço, | que *Sua Excelência* esperava, das suas  
 despedidas por | annuncio. || (CLR-A391)
- (52) A Gazeta do Brasil do *próximo passado* correio está recheada d'aquelles bons dictos, que fazem dar  
 concertos de gargalhadas aos Patuscos. || Não lhe falta immundicia, sobra-lhe impudencia, o que tudo  
 prova que quem foi Ministro d'Estado, ainda quando por feitas representaçoens demittido sempre **fica**  
**sendo um figurão influente**, poderoso, e capaz de proteger uma Gazeta. || (CLR-A420)
- (53) Nas suas folhas argumente em meu beneficio, e eu | **fico rezando por sua alma** ao *Senhor São João* no  
 meu ro- | sario, que me deixou minha avó. || Se lá apparecer a nha Amalia voçuncê dê-lhe lem- |  
 branças minhas. || Uma sua serva. || *Nicota Gertrudes*. (CLR-A470)

- (54) Aos Nossos Amigos e ao Publico em Geral || Pela dacta do nosso primeiro reclame, notarão todos, que o Holophóte orgam da nossa caza, devia ter sahido no dia 1. de Janeiro — de facto, assim seria, se não fora a circumstancia imprevista de ter quebrado uma peça de nossa principal machina, obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e **ficassem sabendo** o que temos para 1894 — Resolvemos pois, — dar hoje 6 de Janeiro, e dia de Reis, o nosso Holophóte — pedimos a todos maxima attenção para o cazo. (CLR-A529)
- (55) CARTAS FAMILIARES || IV || COMPADRE PANCRACIO. - Não começo por perguntar- | lhe noticia de sua saude, porque pela ultima que me | escreveo **fiquei sabendo** que está riço como um cerne, | fresco como uma alface, e alegre como um medico em | tempo de epidemia. Tambem pudera não ser assim. | (CLR-A459)
- (56) Ninguém irá negar que cada um dos elementos citados tem sua parcela de responsabilidade (variável na medida do seu poder) pela condição de inferioridade com que o pensamento nacional – literário, neste caso – se vê obrigado a concorrer com o produto importado, via de regra alienante. Parece-me, contudo, um tanto cômodo, além de pouco produtivo, **ficar insistindo** nessa tecla acusatória, à espera de que “alguém” faça alguma coisa para mudar a situação. (AE CLR-B/2)
- (57) Ao **ficar sabendo** do lançamento de uma revista mensal de literatura, caí de bruços na expectativa de tê-la em mãos. (AE CLR-B/2)
- (58) Será possível que vocês não imaginão que o leitor típico de uma revista mensal de literatura é aquele cara que procura, incessantemente, se informar, que não é leigo quanto ao já divulgado em termos de literatura/arte? Caramba, uma revista não **pode ficar repetindo reportagens** exploradas p/ todos os veículos de Gregório de Matos por que motivo? (AE CLR-B/2)
- (59) Desejo muito uma  
comarca servida pela  
estrada de ferro.  
Lhe **ficarei devendo**  
esse grande e impor-  
tante obsequio e sempre  
lhe serei muito grato.  
Conto só com a ||  
sua protecção.  
(CPWL-B-2)

Passamos agora à aplicação dos critérios de auxiliaridade para aferir o grau de gramaticalidade de V1 e das construções:

### (i) Detematização

Em (46a-59a), *ficar* deixa de ser núcleo do predicado, função essa agora cumprida por V2, um verbo pleno no gerúndio.

- (46a) (...) eu **fiCo sem pre esperando**  
oCaziois que semeoferesa dos servi

sos de vosa emselencia (...)

- (47a) (...) Seja Deus Louvado bem on de **fico esperando muitas oCazioiñs** doa grado denoSsa [ei]celencia (...)
- (48a) (...) [e]eu **fico esperando muitas oCa zioiñs** doServiSso devossaExcelencia (...)
- (49a) Dezejo mais *que* tudo avigoroza Saude deVossa Excelencia, pela qual **fico rogando aDeos** oqueira felicitar por longos annos, (...)
- (50a) (...) esta he aResposta *que* memandou esta india. **fiCando Sempre esperando muitas aCazioiñs** deSeus. mayores Gostos. (...)
- (51a) (...) e esta gente **fica pensando**, que as | despedidas d'um Presidente são materia | de interesse publico, (...)
- (52a) (...) ainda quando por feitas representaçoens demittido sempre **fica sendo um figurão influente, poderoso** (...)
- (53a) Nas suas folhas argueamente em meu beneficio, e eu | **fico rezando por sua alma** ao Senhor São João no meu ro- | sario, (...)
- (54a) (...) obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e **ficassem sabendo** o que temos para 1894 (...)
- (55a) (...) pela ultima que me | escreveo **fiquei sabendo** que está rijo como um cerne (...)
- (56a) (...) Parece-me, contudo, um tanto cômodo, além de pouco produtivo, **ficar insistindo** nessa tecla acusatória, (...)
- (57a) Ao **ficar sabendo** do lançamento de uma revista mensal de literatura, caí de bruços (...)
- (58a) (...) Caramba, uma revista não **pode ficar repetindo reportagens** exploradas p/ todos os veículos de Gregório de Matos (...)
- (59a) (...) Lhe **ficarei devendo** esse grande e importante obsequio e sempre lhe serei muito grato. (...)

## (ii) Incidência da negação sobre a perífrase

Segundo esse critério, uma sequência em auxiliação não pode ser separada por um negativizador, pois a negação incide sobre o grupo verbal. É o que verificamos de (46b,c,d) a (59b,c,d):

- (46b) (...) eu NÃO **fiCo sem pre esperando**

- oCaziois que semeoferesa dos servi  
sos de vosa emselencia (...)
- (46c) (...) eu NÃO **fiCo sem pre NÃO esperando**  
oCaziois que semeoferesa dos servi  
sos de vosa emselencia (...)
- (46d) (...) eu **fiCo sem pre NÃO esperando**  
oCaziois que semeoferesa dos servi  
sos de vosa emselencia (...)
- (47b) (...) Seja Deus Louvado bem on  
de NÃO **fico esperando muitas oCazioiñs** doa  
grado denoSSa [ei]celencia (...)
- (47c) (...) Seja Deus Louvado bem on  
de NÃO **fico NÃO esperando muitas oCazioiñs** doa  
grado denoSSa [ei]celencia (...)
- (47d) (...) Seja Deus Louvado bem on  
de **fico NÃO esperando muitas oCazioiñs** doa  
grado denoSSa [ei]celencia (...)
- (48b) (...) [e]eu NÃO **fico esperando muitas oCa  
zioiñs** doServiSso devossaExcelencia (...)
- (48c) (...) [e]eu NÃO **fico NÃO esperando muitas oCa  
zioiñs** doServiSso devossaExcelencia (...)
- (48d) (...) [e]eu **fico NÃO esperando muitas oCa  
zioiñs** doServiSso devossaExcelencia (...)
- (49b) Dezejo mais *que* tudo avigoroza Saude deVossa Excelencia, pela  
qual NÃO **fico rogando aDeos** oqueira felicitar por longos annos, (...)
- (49c) Dezejo mais *que* tudo avigoroza Saude deVossa Excelencia, pela  
qual NÃO **fico NÃO rogando aDeos** oqueira felicitar por longos annos, (...)
- (49d) Dezejo mais *que* tudo avigoroza Saude deVossa Excelencia, pela  
qual **fico NÃO rogando aDeos** oqueira felicitar por longos annos, (...)
- (50b) (...) esta he aResposta *que* memandou  
esta india. NÃO **fiCando Sempre esperando muitas**  
aCazioins deSeus. mayores Gostos. (...)
- (50c) (...) esta he aResposta *que* memandou  
esta india. NÃO **fiCando Sempre NÃO esperando muitas**  
aCazioins deSeus. mayores Gostos. (...)
- (50d) (...) esta he aResposta *que* memandou  
esta india. **fiCando Sempre NÃO esperando muitas**  
aCazioins deSeus. mayores Gostos. (...)
- (51b) (...) e esta gente NÃO **fica pensando**, que as | despedidas d'um Presidente são materia | de interesse

publico, (...)

- (51c) (...) e esta gente NÃO **fica NÃO pensando**, que as | despedidas d'um Presidente são materia | de interesse publico, (...)
- (51d) (...) e esta gente **fica NÃO pensando**, que as | despedidas d'um Presidente são materia | de interesse publico, (...)
- (52b) (...) ainda quando por feitas representaçoens demittido sempre NÃO **fica sendo um figurão influente, poderoso** (...)
- (52c) (...) ainda quando por feitas representaçoens demittido sempre NÃO **fica NÃO sendo um figurão influente, poderoso** (...)
- (52d) (...) ainda quando por feitas representaçoens demittido sempre **fica NÃO sendo um figurão influente, poderoso** (...)
- (53b) Nas suas folhas argueunte em meu beneficio, e eu | NÃO **fico rezando por sua alma ao Senhor São João no meu ro- | sario**, (...)
- (53c) Nas suas folhas argueunte em meu beneficio, e eu | NÃO **fico NÃO rezando por sua alma ao Senhor São João no meu ro- | sario**, (...)
- (53d) Nas suas folhas argueunte em meu beneficio, e eu | **fico NÃO rezando por sua alma ao Senhor São João no meu ro- | sario**, (...)
- (54b) (...) obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e NÃO **ficassem sabendo** o que temos para 1894 (...)
- (54c) (...) obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e NÃO **ficassem NÃO sabendo** o que temos para 1894 (...)
- (54d) (...) obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e **ficassem NÃO sabendo** o que temos para 1894 (...)
- (55b) (...) pela ultima que me | escreveo NÃO **fiquei sabendo** que está rijo como um cerne (...)
- (55c) (...) pela ultima que me | escreveo NÃO **fiquei NÃO sabendo** que está rijo como um cerne (...)
- (55d) (...) pela ultima que me | escreveo **fiquei NÃO sabendo** que está rijo como um cerne (...)
- (56b) (...) Parece-me, contudo, um tanto cômodo, além de pouco produtivo, NÃO **ficar insistindo** nessa tecla acusatória, (...)
- (56c) (...) Parece-me, contudo, um tanto cômodo, além de pouco produtivo, NÃO **ficar NÃO insistindo** nessa tecla acusatória, (...)
- (56d) (...) Parece-me, contudo, um tanto cômodo, além de pouco produtivo, **ficar NÃO insistindo** nessa tecla acusatória, (...)
- (57b) Ao NÃO **ficar sabendo** do lançamento de uma revista mensal de literatura, caí de bruços (...)
- (57c) Ao NÃO **ficar NÃO sabendo** do lançamento de uma revista mensal de literatura, caí de bruços (...)

- (57d) Ao **ficar NÃO sabendo** do lançamento de uma revista mensal de literatura, caí de braços (...)
- (58b) (...) Caramba, uma revista não **pode NÃO ficar repetindo reportagens** exploradas p/ todos os veículos de Gregório de Matos (...)
- (58c) (...) Caramba, uma revista não **pode NÃO ficar NÃO repetindo reportagens** exploradas p/ todos os veículos de Gregório de Matos (...)
- (58d) (...) Caramba, uma revista não **pode ficar NÃO repetindo reportagens** exploradas p/ todos os veículos de Gregório de Matos (...)
- (59b) (...) NÃO Lhe **ficarei devendo esse grande e importante obsequio** e sempre lhe serei muito grato. (...)
- (59c) (...) NÃO Lhe **ficarei NÃO devendo esse grande e importante obsequio** e sempre lhe serei muito grato. (...)
- (59d) (...) Lhe **ficarei NÃO devendo esse grande e importante obsequio** e sempre lhe serei muito grato. (...)

### (iii) Sujeito único

Para que V1 possa ser identificado como auxiliar, podemos dizer que a perífrase formada por ele comporta apenas um sujeito, cujos traços e papel temático são determinados pelo verbo principal (auxiliado).

- (46e) (...) eu **fiCo sem pre esperando** oCaziois que semeoferesa dos servissos de vosa emselencia (...)
- (47e) (...) Seja Deus Louvado bem on de **fico esperando muitas oCazioiñs** doa grado denoSsa [ei]celencia (...)
- (48e) (...) [e]eu **fico esperando muitas oCazioiñs** doServiSso devossaExcelencia (...)
- (49e) Dezejo mais *que* tudo avigoroza Saude deVossa Excelencia, pela qual **fico rogando aDeos** oqueira felicitar por longos annos, (...)
- (50e) (...) esta he aResposta *que* memandou esta india. **fiCando Sempre esperando muitas aCazioins** deSeus. mayores Gostos. (...)

- (51e) (...) e esta gente **fica pensando**, que as | despedidas d'um Presidente são materia | de interesse publico, (...)
- (52e) (...) ainda quando por feitas representaçoens demittido sempre **fica sendo um figurão influente, poderoso** (...)
- (53e) Nas suas folhas argumente em meu beneficio, e eu | **fico rezando por sua alma** ao *Senhor São* João no meu ro- | sario, (...)
- (54e) (...) obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e **ficassem sabendo** o que temos para 1894 (...)
- (55e) (...) pela ultima que me | escreveo **fiquei sabendo** que está rijo como um cerne (...)
- (56e) (...) Parece-me, contudo, um tanto cômodo, além de pouco produtivo, **ficar insistindo** nessa tecla acusatória, (...)
- (57e) Ao **ficar sabendo** do lançamento de uma revista mensal de literatura, caí de bruços (...)
- (58e) (...) Caramba, uma revista não **pode ficar repetindo** reportagens exploradas p/ todos os veículos de Gregório de Matos (...)
- (59e) (...) Lhe **ficarei devendo esse grande e importante obsequio** e sempre lhe serei muito grato. (...)

#### (iv)Paradigmatização

Um verbo considerado em estágio avançado de gramaticalização deve formar um paradigma conjugacional completo. Vejamos como é o comportamento das construções com o verbo *ficar* quando se aplica o teste com o que seria uma forma simples correspondente, como abaixo de (47f-f') a (59f-f'):

- (47f) (...) Seja Deus Louvado bem on de **fico esperando muitas oCazoiões** doa grado denoSsa [ei]celencia (...)
- (47f') (...) Seja Deus Louvado bem on de **espero muitas oCazoiões** doa grado denoSsa [ei]celencia (...)
- (48f) (...) [e]eu **fico esperando muitas oCazoiões** doServiSso devossaExcelencia (...)
- (48f') (...) [e]eu **espero muitas oCazoiões** doServiSso devossaExcelencia (...)
- (49f) *Dezejo mais que tudo avigoroza Saude deVossa Excelencia, pela qual **fico rogando aDeos** oqueira felicitar por longos annos, (...)*
- (49f') *Dezejo mais que tudo avigoroza Saude deVossa Excelencia, pela*

- qual **rogo aDeos** oqueira felicitar por longos annos, (...)
- (50f) (...) esta he aResposta *que* memandou esta india. **fiCando Sempre esperando muitas aCazioins** deSeus. mayores Gostos. (...)
- (50f') (...) esta he aResposta *que* memandou esta india. **sempre espero muitas aCazioins** deSeus. mayores Gostos. (...)
- (51f) (...) e esta gente **fica pensando**, que as | despedidas d'um Presidente são materia | de interesse publico, (...)
- (51f') (...) e esta gente **pensa**, que as | despedidas d'um Presidente são materia | de interesse publico, (...)
- (52f) (...) ainda quando por feitas representaçoens demittido sempre **fica sendo um figurão influente, poderoso** (...)
- (52f') (...) ainda quando por feitas representaçoens demittido sempre **é um figurão influente, poderoso** (...)
- (53f) Nas suas folhas argue em meu beneficio, e eu | **fico rezando por sua alma** ao Senhor São João no meu ro- | sario, (...)
- (53f') Nas suas folhas argue em meu beneficio, e eu | **rezo por sua alma** ao Senhor São João no meu ro- | sario, (...)
- (54f) (...) obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e **ficassem sabendo** o que temos para 1894 (...)
- (54f') (...) obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e **soubessem** o que temos para 1894 (...)
- (55f) (...) pela ultima que me | escreveo **fiquei sabendo** que está rijo como um cerne (...)
- (55f') (...) pela ultima que me | escreveo **soube** que está rijo como um cerne (...)
- (56f) (...) Parece-me, contudo, um tanto cômodo, além de pouco produtivo, **ficar insistindo** nessa tecla acusatória, (...)
- (56f') (...) Parece-me, contudo, um tanto cômodo, além de pouco produtivo, **insistir** nessa tecla acusatória, (...)
- (57f) Ao **ficar sabendo** do lançamento de uma revista mensal de literatura, caí de bruços (...)
- (57f') Ao **saber** do lançamento de uma revista mensal de literatura, caí de bruços (...)
- (58f) (...) Caramba, uma revista não **pode ficar repetindo reportagens** exploradas p/ todos os veículos de Gregório de Matos (...)
- (58f') (...) Caramba, uma revista não **pode repetir reportagens** exploradas p/ todos os veículos de Gregório de Matos (...)

(59f) (...) Lhe **ficarei devendo**  
esse grande e impor-  
tante obsequio e sempre  
lhe serei muito grato. (...)

(59f') (...) Lhe **deverei**  
esse grande e impor-  
tante obsequio e sempre  
lhe serei muito grato. (...)

É interessante notar que, diferentemente de como vimos até agora com as construções com os verbos *andar* e *continuar*, em que nos testes da paradigmática não há correspondência entre forma perifrástica e forma simples, parece haver correspondência entre as duas formas no caso das construções com o verbo *ficar*. Em (55f-f'), *fiquei sabendo* e *soube* parecem funcionar de forma semelhante, assim como em (54f-f') e (57f-f'), casos em que V2 é *saber*, as quais codificam o aspecto perfectivo. Já nos outros casos, em que temos construções que codificam o aspecto imperfectivo, parece não haver correspondência entre as duas formas.

Dos testes realizados, consideramos que o verbo *ficar* cumpre aparentemente de maneira satisfatória os critérios (i), (ii), (iii). O critério (iv) é atualizado apenas nos casos em que a perífrase codifica o aspecto perfectivo. Nesse sentido, *ficar* estaria em processo mais avançado de auxiliarização e, sendo assim compõe perífrases gramaticalizadas.

#### **V.4. Construções com o verbo *viver***

No gráfico 5 abaixo, verificamos que, do total de 41 ocorrências com o verbo *viver*, há 22 (53,6%) no século XIX, 16 (39%) no século XX e apenas 3 (7,4%) no século XVIII.

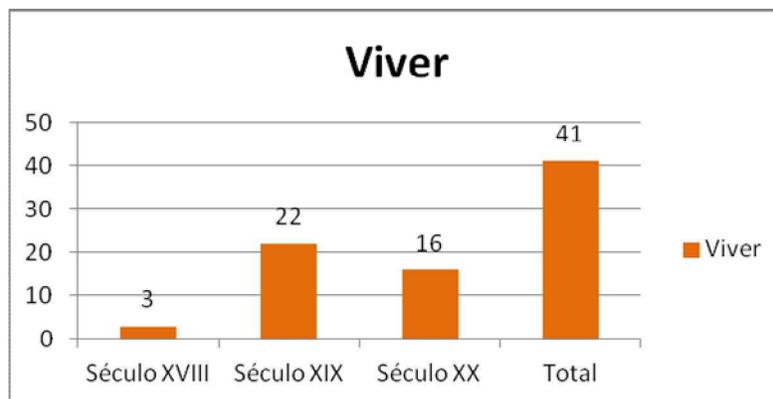


Gráfico 5 - Total de ocorrências do verbo *viver* nos séculos XVIII, XIX e XX

Os resultados gerais da coleta de dados referente ao verbo *viver* estão representados na tabela 7 abaixo. As cartas de leitores e redatores são as que apresentam maior concentração de ocorrências com o verbo *viver*. Sendo assim, dos 41 dados coletados, 29 (70%) estão concentrados nesse tipo de texto.

		Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total
Cartas de Administração	v. pleno	1 (33,4%)	-	-	3 (7,6%)
	v. funcional	2 (66,6%)	-	-	
	v. auxiliar	0	-	-	
Cartas de Leitores e Redatores	v. pleno	-	3 (15,7%)	2 (20%)	29 (70,7%)
	v. funcional	-	15 (80%)	8 (80%)	
	v. auxiliar	-	1 (4,3%)	0	
Cartas particulares	v. pleno	-	0	1 (33,4%)	4 (9,7%)
	v. funcional	-	1 (100%)	2 (66,6%)	
	v. auxiliar	-	0	0	
Anúncios	v. pleno	-	0	1 (33,4%)	5 (12%)
	v. funcional	-	1 (50%)	2 (66,6%)	
	v. auxiliar	-	1 (50%)	0	
<b>Total geral</b>		<b>3 (7,4%)</b>	<b>22 (53,6%)</b>	<b>16 (39%)</b>	<b>41 (100%)</b>

Tabela 7 - Total de ocorrências do verbo *vivier* em dados dos séculos XVIII, XIX e XX do português paulista

O verbo *viver* enquanto pleno é núcleo do predicado e tem sentido de “ter existência”. Do total de 41 dados, 8 (19,5%) se referem a construções com verbo *viver* pleno. No *corpus* analisado, a maioria dos dados foi encontrado nas cartas de leitores e redatores do século XIX. Um caso exemplar desse tipo de verbo está demonstrado abaixo em (60).

- (60) É uma ingra- | tidão do *senhor* Cazuzo, que cem annos que eu **viva** não | esquecerei. || Olhe, *senhor* Cazuzo o senhor não me deu da sua rapadu- | ra, mas para o anno, se eu lá chegar, hei de ir a Pira- | pora e trazer muita, mas da minha rapadura o senhor não chuca.|| (CLR-A464)

Os resultados gerais demonstram que a maioria das construções é formada pelo verbo *viver* funcional. São 31 (75,6%) dados do total de 41 ocorrências. Notamos que a minissentença constituinte desse tipo de estrutura é quase sempre um atributivo, como “gorda” e “preocupado”, como exemplificado nos dados abaixo:

- (61) O meu filho Manoel, vulgo o Manduca, está fino co- | mo um doutor. Já soletra a carta de nomes que dá gostos. || A senhora **vive gorda**, que é um louvar a Deos. || A mim, não me falta saude e estou pansudo como | o maior bumbo. || (CLR-A461)
- (62) O FEIJÃO E OS ATRAVESSADORES || Senhor Redactor: || Vocemecê é homem da imprensa, **vive sempre preoc- | cupado** com as poesias e não ha de saber do que se pas- | sa no mundo de chilra prosa em que eu e minhas co- | madres vivemos. Pois, eu quero sempre dar-lhe uma | prosinha do meu mundéo para que vossa mercê faça uma pe- | quena idéa dos transtornos em que vivemos. || (CLR-A468)

#### V.4.1. *Viver* + gerúndio

A única formação perifrástica com o verbo *viver* + gerúndio é das cartas de leitores e redatores do século XIX, como demonstrado no exemplo (63) a seguir:

- (63) Era o que faltava que homens que **vivem** só **pensan- | do** no modo de nos ser *util* e *agradavel* soffressem nos | seus interesses. Nada, não admitto, e para enristar a | lança por elles estará sempre prompto o || seu velho compadre || O ZÉ DA VESTIA. (CLR-A459)

Esse resultado restringe-nos quanto à aplicação de qualquer tipo de critério em virtude da baixa quantidade de dados. Mesmo assim, procedemos com a análise dos critérios de forma a tentar reconhecer indícios de que o processo de auxiliarização ocorrido com os verbos anteriores também ocorra com o verbo *viver*.

##### (i) Detematização

- (63a) Era o que faltava que homens que **vivem** só **pensan- | do** no modo de nos ser *util* e *agradavel* soffressem nos | seus interesses. (...)

Em (63a), *pensar* é núcleo da oração. De fato, parece estranho considerar que *viver* ainda carregue noção de ‘ter existência’, mesmo que à primeira vista isso pareça possível pela interveniência do advérbio “só” entre V1 e V2. Sendo assim, V1 estaria detematizado.

### (ii) Incidência da negação sobre a perífrase

- (63b) Era o que faltava que homens que NÃO vivem só pensan- | do no modo de nos ser *util e agradável* soffressem nos | seus interesses. (...)
- (63c) Era o que faltava que homens que NÃO vivem só NÃO pensan- | do no modo de nos ser *util e agradável* soffressem nos | seus interesses. (...)
- (63d) Era o que faltava que homens que vivem só NÃO pensan- | do no modo de nos ser *util e agradável* soffressem nos | seus interesses. (...)

A noção de que V1 está detematizado é reforçada pelo teste da incidência da negação sobre a perífrase. Em (63b,c,d) parece que a negação tem escopo sobre a perífrase em todos os casos.

### (iii) Sujeito único

- (63e) Era o que faltava que homens que vivem só pensan- | do no modo de nos ser *util e agradável* soffressem nos | seus interesses. (...)

No dado acima, os dois verbos que compõem a perífrase comportam um sujeito único.

### (iv) Paradigmatização

Segundo o teste de paradigmatização exemplificado em (63f-f’), podemos dizer que parece haver correspondência entre a forma simples e a forma composta pelo verbo *viver*. Sendo assim, *viver* seria um auxiliar já gramaticalizado.

- (63f) Era o que faltava que homens que vivem só pensan- | do no modo de nos ser *util e agradável* soffressem nos | seus interesses. (...)
- (63f’) Era o que faltava que homens que só pensam no modo de nos ser *util e agradável* soffressem nos | seus interesses. (...)

Os resultados obtidos do verbo *viver* não nos permite fazer nenhuma afirmação no que se refere à atualização de critérios de auxiliaridade. Apenas uma ocorrência não é suficiente para considerar verdadeira a atuação de mecanismos sintáticos. Do observado a

partir da única ocorrência encontrada, o estágio de auxiliarização de *viver* seria semelhante ao de *ficar*, por ter atualizado, em certa medida, os critérios (i), (ii), (iii) e (iv).

A partir dos resultados obtidos com a aplicação de critérios de auxiliaridade, consideramos que estes devem ser realizados qualitativamente, já que cada caso pode apresentar variações de formas e significados não esperados. Do observado, *ficar* e *viver* seriam as formas mais gramaticalizadas e, portanto, constituiriam perífrases mais gramaticalizadas do que as formadas por *andar* e *continuar*.



## **CAPÍTULO VI: SEMANTICIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM OS VERBOS *ANDAR*, *CONTINUAR*, *ficar* E *VIVER* SEGUIDOS DE GERÚNDIO**

Retomando o exposto no capítulo III, a semântica é um sistema através do qual criamos os significados, operando com algumas estratégias, como (i) a organização do campo visual através do estabelecimento de participantes e eventos; (ii) a inclusão, exclusão ou focalização de participantes e eventos; (iii) a movimentação de participantes e eventos, real ou ficticiamente; (iv) a alteração de nossa perspectiva sobre os participantes e os eventos, via metáfora, metonímia, especialização, generalização. A semanticização é o processo de criação dos sentidos, administrado pelo dispositivo sociocognitivo. (CASTILHO, 2010: 122)

Segundo Castilho (2010),

Do ponto de vista semântico, os verbos expressam os estados de coisas, entendendo-se por isso as ações, os estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos. São comuns as definições que combinam os sistemas linguísticos, como a de Barrenechea (1969/1982: 315), segundo a qual o verbo pode ser definido como a palavra que exerce “função obrigatória” de predicado [= propriedade semântica] e tem um regime próprio [= propriedade gramatical]”. (CASTILHO, 2010: 39)

Os estudos do verbo são muitos, e há muitas propostas de tipologia semântica dessa classe. Neste trabalho, concentro-me principalmente na categoria semântica *aspecto*, já foi tratada no capítulo II deste trabalho. Além disso, concentro-me na estratégia (iii) citada acima: a movimentação de participantes e eventos, real ou ficticiamente. A seguir passo a apresentar a análise de cada tipo de verbo em cada tipo de texto e em cada século.

### **VI.1. Construções com o verbo *andar***

Segundo Machado (1956), *andar* deriva do verbo latino *ambitare*, verbo frequentativo derivado, por sua vez, de *ambire* “ir em volta, rodear com qualquer fim”. Se essa etimologia estiver correta, entende-se por que, como verbo funcional ou mesmo como verbo auxiliar, *andar* expressa muitas vezes o aspecto iterativo.

Cunha (2007) apresenta que *andar* já era usado no século XIII com a noção de “dar passos, caminhar”.

De origem controversa; a hipótese mais viável é a que liga o voc. port. ao lat. *\*ambitare* (do cláss. *ambire* ‘dar voltas, rodear’). (CUNHA, 2007: 45)

Nos exemplos elencados abaixo, constituídos por *andar* pleno, observamos a presença de sujeito /humano/ e a ideia de deslocamento espacial (físico) e, conseqüentemente, temporal. Trata-se, portanto, de um deslocamento marcado. Nesse sentido, o verbo *andar* parece um bom candidato a formar perífrases de aspecto imperfectivo cursivo, em decorrência de sua duração intrínseca.

- (64) De casa de Francisco Antonio| de Paiva, morador na rua da Pedreira da Can|dellaria Número 63, e com Pedreiras no mesmo sítio| fugirão seduzidos por outros escravos, os Escravos| abaixo mencionados, Officiaes de Canteiro, os quaes| se deixarão vender a Ladrões, que hoje se achão| prezos, e os passarão para o Morro Queimado.| Offerece-se á quem os aprehender e entregar a| seu Senhor não vindo elles com lezão nenhuma, a quan|tia de 200\$000 réis por cada hum.|| 1.º Cyprianno, de Nação Quilimane, de boa| estatura, bem parecido, cabelludo nos peitos, sig|nal de um caustico no peito direito, barba serrada,| e quando anda abre os pés para os lados, idade| 22 a 23 annos.|| 2.º Fellipe, de Nação Benguella, estatura re|gular, com as pernas mais negras do que o corpo,| e aveludadas por causa de muitas sarnas que te|ve, olhos grandes e espertos, quando **anda** metel| huma perna para dentro mais do que outra, teria| de idade 22 a 23 annos.|| 3.º José, de Nação Cabinda, estatura regul|lar, beijudo, e zanago de hum olho pouca coiza,| coxeia de huma côxa, e muito poeta no fallar. Es|tes 3 faltarão a 16 de Outubro de 1828.|| 4.º Izidoro Crioulo, de 18 annos de idade,| fula, nariz chato, viciozo na falla, signaes de be|xigas no nariz, falto de carnes, e as sobranche|llas grossas. Dezappareceo em 16 de Fevereiro de| 1829. *O Farol Paulistano*, 20 de abril de 1830 (AN-A)
- (65) Réis 100 \$ de Gratificação|Dá-se a gratificação acima de 100\$ réis,|a quem prender o escravo Alexandre, que|estive alugado por alguns annos na boti|ca do Senhor Leandro na rua de São Bento,|Seus signaes são os seguintes: pardo es|curo, ou da côr vulgarmente denominda|cabra;- tem 22 annos de idade, come|ço de buço, rosto alegre, dentes pequenos|e claros; corpo regular, e um pouco alto; quando **anda** vira um pouco os pés para|fora. Consta que elle se diz forro para|não ser agarrado.|Roga-se ás autoridades policiaes, que|faça prender, toda a pessoa suspeita, que|tiver os signaes acima, e participem ao|Doutor Antonio Joaquim Ribas que se re|sponsabilisa pela gratificação ao appren|sor. *O Constitucional*, 03 de fevereiro de 1854 (AN-A)
- (66) No caminho apanhei uma chuva que nem o diabo; | mas não foi nada, estou na terra. || Agora porém, é que são ellas. || Desde que cheguei **tenho andado mais do que o diabo | nunca andou na sua vida**, e quem diz que eu encontre | tais ruinhas! Tenho gyrado pr’a baixo e pr’a riba, de | roda, atravessado, mas qual historia todas as ruas são a | mesma! || (CLR-A472)

É interessante notar que nos exemplos (64) e (65), há menção a partes do corpo: *mete uma perna dentro da outra e vira um pouco os pés para fora*. No que se refere à passagem a verbo funcional, *andar* parece manter os traços mencionados acima, com o apagamento da noção de deslocamento físico. A persistência dos traços referentes ao deslocamento temporal é resultado do processo de metáfora, segundo o qual há

abstratização de significados. Como mencionado anteriormente, isso significa dizer que itens que expressavam conceitos concretos passam a expressar conceitos mais abstratos. Podemos verificar essa passagem no *cline* proposto por Heine *et al.* (1991: 48):

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Esse *cline* representa a hipótese dos autores de que a “gramaticalização é o resultado de uma estratégia de solução de problemas, segundo a qual conceitos que são imediatamente acessíveis à experiência humana são empregados para a expressão de conceitos menos acessíveis e mais abstratos” (HEINE *et al.*, 1991: 158). Podemos dizer que houve motivação cognitiva para que ocorresse analogia entre o significado menos abstrato na forma plena e o significado mais abstrato na forma em semanticização (verbo funcional). Nesse sentido, a ativação das propriedades funcionais do verbo *andar* foram possíveis a partir da metáfora ESPAÇO > TEMPO. Essa ideia pode ser verificada nos exemplos elencados abaixo.

- (67) No show só  
dava eu berrando. Nestes shows  
eu vou sozinha, álias, eu só  
**ando** sozinha... (CPP-B)
- (68) **Andamos** tão ocupados ultimamente com a propaganda dos nossos clientes, que esquecemos da nossa. Nem tivemos tempo de inscrever peças no “melhores de 69”. Colábor S.A. (Veja An-B/2)
- (69) O Senhor Constitucional de Paris, ou não anda em dia, ou faz que não anda, com o Direito Publico, que é hoje universalmente seguido, visto que só concede a um Estado novo o direito de adoptar a forma de Governo que lhe parecer. Nós, porem, sem julgarmos conveniente que um Estado velho ou novo ande ás cambalhotas com fórmãs de Governo, não sabemos todavia, como é que se-lhes-possa negar esse direito. || O Redactor. (CLR-A432)

Por meio da reanálise, tornou-se possível a inserção de novas formas semanticamente compatíveis a *andar*, essas representadas pelos verbos *tomar*, *romper* e *procurar*, como exemplificado a seguir em (70), (71) e (72). No que se refere à categoria EVENTO, em (70) e (71), V2 (*tomar* e *romper*) são verbos de evento télico, e em (72) V2 (*procurar*) é verbo de processo atélico.

- (70) Eu não vou aos peis deVossa Excelencia  
Como Já otenho feito duas veZes, nem fuy estes dias

que eSse hera omeu DeZejo por estar em fermo que  
**ando tomando** SalSsa, mas Remeto aomeo procu  
 rador para que ofereSsa aVossa Excelencia osmeus documentos  
 [C 18 1 Seb 17]

(71) *Illustrissimo eExcelentissimo Senhor*  
 Sendome preSizo Saber donde adesper adeviZaõ  
 domeu destrito, Com oCapitam Mor deSaõ Sebastiaõ, faSo=  
 espedir por proprio esta avossa Excelencia para que me faSa merce =  
 destinar destrito para eumesaberaver neste laburiozo  
 trabalho emque **ando Rompendo** esteSertaõ Com aes=  
 trada naforma que vossa Excelencia madetreminou;  
 [C 18 2 Seb 22]

(72) Meu *Senhor* Remeto aVossaExcelencia a Lista dos Indios que  
 memandou fizeSse, o que não fiz Com mais brevidade porque  
**andei proCurando notiCias** por fora, pois os Indios da Aldea  
 naõ Sabem de todos; vam as idades de Cada hum, eotempo que  
 faltam da Aldea pouCo mais, ou menos, pois naõ pude  
 saberisto Com Certeza; tambem digo na Lista que hum mu  
 lato por nome SimpliCio que Levou o *Padre Antonio* Lopes esta  
 em Santos porem agora me diSseram que fora para a Ilha  
 de Saõ Sebastiaõ  
 (AI-1)

Na tabela a seguir, apresentamos a contabilização das construções formadas por *andar* + gerúndio, as quais codificam o **aspecto imperfectivo cursivo iterativo**.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>	<i>Tokens</i>
03	01	
	ii. Aspecto imperfectivo cursivo iterativo	03

Tabela 8 - Frequências *token* e *type* de *andar* + gerúndio

A codificação desse tipo aspectual é resultado da combinação de um verbo cujo sentido é de deslocamento no tempo com verbos que denotam também movimento. No que se refere à atualização do tempo verbal nas perífrases, (72) é um caso em que V1 está no pretérito perfeito. Essa característica parece não afetar a codificação aspectual da perífrase, uma vez que é evidente a noção de duração do estado-de-coisas. Mesmo que esse estado-de-coisas tenha acabado, houve um período de duração no passado.

O processo de semanticização de *andar* seguido de gerúndio indica que essas construções são perífrases codificadoras de VISÃO (aspecto imperfectivo) e EVENTO (evento télico e processo atélico, eventos iterativos).

## VI.2. Construções com o verbo *continuar*

Segundo Cunha (2007), *continuar*, do latim *continuare*, possui significado de “prosseguir, prolongar, permanecer” no século XIV. Sendo assim, esse verbo indica uma situação que já tinha uma duração no passado e que torna a acontecer. Essa duração não é marcada, ou seja, não se trata de um deslocamento no espaço, mas apenas temporal, como apresentado nos exemplos (73), (74) e (75) abaixo.

- (73) E com effeito, já não està em poder de ninguem sobre a terra o restituir á vida a victima innocente, o homem pacifico, que soubera apprender virtudes, nascendo em uma estação, onde raras vezes apparecem mestres que as ensinem: já não está em poder de ninguem o arrancar do peito de seo assassino, quem quer que elle seja, os remorsos que o ralão: a redacção do Farol não s'interrompeo, antes **continuará**, em quanto nos durar o alento, e mesmo depois não faltará quem se incumba d'ella, porque ha hi centenaes d'homens, que possuem a verdadeira coragem. (CLR-A406)
- (74) AINDA? || O Estado quer continuar, porque quer continuar. || Faz mal. || Começa declarando acceitar nosso convite para o terreno da causa publica, mas, como as fora licito o defastio, pela segunda vez, varia de objectivo, continua a apurar nugas e, o que é peor, está a nos attrahir para um terreno, que cuidadosamente temos evitado. || (CLR-A533)
- (75) Na primeira pauta da revista afirmávamos que não tínhamos certezas, só dúvidas. Algumas dúvidas **continuam** – por isso Escrita é uma revista aberta à discussão – mas certeza já existe pelo menos uma: de havermos colaborado para que a literatura brasileira se tenha tornado assunto. (AE CLR-B/2)

Há persistência dos traços de verbo pleno nas construções com *continuar* enquanto verbo funcional, ou seja, a noção de deslocamento temporal (fictício) se mantém, como pode ser verificado nos exemplos seguintes:

- (76) Há dias recebi tua prezada carta, e muito es=  
timo que **continúes com**  
**saúde**, assim como So=  
phia.- (CPWL 1-XIX)
- (77) Sempre tenho noticias  
[p.2] suas de Sophia pelas cartas á Prima  
Mariquinha e com prazer sei que  
**continuam com saude.**  
(CPWL 11-XIX)
- (78) Espero que Sophia e você  
**continuem bons.** Queira aceitar  
junctamente com Sophia muitas  
saudades minhas e de Tuda  
(CPWL 8-XIX)

Por meio da reanálise, outras estruturas semanticamente compatíveis com o que antes era um minissentença passam a figurar ao lado de *continuar*.

- (79) Anno donacimento denoço Senho JezuCristo, demil SeteCentos evinte SinCo, nesta Vila de Sam Sebastiam Capitania da Sidade de Saõ Paullo, partes do Brazil [*&a = etc ?*] porquanto Ignácio preto, Joaõ Thome, e Jozeph Alvarez actuados no dia de Sesta feira que SeContaraõ, vinte eSeis de outubro, pellas tres horas datarde, Sejuntaraõ em Camara, Sem [*Licenca ?*] ounoticia delle Actuante, ouceo parCero prezidentes, emandaraõ xamar aelle Juis Actuante, foçe aCamara, ein-do, por em tender, podia aver or dem de Sua Magestade, ounegoço pertencente aopublico que tivece necicidade deSer feito logo, eseperdeçe, naõ osendo, eentran do elle Juis Actuante; perguntando que negocio havia lhe Res ponderaõ que era Requerimento doprezo Manoel Joam, presente eu esCrivaõ quedou [*rasurado – f\_?h\_*] pacar oReferido naverdade eLoguo **Continuaraõ Lendo** huã petissão do dito prezo, que injuriava aelle Juis Actuante chamando lhe injusto que naõ fazia justiça elhe denegava Despachos Sem Rezaão, eoutras mais, eque em nada fazia aSua obrigaçaõ;  
[C 18 1 Seb 14]
- (80) **Continúa sendo** procuradissima a nossa folha, cujas edições apesar de terem sido sempre augmentadas se exgottam diariamente. || Não fazemos reclame que, sem elle, se tem feito a nossa folha. (CLR562, XIX)
- (81) Nenhuma novidade agita  
esta pacata cidade. A não  
ser a alta ou baixa do café  
[p.3] ou as oscillações do cambio, assumpto  
que pouco nos interessa, não  
sei o que lhe escrever. Só si  
fôr sobre o assassinato do rei  
Humberto, ou sobre a morte de  
Eça de Queiroz ! Fica isso para  
outro dia, e fecho aqui esta  
esperando que Sophia e você  
**continuem gozando** perfeita saude  
e apomptando-se para logo virem  
para cá.  
(CPWL 9-XIX)
- (82) O BNDES é instituição exemplar na transparência de critérios e procedimentos, bem como no processo colegiado de decisões. Cumpriu e **continuará cumprindo** papéis essenciais no financiamento do desenvolvimento econômico brasileiro (...) (Veja CLR/2/XX)
- (83) Todos em casas de “saúde” sustentadas mas não fiscalizadas pelo governo, que, sem apresentar um programa de controle para as parcas verbas existentes, ainda quer o imposto do cheque, para **continuar fornecendo** munição para assassinatos em massa. (Veja CLR/2/XX)
- (84) Esperamos **continuar contando** com a participação dos leitores em 1993. Sua opinião é levada em consideração e nos ajuda a melhorar o padrão de qualidade de Veja. (Veja CLR/2/XX)
- (85) A reportagem “O ditador tolerado”, de VEJA nº 946, revelou a face cruel e medíocre do senhor Bouterse. Nenhum tipo de candidatura é tolerável. Temos a obrigação de tornar públicas tais atrocidades, especialmente quando praticadas contra o povo de um país tão pobre como o Suriname. Que o Brasil **continue ajudando** esse país, sobretudo para a sua democratização (Veja CLR/2/XX)

- (86) Acreditamos ter atingido nosso objetivo principal, que é a divulgação do trabalho de dezenas de jovens poetas e cronistas. Escrita teve e **continuará tendo o papel** desbravador de revelar uma vasta produção guardada na gaveta, convencida de que na quantidade sairá a qualidade. (AE CLR/2/XX)
- (87) A obra que nos deixa é a mesma em dignidade e valor que a de um Lima Barreto ou de um Érico Veríssimo. A única homenagem que podemos lhe prestar é continuar sua luta contra a mentira, a covardia e a vergonha. O lema de Hemílio foi e **continua sendo**: “Viva a Vida!” (AE CLR/2/XX)
- (88) Com todo o respeito que tenho pelo colunista do “Jornal do Brasil” (muito ponderado, aliás) e pelo sr. Ivan Lessa de “O Pasquim” (em relação a quem tomo emprestado e inverto o verso de Júlio César Figueira – v. *Escrita* nº 5 – para dizer “olho para trás e sou o seu fã”), **continuo sentindo-me desobrigado** de conhecer todos os bons escritores dos EUA e de qualquer outro país. (AE CLR/2/XX)
- (89) Os incautos leitores que me criticaram devem, antes de mais nada, abandonar o reacionarismo. Raciocinar é preciso. Afinal a dialética já foi à lua e Gardel **continua cantando** em vitrolas metálicas. (AE CLR/2/XX)
- (90) Quem não tem sorte já nasce calado, já nasce medroso, já nasce acorrentado... e, para ser terceiro-mundista, basta ter coragem. O cinema reside na Europa, Gláuber Rocha, involuntariamente, claro. As cabeças **continuam sendo** cortadas. (AE CLR/2/XX)
- (91) Parabéns pela revista. Existia um vazio dentro de nossa literatura, agora preenchido por *Escrita*. Apesar de que o vazio **continuará existindo** na alma de todo “brasileiro”, até que novos rumos sejam tomados. (AE CLR/2/XX)
- (92) O depoimento do Ignácio de Loyola eu considero um depoimento patético, de louvável importância para verificar o comportamento de nossos editores, e um guia prático para escritores inéditos. Creio que ele poderia inclusive partir desse trabalho inserido em *Escrita* 3 para um trabalho de mais fôlego, um ensaio talvez. A única válvula de escape para escritores novos **continuam sendo** os concursos literários. (AE CLR/2/XX)
- (93) Boa turma de *Escrita*, pau na máquina que a nossa revista está ótima. Espero que vocês **continuem prestigiando** os novos. A raça merece e está entusiasmada. (AE CLR/2/XX)
- (94) Mais uma vez, parabéns. Que *Escrita* **continue existindo**. (AE CLR/2/XX)
- (95) Foi no dia 14 de abril nas comemorações do dia Panamericano que a idéia surgiu e **continuou morando** conosco até agora quando nos foi possível a realização desse nosso desejo. (Célula, CLR/1/XX)

Na tabela seguinte, apresentamos os tipos de aspecto codificados pelas construções formadas por *continuar* seguido de gerúndio.

<b>Frequência token</b>	<b>Frequência type</b>	<b>Tokens</b>
17	02	
	i. Aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo	08
	ii. Aspecto imperfectivo cursivo iterativo	09

**Tabela 9 - Frequências token e type de *continuar* + gerúndio**

As ocorrências exemplificadas em (82), (83), (85) e (89) são exemplos da codificação do aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo, presente em 8 (47%) das 17 ocorrências analisadas. Já os dados em (87), (88), (91) e (92) são exemplos do aspecto imperfectivo cursivo iterativo, codificado em 9 (53%) das 17 ocorrências.

A categoria de EVENTO, além de estar codificada pelos aspectos semelfactivo e iterativo, apresentados acima, está codificada também pelas noções de estatividade (47%), evento télico (35%) e processo atélico (18%).

Há grande variabilidade de flexão modo-temporal na constituição das construções formadas por *continuar* + gerúndio. Apesar disso, nenhum dos tempos ou modos causou a alteração do estatuto semântico das perífrases analisadas.

O processo de semanticização de *continuar* seguido de gerúndio indica que essas construções são perífrases codificadoras de VISÃO (aspecto imperfectivo) e EVENTO (estatividade, evento télico e processo atélico, eventos iterativos e semelfactivos).

### VI.3. Construções com o verbo *ficar*

A etimologia do verbo *ficar* parece controversa. Houaiss (2009) apresenta a hipótese de que *ficar* vem do latim *figicare*, verbo frequentativo derivado de *figere*, que significa “fixar”. Cunha (2007) afirma que *ficar*, do latim vulgar *figicare*, possui significado de ‘permanecer’ desde o século XIII. Nesse sentido, o verbo *ficar* indica uma situação que pode já ter tido uma duração no passado e que torna a acontecer, ou permanece. À semelhança do comportamento de *continuar*, sua duração também não é fisicamente marcada; a duração em *ficar* está pressuposta pela permanência, como pode ser identificado nos exemplos seguintes (96-99):

(96) *A ‘Final’ é a que tem + novidades, só que é + caro umas 500 vezes que as outras lojas. Eu conheço o pessoal todo que vai lá e eu sempre fico na “Bizarre” onde o pessoal é + amigo e legal. (CPP, XX, 16)*

(97) *Por hoje aqui fico. [espaço] Sigo amanhã para Santa Clara; Nanhã fica para o casamento da Elisa Tobias, vae com Mamã a 16.*

*Adeus. Escreva-me*

*Saudades a Sophia. (CPWL, XIX, 015)*

(98) *Bem, fico por aqui e te agradeço de ♥ por toda paciência e “dedication”, ok? (CPP, XX, 19)*

(99) *Bem, eu fico por aqui e conto com a sua participação e <, > o seu apoio e a sua amizade que é super importante, ok? (CPP, XX, 8)*

À semelhança do que ocorre com o verbo *andar*, com *ficar* também ocorreu o processo de metaforização ESPAÇO > TEMPO. Como podemos verificar em (100) e (101), *ficar* passou a indicar apenas deslocamento temporal (permanência).

(100) *Senhor* Redactor. – O anno proximo passado | tive a honra de lhe dirigir uma cartinha, | na qual perguntava como é que a Nação | dava cento e cinquenta mil reis, a um | *Senhor* Professor para ensinar Grammatica | Latina aos meninos do Côro, quando es- | te não dava Aula: julguei que minha tão | justa quão razoavel advertencia produzi- | ria todo o effeito desejado; porém hoje | soube que continuava no mesmo deslei- | xo, dando Aula de 15, em 15 dias; outras | vezes concedendo ainda maiores ferias, de | maneira que o pequeno estudo (que ao | meu ver, não é nem-um) dos meninos | com umas tão longas, e continuadas ferias, | ficão no mesmo estado como que nunca es- | tudassem, e no entanto a soffredora Na- | ção concorrendo com os 150:000 réis annuaes | sem que d’elles provenha-lhe o menor bem. | (CLR, XIX, 393)

(101) *Senhor* redactor. – Passei, hoje, por casa do *senhor* Miguel, | para comprar um pouco de vinagre para pôr devinha- | dalho uns bagres, agora para a vespera de Santo Anto- | nio, e vi um grande deposito de fogos. Fiquei admi- | rado, porque não sei quem me disse que isso era pro- | hibido por uma postura da nossa caimbra, salvo aonde | ella marcasse; mas depois me disseram que isso cahiu | em exercicios findos. || **Fiquei meio ressabiada**, e vou perguntar ao *senhor* Tho- | mas; já que elle agora anda meio ingrato, e com seus | amores novos despresou os velhos. | Sua veneradora || MIQUELINA DO AMOR DIVINO. (CLR, XIX, 455)

O processo de metaforização parece ter persistido no que se refere à noção de deslocamento temporal na constituição de perífrases formadas por gerúndio.

(102) Com Cuatro Capittaois da orde  
nansa pera adefensa desta vila  
ede preZente inda estou servindo  
por Comfirmasam do emselentisi  
mo Senhor [P]ires saldanha [\_\_?]  
[qualquer] e Como me parese não terem  
ja ni [\_\_?] or ospatententes [sic] que o dito Se  
nhor foi servido pasar, aviZo a vosa  
emselensia pera dispor oque for ser  
vido, eu **fiCo sem pre esperando**  
oCaziois que semeoferesa dos servi  
sos de vosa emselensia pera em tu  
do o [\_\_?] de ser Como devo. enosoSe  
nhor lheporpe[re] avida por largos a-  
nos pera lhe fazer muitos servisos  
eamifabores.  
[C 18 1 Seb 1]

(103) Cheguei a esta *Vila* aos vinte etres de Dezembro  
com bastantes molestias das muitas agoas

mais deSaude Seja Deus Louvado bem on  
de **fico esperando muitas oCazioiñs** doa  
grado denoSsa [ei]celencia para aellas não fal  
tar como devo ehegado *que* fui achei na Vila ao[*Capitam?*]  
Salvador afoço elogo mandei chamar *aminha*  
preZença exZecutei aordem devoSsa emSe  
lencia noparticular daspeSsas *que* emSeu po  
der estaõ não por duvida algũa naobedien  
çia etomando eu emtregue das *ditas* peSsas [↑axe] huã  
negra *muito* mal disposta dehua doenSsa *que* não  
Sei Sees Capava Como ela tiveralguã melho  
ria eachar em bar Ca Caõ para aVila deSsanctos os  
Remeterei como voSsa em Se len Cia metem or  
denado.  
[C 18 1 Seb 8 ]

- (104) Ecomo *VossaExcelencia* nesta terra  
não tem dado castigo algû ainda  
onão temem *avossaExcelencia que* yuiZes cama  
ristas etodos osmais faZem bem pouco  
CaZo *que* osque teme *avossaExcelencia* Sam conta  
[d?]os eos *que* não [teme] Sam Sem Conto,  
PeSso a*VossaExcelencia* obrara emtudo como  
for Servido [e]eu **fico esperando muitas oCa  
zioiñs** doServiSso devossa*Excelencia* Como umil  
de baSsallo, emenor Servo devossa *Excelencia*  
a[\_?] Deos *Guarde* por felisSes annos ilha de  
Sam *Sebastiam* 30 deMarSSo de1723 *annos*  
[C 18 1 Seb 11]
- (105) Dezejo mais *que* tudo avigoroza Saude de*Vossa Excelencia*, pela  
qual **fico rogando aDeos** oqueira felicitar por longos annos,  
cuja peSsoa, omesmo *Senhor guarde* felis mente.  
[C 18 2 Seb 23]
- (106) mas oReligioZo  
*que* lá aCiste diZia denem hua Sorte ashavia  
deixar vir por *quanto* em taõs não fiCaria *quem* lhes  
trabalhaÇe, atemoriZandos Com promeSSas  
deCastigos. esta he aResposta *que* memandou  
esta india. **fiCando Sempre esperando muitas  
aCazioins** deSeus. mayores Gostos. aCuja ex  
ÇelSsa peSsoa *Deos Guarde* Como deZeja Ba  
rueri 12 de Abril de 1722 *annos*  
(Carta4)
- (107) Por este meio novo e desu-| sado dou uma alta idea de minha jerar- | chia, e esta gente **fica pensando**,  
que as | despedidas d'um Presidente são materia | de interesse publico, e que a ninguem mais |  
compete esta prerogativa. Mas o peor foi | que os Paulistas com toda a sua rusticidade | já forão  
honrados com uma Proclamação de | despedida geral da Propria Pessoa de *Sua Majestade* | o  
IMPERADOR, e por isso talvez os *poucos* | *eleitos* não fizessem todo o aprêço, | que *Sua Excelência*  
esperava, das suas despedidas por | annuncio. || (CLR391, XIX)
- (108) A Gazeta do Brasil do *próximo passado* correio está recheada d'aquelles bons dictos, que fazem dar  
concertos de gargalhadas aos Patuscós. || Não lhe falta immundicia, sobra-lhe impudencia, o que tudo  
prova que quem foi Ministro d'Estado, ainda quando por feitas representaçoens demittido sempre **fica**

**sendo** um figurão influente, poderoso, e capaz de proteger uma Gazeta. || (CLR420, XIX)

- (109) Nas suas folhas argumente em meu benefício, e eu | **fico rezando** por sua alma ao *Senhor São* João no meu ro- | sario, que me deixou minha avó. || Se lá apparecer a nha Amalia voçuncê dê-lhe lem- | branças minhas. || Uma sua serva. || *Nicota Gertrudes*. (CLR470, XIX)
- (110) Aos Nossos Amigos e ao Publico em Geral || Pela dacta do nosso primeiro reclame, notarão todos, que o Holophóte orgam da nossa caza, devia ter sahido no dia 1. de Janeiro — de facto, assim seria, se não fora a circumstancia imprevista de ter quebrado uma peça de nossa principal machina, obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e **ficassem sabendo** o que temos para 1894 — Resolvemos pois, — dar hoje 6 de Janeiro, e dia de Reis, o nosso Holophóte — pedimos a todos maxima attenção para o cazo. (CLR529, XIX)
- (111) CARTAS FAMILIARES || IV || COMPADRE PANCRACIO. - Não começo por perguntar- | lhe noticia de sua saude, porque pela ultima que me | escreveo **fiquei sabendo** que está rijo como um cerne, | fresco como uma alface, e alegre como um medico em | tempo de epidemia. Tambem pudera não ser assim. | (CLR459, XIX)
- (112) Ninguém irá negar que cada um dos elementos citados tem sua parcela de responsabilidade (variável na medida do seu poder) pela condição de inferioridade com que o pensamento nacional – literário, neste caso – se vê obrigado a concorrer com o produto importado, via de regra alienante. Parece-me, contudo, um tanto cômodo, além de pouco produtivo, **ficar insistindo** nessa tecla acusatória, à espera de que “alguém” faça alguma coisa para mudar a situação. (AE CLR/2/XX)
- (113) Ao **ficar sabendo** do lançamento de uma revista mensal de literatura, caí de bruços na expectativa de tê-la em mãos. (AE CLR/2/XX)
- (114) Será possível que vocês não imaginão que o leitor típico de uma revista mensal de literatura é aquele cara que procura, incessantemente, se informar, que não é leigo quanto ao já divulgado em termos de literatura/arte? Caramba, uma revista não pode ficar repetindo reportagens exploradas p/ todos os veículos de Gregório de Matos por que motivo? (AE CLR/2/XX)
- (115) Desejo muito uma comarca servida pela estrada de ferro.  
Lhe **ficarei devendo** esse grande e importante obsequio e sempre lhe serei muito grato.  
Conto só com a || sua protecção.  
(WL 2-XX)

Na tabela seguinte, apresentamos os tipos de aspecto codificados pelas construções formadas por *ficar* seguido de gerúndio.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>	<i>Tokens</i>
14	03	
	i. Aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo	3
	ii. Aspecto imperfectivo cursivo iterativo	8
	iii. Aspecto perfectivo pontual	3

Tabela 10 - Frequências *token* e *type* de *ficar*+gerúndio

Os dados em (102), (103), (104) e (106) são exemplos da codificação do aspecto imperfectivo cursivo iterativo. Já (107), (108) e (115) são casos que expressam o aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo. O aspecto perfectivo pontual foi codificado nos casos em que V2 é o verbo atélico *pensar*, representados em (110), (111) e (113). Apesar de *ficar* indicar mudança de estado, não estamos verificando a consequência do fato, mas da duração ou não de quando o fato ocorreu.

No que se refere à categoria cognitiva de EVENTO, *ficar* é seguido por um verbo de evento atélico em (102-104), (106), (110), (111) e (113). Os casos de processo télico são representados por (105), (109), (112), (114) e (115). O único caso constituído por um estativo é (108), formado pelo verbo *ser*. Assim como nas construções com outros tipos de verbos analisados, a flexão modo-temporal não interferiu diretamente em sua codificação aspectual.

Do exposto, *ficar* ativou as propriedades semânticas de verbo auxiliar a partir do processo de metaforização. Identificamos que há alta multifuncionalidade (3 tipos aspectuais codificados e 3 tipos acionais).

#### VI.4. Construções com o verbo *viver*

Segundo Cunha (2007), *viver* deriva do latim *vivere*, ‘ter ou estar com vida, existir’, noção essa já apresentada no século XIII. Tal verbo possui o traço /duração/ marcado pela noção de existência, ou seja, trata-se, de certa forma, de uma duração espacial e temporal. Essas características podem ser visualizadas no exemplo (116).

(116) É uma ingra- | tidão do *senhor* Cazuzo, que cem annos que eu **viva** não | esquecerei.  
|| Olhe, *senhor* Cazuzo o senhor não me deu da sua rapadu- | ra, mas para o anno, se eu lá chegar, hei de ir a Pira- | pora e trazer muita, mas da minha rapadura o senhor não chuca.|| (CLR464, XIX)

A passagem a verbo funcional mantém a noção de duração, mas por meio da reanálise há inserção de qualificadores que caracterizam a existência do sujeito, como exemplificado em (117) e (118):

(117) O meu filho Manoel, vulgo o Manduca, está fino co- | mo um doutor. Já soletra a carta de

- nomes que dá gostos. || A senhora **vive gorda**, que é um louvar a Deos. || A mim, não me falta saúde e estou pansudo como | o maior bumbo. || (CLR461, XIX)
- (118) O FEIJÃO E OS ATRAVESSADORES || Senhor Redactor: || Vocemecê é homem da imprensa, **vive sempre preoc-** | **cupado** com as poesias e não ha de saber do que se pas- | sa no mundo de chilra prosa em que eu e minhas co- | madres vivemos. Pois, eu quero sempre dar-lhe uma | prosinha do meu mundéo para que vossa mercê faça uma pe- | quena idéa dos transtornos em que vivemos. || (CLR468, XIX)

O processo de abstratização, por meio da metáfora ESPAÇO > TEMPO, possibilita a combinação de *viver* com estruturas que codificam *aspecto*, como a seguir:

- (119) Era o que faltava que homens que **vivem** só **pensan-** | **do** no modo de nos ser *util* e *agradavel* soffressem nos | seus interesses. Nada, não admitto, e para enristar a | lança por elles estará sempre prompto o || seu velho compadre || O ZÉ DA VESTIA. (CLR459, XIX)

Nesse caso, estamos diante de uma perífrase que codifica o aspecto imperfectivo cursivo iterativo, formada por V2 *pensar*, um verbo de evento atélico.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>	<i>Tokens</i>
01	01	
	i. Aspecto imperfectivo cursivo iterativo	01

Tabela 11 - Frequências *token* e *type* de *viver*+gerúndio

## VI.5. Discussão dos resultados gerais

Nesta seção, realizamos um comparativo geral entre os dados referentes exclusivamente às construções com gerúndio. Foram encontradas apenas 35 (8%) ocorrências perifrásticas formadas por *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio do total de 428 dados analisados. A distribuição desses dados por tipo de texto e por século pode ser verificada na tabela 12.

As construções formadas pelo verbo *continuar* são as que se apresentaram mais produtivas, em 17 casos (48,5%), seguidas pelas formadas por *ficar*, em 14 casos (40%). É interessante notar que esse os casos com o verbo *continuar* foram mais numerosos nas cartas de leitores e redatores do século XX. Como já argumentado, esse resultado parece motivado pelas tradições discursivas vigentes nesse tipo de texto, em que os leitores/redatores utilizavam o fechamento das cartas para fazer elogios ao remetente.

		séc. XVIII	séc. XIX	séc. XX	Total parcial	Total geral
Andar	Cartas de administração	3 (33,3%)	-	-	3 (8,5%)	3 (8,5%)
	Cartas de leitores e redatores	-	0	0	0	
	Cartas Particulares	-	0	0	0	
	Anúncios	-	0	0	0	
Continuar	Cartas de administração	1 (11,2%)	-	-	1 (2,8%)	17 (48,5%)
	Cartas de leitores e redatores	-	1 (11,1%)	14 (82,3%)	15 (43%)	
	Cartas Particulares	-	1 (11,1%)	0	1 (2,8%)	
	Anúncios	-	0	0	0	
Ficar	Cartas de administração	5 (55,5%)	-	-	5 (14,1%)	14 (40%)
	Cartas de leitores e redatores	-	6 (66,7%)	3 (17,7%)	9 (26%)	
	Cartas Particulares	-	0	0	0	
	Anúncios	-	0	0	0	
Viver	Cartas de administração	0	-	-	0	1 (3%)
	Cartas de leitores e redatores	-	1 (11,1%)	0	1 (2,8%)	
	Cartas Particulares	-	0	0	0	
	Anúncios	-	0	0	0	
Total geral		9 (25,75)	9 (25,75)	17 (48,5%)	35 (100%)	35 (100%)

Tabela 12 - Construções formadas pelos verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio nos séculos XVIII, XIX e XX

A baixa produtividade desse tipo de construção nos dados de escrita nos séculos XVIII, XIX e XX parece decorrente do fato de que há especialização de uso em dados de fala. Esse fato foi verificado em Fernandes (2010), trabalho em que foi investigada a gramaticalização dessas construções na fala do interior paulista. Na ocasião, foram coletadas 629 ocorrências, com destaque para 594 (86%) ocorrências formadas pelo verbo *ficar*, como apresentado no gráfico abaixo:

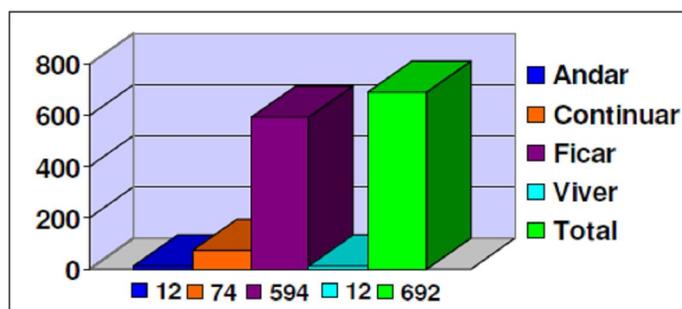


Gráfico 6 - Total de ocorrências formadas por *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio em dados de fala do interior paulista – século XX (FERNANDES, 2010)

Destacamos que diminuição dos dados gerais do século XIX com relação ao século XX pode ter ocorrido em decorrência da modificação dos próprios tipos de textos/gêneros investigados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa realizamos um estudo sobre as construções formadas pelos verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de forma gerundial sob a perspectiva da Abordagem Multissistêmica e das Tradições Discursivas, destacando, diacronicamente, a gradualidade dos empregos de cada forma. A coleta das ocorrências selecionadas para análise foi feita em textos escritos dos séculos XVIII, XIX e XX do português paulista, e o aparato metodológico constituiu-se de uma investigação principalmente qualitativa e de uma quantificação não sofisticada.

A exposição da teoria que aborda esses tipos de construção permitiu, desde o início do trabalho, delinear sua posição no âmbito dos estudos da Linguística Histórica, por se tratar de dados dos séculos XVIII, XIX e XX. Para a análise da sintaticização, pautamo-nos principalmente nos teóricos que abordam a auxiliarização, como Heine (1993), Lobato (1975), Longo (1990), Longo & Campos (2002) e Ilari/ Basso (2008). Constatamos que as construções formadas pelos verbos *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver* seguidos de gerúndio são perífrases verbais, já que são formadas por um verbo auxiliar seguido de uma forma nominal. Por terem atualizado de maneira satisfatória os critérios investigados, o verbo *ficar* nessas construções perifrásticas possuem alto grau de gramaticalidade. Consideramos que os outros verbos são auxiliares com grau médio de gramaticalização.

Os trabalhos de Castilho (1968, 2002, 2010), Ilari/Basso (2008), Travaglia (1981) e Comrie (1976) foram os que mais contribuíram para o entendimento da categoria *aspecto* no funcionamento das construções analisadas no que se refere à análise de sua semanticização. A classificação aspectual foi baseada na tipologia aspectual de Castilho (2002, 2010). Os resultados da análise da categoria cognitiva VISÃO indicaram que as perífrases expressam em sua maioria aspecto imperfectivo cursivo, comprovando parcialmente a hipótese inicial, já que além desse tipo aspectual, foi identificado também o aspecto perfectivo pontual. No que se refere ao aspecto imperfectivo cursivo, identificamos os dois tipos quantitativos: os semelfactivos e os iterativos. No que se refere à categoria cognitiva EVENTO, constatamos que as perífrases são constituídas por verbos estativos, de evento atélico e de processo télico.

Salientamos que a análise das características semânticas de *continuar* e *ficar* atestam o fato de que, por terem o deslocamento físico não marcado, permitem maior combinação de estruturas e tipos semânticos e, por isso, apresentam maior frequência e maior mobilidade na gramática.

Por fim, consideramos que o estudo de casos de mudança verbal segundo a abordagem multissistêmica mostrou-se bastante viável, tendo em vista que esta permite a visualização mais específica dos fatores que motivam a mudança, por segmentar a análise segundo um campo de variabilidade complexa de aplicação de fatores não discretos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- \_\_\_\_\_. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.) *The New Psychology of Language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, p. 145-167, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R., BRIAN, J. (eds). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003b.
- CAMPBELL, L.; JANDA, R. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Science*, 23, 2001, p. 93-112.
- CAMPOS, O. G. L. A. S. Um aspecto da gramaticalização de auxiliares: a interveniência de elementos entre o auxiliar e a perífrase. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v.2, n.3, p. 77-83, 1998.
- CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, 1968.
- \_\_\_\_\_. A gramaticalização. In *Estudos Lingüísticos e Literários*, 19: 25-64, 1997.
- \_\_\_\_\_. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M.B., RODRIGUES, A.C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p.83-121.
- \_\_\_\_\_. Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Lingüística Histórica. Em: A.T. de Castilho / M. A. C. Torres Morais / R.E.V. Lopes / S.M.L. Cyrino (Orgs. 2007). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes / Fapesp, pp. 329-360.
- \_\_\_\_\_. An approach to language as a complex system. *New issues in Historical Linguistics. Signos lingüísticos 6: Julio-diciembre, 2007: 83-120*. Republicado em A. T. de Castilho (Org. 2009: 119-136).
- \_\_\_\_\_. Para uma análise multissistêmica das preposições. Em: A.T. de de Castilho (Org. 2009: 279-332).
- \_\_\_\_\_. Análise multissistêmica da sentença matriz. Em: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Silva / Milton do Nascimento (Orgs. 2009). *Sistemas adaptativos complexos. Língua(gem) e aprendizagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, pp. 35-60.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- COSTA, S. B. S. *O aspecto em português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- DIK, S. C. The theory of functional grammar. In: HENGEVELD, K. *The structure of the clause*. 2 ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. pt. 1.
- DUARTE, P. M. T. De algumas abordagens sobre o aspecto. *Revista do GELNE, Fortaleza*, v. 2, p. 33-36, 2001.
- FARACO, C. A. *Lingüística Histórica*. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2005.

- FERNANDES, F. O. *Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. 2010. Relatório de Iniciação Científica - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas/FAPESP, Unesp, São José do Rio Preto, 2010.
- FONSECA, A. M. H. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas/FAPESP, Unesp, São José do Rio Preto, 2011.
- GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (org.) *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, vol. XII, 1979.
- GODOI, E. *Aspectos do Aspecto*. Tese de Doutorado. Campinas, SP, 1992.
- GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso do português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas, SP, 2002.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, [1985] 1994.
- HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. Grammaticalization. In: JOSEF, B.D.; JANDA, R. *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. London: University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B., REH, M. Patterns of grammaticalization in African languages. *AKUP-47*. Cologne: Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft, 1984.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In TRAUGOTT, E.C., HEINE, N. (ed.) (1991) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p.17-35.
- \_\_\_\_\_. Some recent trends in grammaticalization. *Annu. Rev. Anthropol.* 25, 1996, p. 217-236.
- HOPPER, P., TRAUGOTT, E.. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ILARI, R. *Linguística Românica*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M; CASTILHO, A. T. (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, v. II. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 1-141.
- JANDA, R. Beyond “pathways” and “unidirectionality”: on the discontinuity of language transmission and the counterability of grammaticalization. *Language Science*, 23, 2001, p. 265-340.

- KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, T; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (orgs.) *Para a história do português brasileiro*. Salvador, EDUFBA, tomo II, 2006.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v. 1.), 1995 [1982].
- LIGHTFOOT, D. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- LIMA-HERNANDES, M. C. P. *A interface Sociolingüística/Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como, sincronia e diacronia*. Tese de doutorado. Campinas, 2005.
- LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade. In: LOBATO, L. et al. *Análises Lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 27-91.
- LONGO, B. N. O. *A Auxiliaridade e a Expressão do Tempo em Português*. Tese de doutorado. Araraquara, 1990.
- LONGO, B. O., CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M.B.M., RODRIGUES, A.C. S. (orgs.). *Gramática do Português Falado*, v.VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 445-497.
- LOPES-ROSSI, M. A. G. A categoria verbal de aspecto e a noção semântica de duração. In: *Estudos Lingüísticos*, n. 18, 1989, p. 472-479.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MARTELOTTA, M.E. et al. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.
- MATTOS e SILVA, R. V. Orientações atuais da Linguística Histórica Brasileira. *DELTA*, vol. 15, São Paulo, 1999.
- MATTOSO CAMARA JR., J. *História da Linguística*. São Paulo: Vozes, 1975.
- MENDES, R. B. *A gramaticalização de estar + gerúndio no português falado*. 1999. 112f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Ter + particípio e Estar + gerúndio: aspecto verbal e variação no Português do Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Estar + gerúndio e ter + particípio: aspecto verbal e variação em português*. In: MENDES, R. B. (org.). *Passando a palavra: uma homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Paulistana, 2007, p.137-162.
- NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolingüística/gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n.9, p. 125-134, 2000.
- NEVES, M. H. M. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

- OLIVEIRA, A.K.M. História social e mudança linguística: traçando conexões. Texto apresentado no 17º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP. São Paulo, nov/2009.
- PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- RODRIGUES, A. T. C. “*Eu fui e fiz esta tese*”: as construções do tipo *foi fez no português do Brasil*. 2006. 222f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- SOARES, M. A. B. P. *A semântica do aspecto verbal em russo e em português*. Rio de Janeiro: PROED/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.
- SOUSA, M. C. P. *Linguística Histórica*. In: Claudia Pfeiffer; José Horta Nunes (Orgs.). introdução às Ciências da Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento. 1 ed. Campinas: Pontes, 2006, v. 3, p. 11-48.
- SQUARTINI, M. *Verbal periphrases in Romance: aspect, actionality, and grammaticalization*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1998.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language* 65 (1), 1989, p. 31-55).
- TRAUGOTT, E. C., KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: Traugott/Heine (eds.), 1991.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Gráfica da UFU, 1981.
- VIARO, M. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.